Colecção Autores Gregos e Latinos
Série Textos

Plutarco

Vidas Paralelas
Demóstenes e Cícero

Tradução do grego, introdução e notas
Marta Várzeas




Plutarco

Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero

Tradução do grego, introdução e notas de

Marta Várzeas
Universidade do Porto







Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

Autor: Plutarco
Título: Vidas Paralelas - Demóstenes e Cícero
Tradução do grego, introdução e notas: Marta Várzeas

Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Edição: 1ª/2010

Coordenador Científico do Plano de Edição: Maria do Céu Fialho
Conselho editorial: José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva, Francisco de Oliveira, Nair Castro Soares
Director técnico da colecção / Investigador responsável pelo projecto *Plutarco e os fundamentos da identidade europeia*: Delfim F. Leão
Concepção gráfica e paginação: Nelson Henrique, Rodolfo Lopes
Índice de nomes: Elisabete Cação

Obra realizada no âmbito das actividades da UI&D
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733
3000-447 Coimbra

ISBN: 978-989-8281-50-0
ISBN Digital: 978-989-8281-51-7
Depósito Legal: 314676/10

Obra Publicada com o Apoio de:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA
POCI/2010

SoPlutarco
Sociedade Portuguesa de Plutarco

© Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis

© Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

Volume integrado no projecto ***Plutarco e os fundamentos da identidade europeia*** e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Índice

Vida de Demóstenes

Observações preliminares

A edição que serviu de base à presente tradução é a de K. ZIEGLER, *Plutarchi Vitae Parallelae*, Leipzig, Teubner, 1959-1971.

Introdução

O nome de Demóstenes ocupa um lugar cimeiro na história da arte oratória. A qualidade e o vigor da sua eloquência eram reconhecidos até pelos adversários seus contemporâneos, mas foram os sábios de Alexandria que, entre os séculos III e II a.C., lhe atribuíram lugar destacado no cânon dos dez oradores áticos, permitindo assim às gerações vindouras o estudo da sua obra e a imitação do seu estilo. Com efeito, os discursos de Demóstenes faziam parte do *corpus* de textos modelares que, ao longo da Época Helenística, deram uma formação de nível superior aos estudantes de retórica.[1] Cícero, educado, como qualquer homem culto da época, pelos moldes da *paideia* helenística, tinha-o como modelo e considerava-o o mais excelso orador em todos os géneros oratórios[2]; e o autor do *Tratado do Sublime*, provavelmente do século seguinte, aponta-o como paradigma da prosa mais elevada, colocando-o acima dos oradores de todos os tempos[3].

Não foram, porém, as qualidades oratórias que despertaram o interesse de Plutarco pela sua figura. A intenção pedagógica e moral que presidiu à composição das biografias de homens ilustres do passado grego e

[1] MARROU (1964: 246) informa que Demóstenes é, juntamente com Homero, Eurípides e Menandro, um dos quatro pilares da cultura clássica que se aprendia nas escolas helenísticas.

[2] Cícero, *Or.* 104.

[3] Cf. Dionísio de Halicarnasso, *Is.*20.

romano afastava-o do estudo retórico e estilístico da obra de Demóstenes, conduzindo-o necessariamente para outro caminho. Como o autor explica na parte introdutória desta *Vida*, o que se propõe analisar no confronto entre Demóstenes e Cícero é “o carácter e as disposições de alma de ambos a partir das acções e da vida pública de cada um”. É, portanto, de uma avaliação do carácter – *ethos* – que se trata aqui e não do juízo acerca da qualidade dos discursos produzidos. Mas uma outra razão o impedia de realizar esse estudo: a honestidade intelectual que o obrigava a evitar a comparação entre aqueles oradores, devido aos escassos conhecimentos da língua latina (2. 4-3. 1).

Apesar de seguir o esquema geralmente usado para apresentar os seus biografados e que obedece a uma certa ordem cronológica, a verdade é que não existe qualquer rigidez na narração da sequência dos episódios. Na visão de Plutarco não é uma apresentação cronologicamente linear que melhor serve o propósito das *Vidas*, por isso opta por ir narrando os episódios seleccionados à medida que se revelam importantes para ilustrar um determinado traço marcante do carácter do biografado. O método é, portanto, sintético e os dados biográficos interessam sobretudo enquanto possam revelar o *ethos* das personagens, surgindo como paradigmas de uma moral prática a servir de orientação para os leitores.

Não admira, pois, que a obra de Plutarco não satisfaça quem queira conhecer a carreira política de Demóstenes e as circunstâncias históricas em que ela se desenvolveu. Todos os acontecimentos históricos

referidos na biografia são-no apenas de forma alusiva, sem qualquer preocupação de descrição exaustiva. Podemos dizer que eles são apenas o pano de fundo em que se move Demóstenes. Esta não é, de facto, uma obra histórica, como o autor afirmava já na *Vida de Alexandre*, e, dados os objectivos pedagógicos, a biografia prescinde da apresentação sequencial cronológica, visto que lhe interessam as acções do indivíduo particular no sentido em que possam contribuir para revelar o seu carácter, ou seja, para nelas se perceberem as normas morais de que resultam[4].

Convém, pois, antes da apresentação desta *Vida*, começar pela contextualização dos dados históricos relativos a Demóstenes e à sua época, sem os quais a narrativa de Plutarco se tornará porventura mais difícil de acompanhar.

Demóstenes: enquadramento biográfico e histórico

Demóstenes nasceu em 384 a.C. em Atenas, no demo de Peânia. Filho de um fabricante de facas, o pai morreu quando ele tinha sete anos de idade, deixando a administração dos seus negócios ao cuidado de tutores que lhe delapidaram a quase totalidade dos bens. A formação retórica junto do orador Iseu permitiu-lhe

[4] Assim justifica o autor na abertura da *Vida de Alexandre* por que motivo abdica da narração dos grandes feitos bélicos dos biografados, afirmando que não é neles que se manifesta a virtude ou o vício (ἀρετῆς ἢ κακίας), mas nas pequenas frases e gestos. Sobre a íntima ligação, no pensamento grego antigo, entre carácter e acção e a sua avaliação de acordo com normas morais, *vide* DUFF (1999: 13-14).

mais tarde, quando chegou à idade adulta, montar a acusação contra os seus tutores num processo de que saiu vencedor. O sucesso obtido com este primeiro caso lançou-o na carreira de logógrafo, isto é, na composição de discursos para outros proferirem em tribunal, dado que, segundo as leis atenienses, aos próprios litigantes cabia a apresentação da acusação e da defesa, não podendo eles ser representados por outros, se não em situações excepcionais.

Escrevendo para terceiros, ou discursando em seu próprio nome, Demóstenes começou a intervir na vida pública da cidade com discursos como *Contra Andrócion, Contra Léptines, Contra Timócrates,* e outros sobre questões de política externa, como *Sobre as Simorias*, *Em defesa dos Megalopolitanos* ou *Sobre a liberdade dos Ródios*.

Atenas vivia neste século IV mergulhada em sucessivos conflitos, unida primeiro a Tebas contra Esparta, depois a Esparta contra Tebas, procurando o equilíbrio de forças na Hélade, mas sobretudo visando a recuperação da sua grandeza passada e a sua afirmação como potência marítima. Se com Tebas conseguiu vencer Esparta, mais tarde foi com esta derrotada por Tebas na batalha de Mantineia, em 362. Depois disto, a revolta dos estados que alguns anos antes haviam entrado na Confederação Ateniense e estavam agora descontentes com a supremacia daquela cidade, deu origem à chamada Guerra dos Aliados (357-355), liderada por Rodes, Cós e Quios, que abalou grandemente a sua força, pois também deste conflito Atenas saiu derrotada. Por outro

lado, os Persas, potência dominante no Mediterrâneo oriental, representavam ainda uma perigosa ameaça. Por isso, se internamente a cidade se mantinha segura e com alguma estabilidade política, continuando ainda a possuir a maior frota do Egeu, a consolidação do seu poder não fora alcançada externamente. A agravar esta situação Filipe II da Macedónia, que subira ao trono em 359, tirando partido do enfraquecimento de Atenas, começou a atacar os seus interesses no norte da Grécia: conquistou Anfípolis, Pidna, Potideia e foi avançando, ganhando cada vez maior terreno, até chegar às Termópilas, o que constituía terrível ameaça para a Grécia central e do sul. As pretensões de Filipe pareciam claras: fazer da Macedónia a potência dominante na Hélade.

Foi então que Demóstenes dirigiu contra o rei macedónio a sua arma mais poderosa, a eloquência, proferindo em 351 o primeiro de quatro discursos que ficaram conhecidos como *Filípicas*, nos quais denunciava e atacava Filipe II, advogando uma resposta agressiva por parte dos Gregos. E, a partir daí, foi sempre a defesa da liberdade da sua pólis e de toda a Hélade que erigiu como bandeira da sua intervenção pública. Logo depois, em 349, compõe, com pequenos intervalos, as *Olínticas*, um conjunto de três discursos contra aquele soberano e a favor de Olinto, cidade da Calcídica por ele atacada e que pedira ajuda a Atenas. O auxílio dado pelos Atenienses foi, porém, insuficiente e tardio, de modo que o Macedónio tomou a cidade, completando assim a conquista da península da Calcídica.

De 346 é a derrota da Fócide, envolvida na Guerra Sagrada da Anfictionia de Delfos, uma Liga de várias cidades, com Tebas à cabeça, que tinha a responsabilidade de gerir todos os assuntos relacionados com o santuário de Delfos. Apoiada por Atenas, a Fócide tomara o santuário, pelo que a Anfictionia lhe declarou guerra. Tebas contou com o apoio de Filipe que castigou os Focenses duramente.

Desse mesmo ano é o envio de uma embaixada a Filipe constituída por dez oradores, entre os quais Ésquines e Demóstenes, ambos, à época, membros do Conselho dos Quinhentos. E aqui começa uma rivalidade que haveria de durar cerca de vinte anos entre os dois homens. Com efeito, apesar de Demóstenes apoiar os termos do acordo de paz que ficou conhecido como Paz de Filócrates – um dos enviados e principal proponente do tratado –, o curso posterior dos acontecimentos não lhe permitiu continuar a defendê-lo. A Paz de Filócrates cedo revelou ser um fracasso que muito prejudicou Atenas. Filipe continuou a anexar territórios e poucos dias depois da ratificação do tratado, feita numa segunda embaixada a Péla, levou o exército para a Grécia central e tomou o controle das Termópilas, colocando uma guarnição em Niceia.

De regresso desta segunda embaixada, no verão de 346, Demóstenes, em profundo e veemente desacordo com a política de aproximação à Macedónia defendida por Ésquines, contra ele pronuncia o discurso *Sobre a falsa embaixada*, acusando-o de trair os interesses gregos e de se deixar corromper por Filipe. Ésquines foi absolvido

e mais tarde, em 343, foi ele mesmo que tentou acusar o seu rival de má condução da segunda embaixada. Mas era já tão clara em Atenas a ameaça à sua liberdade e autonomia que Ésquines não conseguiu convencer os Atenienses das vantagens da diplomacia como forma de lidar com os Macedónios. E Filócrates foi mesmo para o exílio. Demóstenes, pelo contrário, continuou a defender a necessidade urgente de rechaçar o invasor e pronuncia, em 341, a *Terceira Filípica*, provavelmente o mais arrebatado discurso do orador contra o soberano.

Nos anos seguintes, por sua iniciativa, uma coligação de cidades prepara-se para a guerra e Demóstenes consegue o seu mais difícil feito diplomático: convence os Tebanos a unirem-se a ela contra o Macedónio. Mas depois de várias escaramuças, a coligação sofre uma pesada derrota em Queroneia em 338, data que marca o fim da liberdade política de Atenas e da Hélade. Todavia, ao contrário do que fizera com Tebas, onde instalou, na Cadmeia, uma guarnição macedónica, Filipe não ocupou Atenas e permitiu-lhe até alguma autonomia.

Desta batalha saiu aquilo que hoje em dia se conhece como Liga de Corinto, uma organização de estados que juntou, sob a liderança de Filipe, o *hegemon*, a maioria das cidades mais importantes da Grécia continental, à excepção de Esparta. Perdia-se assim, na prática, a liberdade e a independência da pólis, um dos traços identitários dos Helenos que ao longo de vários séculos vigorara na Hélade.

Pouco depois, em 336, a morte de Filipe às mãos do macedónio Pausânias, trouxe novo ânimo e esperança

a Demóstenes e algumas cidades tentaram libertar-se do compromisso de fidelidade à Macedónia. Entre elas Tebas que, por esse motivo, foi exemplarmente arrasada no ano seguinte por Alexandre Magno, deixando os Atenienses em completo desespero. Alexandre pediu que lhe fossem entregues os oradores inimigos e só a intervenção de Fócion, um famoso orador pro-macedónio, adversário de Demóstenes, conseguiu aplacar a sua ira.

Ainda no ano de 336 tem início um episódio marcante da vida de Demóstenes, ligado à já referida rivalidade com Ésquines. Um ateniense, de nome Ctesifonte, propõe a atribuição, no festival das Grandes Dionísias, de uma coroa de ouro – honra com que eram distinguidos os cidadãos beneméritos – a Demóstenes pelos serviços prestados à cidade, entre os quais se contava a reparação das muralhas do Pireu, para a qual o próprio orador contribuíra com algum dinheiro. Ésquines reage, movendo uma acção contra Ctesifonte, alegando violação da Constituição, já que, na altura, Demóstenes não havia ainda prestado contas dos seus actos administrativos e, além disso, no seu entender, nenhum mérito ele possuía que justificasse tal distinção honorífica. O acusado era Ctesifonte mas o verdadeiro alvo era, evidentemente, Demóstenes. O processo acabou por ser adiado e só alguns anos depois, em 330, Ésquines pronunciou o seu discurso *Contra Ctesifonte* ao qual Demóstenes responde com a *Oração da coroa*, a sua obra prima. Os Atenienses ficaram do seu lado, demonstrando claramente pela votação que nele viam o feroz adversário da expansão macedónica e o defensor

da liberdade que tanto prezavam. O resultado foi a condenação de Ésquines ao pagamento de uma multa e a sua ida para o exílio, saindo definitivamente da cena ateniense.

Os últimos anos da vida do orador estão marcados pelo episódio envolvendo Hárpalo. Este era um tesoureiro de Alexandre que fugira para Atenas com o dinheiro do rei e lá pedira permissão para o depositar. Demóstenes foi, juntamente com outros, acusado de se servir desse dinheiro, razão pela qual foi condenado ao pagamento de uma multa de cinquenta talentos. Tratando-se de uma quantia muito elevada que o orador não podia pagar, a alternativa era a prisão, de que ele foge com a conivência de alguns, como informa Plutarco.

Após a morte de Alexandre em 323, estando o orador ainda no exílio, reanima-se a sua esperança e junta-se aos embaixadores atenienses num último esforço para expulsar os Macedónios, tentando convencer as cidades da Hélade a unirem-se contra eles. Por isso é chamado a Atenas, que nos seus actos de patriotismo vê de novo a devoção à causa da liberdade e o recebe entusiasticamente. O general ateniense Leóstenes cerca Antípatro, um dos sucessores de Alexandre, em Lâmia, dando início à guerra lamíaca, mas pouco depois os revoltosos são derrotados em Cránon, na Tessália, e Antípatro impõe a Atenas um governo oligárquico filomacedónico e exige a entrega dos oradores inimigos. Demades, o orador colaboracionista, consegue a condenação de Demóstenes que foge para a Caláuria e aí, no templo de Poséidon se suicida, evitando a morte ignominiosa às mãos dos carrascos macedónios.

Ao contrário do que acontece com as suas virtudes oratórias, unanimemente reconhecidas pelos críticos antigos e modernos[5], a avaliação do papel de Demóstenes na cena política ateniense do séc. IV a.C. continua longe de ser consensual. Desde a Antiguidade que ele é visto ora como o defensor da liberdade e da democracia contra a opressão, ora como um homem ambicioso à procura de protagonismo político, ou ainda – sobretudo após a moderna descoberta do mundo helenístico e do universalismo cultural e espiritual que nele se desencadeou[6] – como o político sem visão, agarrado a um decadente passado de grandeza e sem capacidade de abertura a um novo ciclo histórico, ao contrário de um Isócrates que fora capaz de ver mais além. Na introdução de um livro recente sobre o orador, que reune os contributos de vários especialistas, anuncia Ian Worthington que a obra se destina a avaliar a carreira política e oratória de Demóstenes "a partir de vários pontos de vista, e a tentar decidir que espécie de homem ele foi: patriota ou oportunista, ou ambos"[7].

Embora enquadrado pelo objectivo mais vasto da pedagogia moral, podemos dizer que foi um propósito semelhante aquele que animou a biografia de Demóstenes feita por Plutarco.

---

[5] Sobre a reputação retórica de Demóstenes na Antiguidade, defende Cooper que nos tempos helenísticos ela não seria muito positiva nos meios filosóficos, sobretudo entre os Peripatéticos. *Vide* COOPER (2001).

[6] Cf. JAEGER (1986: 941-944).

[7] Cf. WORTHINGTON (2001: 3).

Demóstenes segundo Plutarco

Quando Plutarco escreve as suas biografias já muito se escrevera e dissera, ao longo de quase quatro séculos, acerca de Demóstenes – das suas excelsas qualidades oratórias, mas também da sua carreira política e do seu carácter, os aspectos mais controversos da vida do grande orador. O impulso para esta narrativa biográfica parece ter sido justamente a necessidade de revisão daquela figura do passado por quem o Queroneu sente uma indisfarçável admiração e que nem sempre, na sua perspectiva, teria sido alvo de um justo e rigoroso escrutínio. É este desejo de lançar uma nova luz sobre Demóstenes que o leva a recolher informações, a analisá-las e a exercer sobre elas o seu próprio juízo, oferecendo ao leitor um retrato que pretende isento, mas em que realça o que considera digno de ser imitado e censura o que se lhe afigura indigno de imitação.

As primeiras afirmações do autor, apesar de parecerem meramente circunstanciais ou puramente retóricas, são, de certa maneira, programáticas, no sentido em que definem uma espécie de programa moral sintetizado na identificação da felicidade com a virtude, a *arete*. Não é da grandeza da cidade de origem, diz Plutarco, que depende a verdadeira felicidade, mas, em grande parte, do carácter e das disposições da alma; e estes, só quando albergam a *arete* e a deixam ganhar raízes, são realmente grandes. Não são, pois, as cidades que dão estatura aos homens, mas estes que com as suas acções virtuosas engrandecem as cidades. Fica assim claro que no retrato plutarqueano de Demóstenes o primeiro

plano é dado àquilo que no seu carácter se ficou a dever à virtude, não ao seu lugar de origem, e ainda a tudo aquilo que contribuiu para o bem da cidade ou foi, pelo menos, para esse fim orientado.

De acordo com o esquema habitual das *Vidas*, é pela infância que Plutarco dá início à narração. Os dados seleccionados, como a referência à debilidade física que suscitava a troça dos outros rapazes, encontram um curioso paralelo nas informações relativas ao início da carreira oratória, também ele marcado por fragilidades várias que lhe valeram, numa primeira fase, a rejeição e a chacota por parte do povo. Demóstenes não só continuava a mostrar uma geral fraqueza física, como tinha problemas de dicção e de articulação das palavras e ainda dificuldades de natureza propriamente retórica, como a da organização das ideias e a da *actio*, ou pronunciação. Foi com um actor seu amigo, de nome Sátiro, que percebeu a importância da elocução, da declamação, do tom de voz e dos gestos para a eficácia do discurso. E nesses aspectos fez incidir o seu trabalho e o seu esforço. A tempo inteiro se dedicou a exercitar os argumentos, o arranjo das ideias e frases, a declamação, e bem assim a combater a gaguez e a falta de clareza.

Por conseguinte, como se vê, Demóstenes é logo à partida caracterizado como um homem persistente, determinado a alcançar o seu grande objectivo: a intervenção política eficaz, transformadora, que, como ainda muito jovem descobrira ao assistir ao julgamento de Calístrato, depende em absoluto do domínio da palavra (5. 4). Mas é ainda uma outra lição que porventura o

autor pretende seja retirada destes dados: a de que nas mãos do indivíduo – ou na sua alma – se encontra a possibilidade de transformar a própria vida e de a orientar para a grandeza de um ideal, independentemente das limitações que seja necessário enfrentar no começo. De resto, é este um dos traços que justifica a aproximação das vidas de Demóstenes e de Cícero os quais, como diz Plutarco, de vulgares e pequenos conseguiram tornar-se grandes e influentes (3. 4).

A referência ao exercício e ao treino retórico a que o orador se entregou dá ensejo a que o biógrafo passe para a consideração de algumas questões, susceptíveis de apreciação ética, relacionadas com a sua actividade oratória e que haviam sido motivo de polémica entre os Antigos. Plutarco informa que a extrema preocupação do orador em se preparar devidamente lhe valeu a fama de não possuir dotes naturais e a sua eloquência derivar apenas do trabalho e do treino. Esta era uma crítica importante numa sociedade ainda muito ancorada nas práticas orais e que tinha grande fascínio pelo improviso. Já algumas décadas antes Górgias se gabava de conseguir discorrer sobre qualquer assunto sem se preparar previamente. E Alcidamante, seu discípulo e, segundo informação recebida pelo próprio Plutarco, uma das referências de Demóstenes, defendia justamente os discursos improvisados, por mais adequados à circunstância concreta da sua apresentação. A própria polémica socrático-platónica contra o discurso escrito é, de algum modo, o reflexo de uma sensibilidade arreigada na maioria dos homens e favorável a uma eloquência

espontânea, considerada mais natural e, por isso, mais verdadeira. E apesar de a arte retórica se ter já instituído como matéria de estudo, ou talvez mesmo por essa razão, aquela polémica continuava, havendo entre os contemporâneos de Demóstenes alguma desconfiança relativamente à incapacidade de falar de improviso.

A crítica não era apenas dirigida à falta de dotes naturais, ela implicava também a acusação de fabrico de uma linguagem artificiosa e, portanto, a acusação de falsidade. Daí que Plutarco apresente argumentos em sua defesa. O primeiro é do próprio Demóstenes que se justificava, dizendo ser essa a atitude verdadeiramente democrática, no sentido em que reflectia a preocupação pela opinião do povo, ao contrário do oligarca que impunha a sua vontade sem se preocupar em obter o acordo da maioria. O argumento parece impor-se pela sua pertinência e ter a aprovação do biógrafo que não o comenta. Em vez disso, acrescenta exemplos de algumas ocasiões em que Demóstenes rebateu *ex tempore* os argumentos dos adversários, levando a melhor nos debates, e conta alguns episódios em que respondeu com humor – outro dos sinais do seu à-vontade no improviso.

Depois destas primeiras considerações acerca dos dotes oratórios de Demóstenes, Plutarco transita para a análise da sua prática política (11. 7), procurando rebater a visão negativa que dela se fora desenhando ao longo do tempo, com a sua própria avaliação dos dados, e com a citação de outros testemunhos mais favoráveis ao orador. Uma das acusações de que este fora alvo era a do

excessivo amor ao dinheiro que, na opinião de muitos, determinara os caminhos por si escolhidos. Plutarco, apesar de não escamotear este traço negativo do carácter, rejeita que tenha sido ele a servir de princípio orientador das opções políticas de Demóstenes, defendendo antes que, sempre e de forma constante e coerente, o orador pautara as suas escolhas políticas, e particularmente a da luta contra os Macedónios, pelos princípios do bem, da honra e da decência (12. 7; 13. 2, 5-6).

Tal não invalida, porém, o incómodo perante aquela acusação. Plutarco refere-a pontualmente, ora em episódios passíveis de uma leitura mais favorável – como o de Mídias (12. 3-6) – ora em outros que, a serem verdadeiros, ensombram grandemente o *ethos* do orador (14. 2; 15. 2; 25. 1-6). A verdade é que, mesmo no episódio relativo a Hárpalo, o autor não deixa de sugerir subtilmente a possibilidade de uma diferente interpretação dos factos, ao contar que muitos dos adversários de Demóstenes estiveram do seu lado (26. 3-4). Que o assunto não é pacífico para o biógrafo, demonstra-o a necessidade de a ele voltar, talvez não por acaso, no final desta primeira *Vida*, contando a historieta (31. 1-3) do soldado que escondera nas mãos da estátua de Demóstenes uma pequena quantidade de ouro a qual, mais tarde, encontrou intacta, facto que a muitos pareceu uma espécie de mensagem ou sinal destinados à reposição da verdade sobre o carácter daquele homem. Plutarco voltará a referir-se a essa acusação na *Synkrisis* com que remata estas *Vidas Paralelas*, mas fá-lo de maneira algo reticente, deixando uma sugestão de

dúvida ou, pelo menos, de ausência de absoluta certeza acerca dos relatos concernentes à avidez de riquezas do orador.

Seja como for, quer o amor ao dinheiro quer a falta de coragem em situação de guerra, demonstrada em Queroneia, são os dois aspectos da vida de Demóstenes que maculam a exemplaridade do seu *ethos* e até das suas qualidades políticas, reveladas no uso da palavra. No pensamento de Plutarco não pode a excelência do discurso separar-se da excelência das acções. De acordo com um ideal humano que se encontra já em Homero, o homem tem de demonstrar a *arete* em ambos os aspectos da sua vida. Por isso lhe é impossível colocar o maior dos oradores ao lado de homens do passado como Címon, Tucídides e Péricles (13. 6); por isso afirma que ele não superou o seu rival, Fócion (14. 1, 3). A comparação com Fócion é, aliás, muito sintomática do que na visão moralista de Plutarco verdadeiramente importa. As opções políticas deste orador, o seu apoio à causa macedónica, não são suficientes para o rejeitar como modelo. Mais importante do que isso são os traços do seu carácter, a sua coragem e o seu sentido de justiça. Plutarco parece dizer que quaisquer opções políticas são admissíveis desde que se mantenha a integridade nos actos e desde que elas nasçam da convicção de estarem ao serviço do que é justo. Pelo contrário Demóstenes não demonstra nos seus actos particulares aquele apreço pela beleza das acções dos antepassados que em palavras manifestava.

Todavia, diz o biógrafo, à excepção de Fócion, ele ultrapassou os outros oradores na condução da sua

vida, pois não procurava agradar à multidão, não se comportava como um demagogo, mas opunha resistência às paixões do povo, censurando-o com veemência e até com ira. Era destemido nos discursos contra Filipe e em todas as acções políticas demonstrou ser um amante da democracia e da liberdade da Hélade que se recusara ver cair sob o domínio da Macedónia.

Responsabilidade pela derrota em Queroneia é outra das acusações que o biógrafo rejeita, com a visão distanciada do homem que não limita a compreensão dos acontecimentos a uma causalidade directa e imediata e que, devido até à distância temporal que o separa, neles vê porventura a etapa necessária para o que viria depois. A derrota dos Gregos é apresentada como uma espécie de fatalidade vinda dos deuses, ou como uma necessidade, algo resultante do "curso natural dos acontecimentos" (19. 1). Com efeito, de outra maneira se não poderia entender o fracasso, quando era tão grande e tão justo o desejo de liberdade.

Outros episódios dignos de registo e que igualmente vão preenchendo o retrato de Demóstenes são o da sua reacção à morte de Filipe, à morte da própria filha e a atitude que teve no exílio. Apesar de parecer um comportamento menos grave do que os anteriormente referidos, o regozijo manifestado publicamente pela morte de Filipe II merece a censura de Plutarco que nisso vê um sinal de desumanidade e até de alguma impiedade; e a mesma censura lhe merece o desânimo que, no exílio, o levou a proferir palavras impróprias de um homem da sua envergadura. Já a contenção e

a sobriedade com que reage estoicamente à morte da única filha suscitam ao autor os melhores elogios, contrabalançando, por assim dizer, o que de negativo Demóstenes deixara transparecer perante a notícia do inimigo morto.

Mas é a sua própria morte que vem atenuar os traços menos positivos do seu carácter. A nobreza e a dignidade com que encarou aqueles últimos momentos, a coragem e a elevação com que tomou o veneno, frustrando a ímpia violência dos seus inimigos, redimem, ou pelo menos assim o faz crer Plutarco, as suas falhas. O autor furta-se a dar conta, por serem muito numerosos, de todos os relatos existentes acerca das exactas circunstâncias em que tudo ocorreu. Apenas a hipótese de Demócares ele faz questão de contar, numa clara indicação da sua própria visão dos acontecimentos. Julgava aquele parente de Demóstenes que a morte rápida e sem sofrimento ter-se-ia devido à intervenção da divina Providência que assim quisera poupar o orador a um sofrimento e humilhação atrozes.

De reparação de uma injustiça falam ainda as últimas informações acerca do ocorrido após a morte de Demóstenes: o castigo daquele que o condenou, Demades, que morre ignominiosamente às mãos dos próprios Macedónios por si bajulados; o reconhecimento do seu valor e heroísmo através da estátua de bronze que lhe foi erigida e em cuja inscrição ficava gravado para sempre o seu papel na luta pela liberdade da Hélade; e o decreto segundo o

qual o filho mais velho passava a ser alimentado no Pritaneu em reconhecimento dos serviços que seu pai prestara à pólis.

Vida de Demóstenes

1. 1. O autor do elogio de Alcibíades[1] por ocasião da sua vitória na corrida de carros em Olímpia — Eurípides, como é opinião dominante, ou um outro poeta — afirma que a primeira coisa de que alguém precisa para ser feliz, Sósio Senecião[2], é pertencer a "uma cidade afamada". Eu, porém, creio que a verdadeira felicidade depende, em grande parte, do carácter e das disposições da alma e, por isso, para a alcançar é tão importante provir de uma pátria obscura e humilde como de uma mãe feia e de baixa estatura. 2. É ridículo pensar que, se alguém isolasse Iúlis – uma pequena parte da pequena ilha de Céos – e Egina – que um dos Atenienses até desejava tirar da frente do Pireu como se fosse uma remela – essas cidades, que criaram actores e poetas de qualidade, não seriam capazes de produzir um homem justo e senhor de si, com inteligência e grandeza de alma[3]. 3. É natural que as outras artes, constituídas

---

[1] General ateniense, discípulo e amigo de Sócrates. Dele fez também Plutarco uma biografia, a *Vida de Alcibíades*, na qual refere esta vitória que terá tido lugar em 416 a.C.

[2] Amigo de Plutarco, a quem este dedica as suas *Vidas* e alguns outros escritos, Sósio Senecião pertencia à aristocracia romana, tendo sido cônsul em 99.

[3] Iúlis, na ilha de Céos, era a terra natal de dois grandes poetas líricos gregos, Simónides e Baquílides. Da ilha de Egina era natural um actor famoso, de nome Pólo, cuja mestria na arte da representação será referida de passagem na parte final desta *Vida* (28. 3). Quanto ao Ateniense aqui referido, trata-se de Péricles, como Plutarco dirá na biografia a ele consagrada (8. 7).

com vista ao lucro e à fama, definhem em cidades obscuras e humildes, mas a virtude, como uma planta vigorosa e resistente, ganha raízes em qualquer lugar, desde que tome conta de uma natureza nobre e de uma alma que não odeie o esforço. 4. Por isso, também nós, se não cuidarmos de pensar e viver como é conveniente, não atribuiremos isso à insignificância da nossa pátria mas, com toda a justiça, a nós mesmos.

2. 1. Todavia, para quem se abalança à composição de uma obra histórica, procurando textos que não estão nem à mão nem em casa mas, na sua maioria, se encontram no estrangeiro dispersos por diversos sítios, para esse, sim, é necessário, em primeiro lugar e acima de tudo, viver "numa cidade afamada", de modo a dispor em abundância de toda a espécie de livros, e a poder recolher informações orais acerca de tudo aquilo que, tendo escapado aos escritores, foi conservado na memória dos homens e constitui testemunho mais seguro. Assim poderá produzir uma obra a que não falte nada do que é necessário. 2. Mas eu, que habito uma pequena cidade e nela tenho o prazer de morar para que não se torne ainda mais pequena, em Roma e nas minha estadias pela Itália, sem tempo para praticar a língua latina, devido às minhas ocupações políticas e aos que iam ouvir as minhas lições de filosofia, só já tarde e com idade avançada comecei a ler obras latinas. 3. E, ao fazê-lo, senti algo espantoso mas verdadeiro: não era a partir das palavras que eu conseguia compreender e conhecer as coisas, mas a partir das coisas de que já tinha alguma

experiência que era capaz de entender as palavras. 4. Perceber a beleza e a concisão dos textos latinos, as figuras de estilo, a harmonia e os outros ornamentos do discurso é, creio, um prazer gratificante. Porém, não é fácil o exercício e a prática neste domínio, a não ser para aqueles que têm maior disponibilidade e cujo tempo de vida lhes permite ainda tais ambições.

3. 1. Por essa razão, ao escrever neste livro — o quinto das *Vidas Paralelas* — sobre Demóstenes e Cícero, examinarei em confronto o carácter e as disposições de alma de ambos a partir das acções e da vida pública de cada um, mas renunciarei a comparar os seus discursos e a dar opinião sobre qual dos dois é mais agradável ou mais hábil a falar. 2. É que, como diz Íon[4], "a força do golfinho nada vale sobre a terra firme", verso que Cecílio[5], exagerado em tudo, ignorou, cometendo a ingénua imprudência de publicar uma comparação entre a eloquência de Demóstenes e a de Cícero. A verdade é que, se o "conhece-te a ti mesmo"[6] fosse natural em todos os homens, não pensaríamos ser um preceito divino. 3. Parece que, desde o princípio, quando os formou, a divindade colocou na natureza de Demóstenes e na de Cícero muitas características semelhantes, como a ambição e o amor da liberdade na vida política, e a

[4] Íon de Quios, poeta e prosador grego do séc. V a.C.. Desconhece-se a origem do verso aqui citado.

[5] Cecílio de Calacte (séc. I a.C.), historiador e mestre de retórica, amigo de Dionísio de Halicarnasso.

[6] Conhecida máxima, atribuída a um dos Sete Sábios, que estava inscrita em Delfos, no templo de Apolo.

falta de coragem perante guerras e perigos; e ainda os aproximou em muitos acontecimentos ocasionais das suas vidas. 4. De facto, creio não ser possível encontrar dois outros oradores que, de vulgares e pequenos, se tornaram influentes e grandes, enfrentaram reis e tiranos, perderam as filhas, foram banidos da pátria mas a ela regressaram com honra, de novo fugiram e foram capturados pelos inimigos, e perderam a vida ao mesmo tempo que os cidadãos perderam a liberdade. 5. De tal maneira que, se houvesse, como acontece nas discussões acerca dos artistas, uma competição entre a natureza e o acaso, seria difícil decidir se foi aquela que, pelo carácter, os tornou mais parecidos, ou este, pelas circunstâncias da vida. Mas falemos em primeiro lugar do mais antigo.

4. 1. Demóstenes pai era, segundo Teopompo[7], de nobre família e chamavam-lhe cuteleiro, porque possuía uma grande oficina com escravos artesãos que fabricavam aqueles utensílios. 2. Quanto ao que o orador Ésquines disse acerca de sua mãe — que seria filha de um tal Gílon, banido da cidade por acusação de traição, e de uma mulher bárbara — não podemos dizer se se trata de uma afirmação verdadeira ou, antes, falsa e caluniadora. 3. O pai morreu quando Demóstenes tinha sete anos e deixou-o numa boa situação financeira (a totalidade dos seus bens foi estimada em cerca de quinze talentos), mas os tutores causaram-lhe grandes

[7] Natural de Quios, Teopompo foi um importante historiador do séc. IV a.C.

prejuízos[8], pois roubaram uma parte da fortuna e não cuidaram bem da outra, de tal maneira que até aos seus mestres deixaram de pagar o salário. 4. Foi, ao que parece, por esta razão que Demóstenes cresceu sem receber a educação conveniente e apropriada a uma criança de condição livre; e ainda porque, devido à fraqueza e debilidade físicas, nem a mãe lhe permitia fazer esforços nem os pedagogos exigiam muito dele. 5. Com efeito, foi sempre muito magro e enfermiço, e por isso se diz que as outras crianças o tratavam pela alcunha injuriosa de "Bátalo", troçando do seu aspecto físico. 6. Bátalo era, como dizem alguns, um daqueles tocadores de flauta efeminados e Antífanes[9] compôs uma pequena peça, ridicularizando-o por esse motivo. Alguns outros, porém, lembram Bátalo como um poeta que escrevia coisas indecorosas, cantadas sob o efeito do vinho. 7. Por outro lado, parece que, entre os Áticos, se chamava bátalo àquela parte do corpo que não é próprio nomear. Quanto ao nome Argas — pois dizem que também esta era uma alcunha de Demóstenes — foi-lhe dado ou devido aos seus modos um pouco selvagens e esquivos (alguns poetas chamam "argas" à serpente), ou devido à sua maneira de falar, que aborrecia quem o escutava (Argas era o nome de um compositor de cantos difíceis e de má qualidade). E quanto a isto basta.

[8] Por vontade do pai ficaram como administradores dos bens Áfobo e Demofonte, seus sobrinhos, e Terípides, um velho amigo. Contra o primeiro escreveu Demóstenes um discurso no qual se encontram as informações aqui avançadas por Plutarco.

[9] Comediógrafo do séc. IV a.C., representante da chamada Comédia de Transição.

5. 1. Dizem que na origem do seu interesse pela oratória esteve o seguinte episódio. Estando o orador Calístrato para pleitear em tribunal a causa relativa a Oropo[10], era grande a expectativa em relação ao debate, não apenas devido ao talento do orador, que então gozava da mais alta reputação, mas também devido à causa em si, que era motivo de muita discussão. 2. Demóstenes ouviu os mestres e os pedagogos combinarem assistir à sessão e, com muita insistência, acabou por persuadir o seu pedagogo a levá-lo à audiência. 3. Como este conhecia os porteiros do tribunal, conseguiu um lugar onde o rapaz podia ouvir os discursos sentado e sem ser visto. 4. O extraordinário sucesso de Calístrato causou a admiração geral, e Demóstenes invejou a sua glória, ao vê-lo escoltado e aplaudido pela multidão; mas ficou sobretudo admirado com o poder da palavra, e percebeu que ela tudo domina e a todos domestica. 5. Por essa razão, abandonou os restantes estudos e as ocupações da juventude e começou a praticar a oratória, esforçando-se para vir a ser, também ele, um orador. 6. Embora Isócrates tivesse escola nessa época, foi Iseu que ele tomou como guia no caminho para a oratória, ou porque, sendo órfão, como dizem alguns, não podia pagar a Isócrates o salário de dez minas, ou, mais certamente, porque via

[10] Calístrato, político e orador ateniense, foi acusado de traição, por ter cedido aos Tebanos a cidade de Oropo, em 366 a.C.. Situada na Beócia, Oropo era reclamada por Atenas e por Tebas, sendo, por isso, motivo de graves conflitos entre as duas cidades. Terá sido a força persuasiva do discurso de defesa que proferiu em tribunal que salvou Calístrato do exílio.

na eloquência de Iseu eficácia e utilidade prática[11]. 7. Hermipo[12] afirma ter encontrado livros de memórias de autoria desconhecida nos quais se diz que Demóstenes frequentou a escola de Platão e disso tirou muito proveito para os seus discursos; e menciona também Ctesíbio[13], segundo o qual, o orador recebeu secretamente de Cálias de Siracusa e de alguns outros os tratados de Isócrates e de Alcidamante[14] e os estudou.

6. 1. Assim que atingiu a idade devida, tomou a iniciativa de instaurar um processo aos seus tutores e de escrever discursos contra eles[15]. Estes, por sua vez,

---

[11] Isócrates (436-338 a.C.) e Iseu (c. 420-340 a.C.) são dois nomes importantes da oratória grega, incluídos no cânon dos dez oradores, fixado pelos eruditos da Biblioteca de Alexandria na Época Helenística. Ambos eram logógrafos, ou seja, compunham discursos para outros usarem em tribunal, já que a profissão de advogado não existia na época e eram os cidadãos que se responsabilizavam pela própria defesa nos tribunais. Isócrates acabou por abandonar a profissão de logógrafo, passando a dedicar-se ao ensino da arte retórica, para o qual veio a abrir uma escola. Como logógrafo profissional, Iseu, a avaliar pelos discursos que chegaram até nós, parece ter-se especializado em casos de heranças, o que porventura explicará a preferência de Demóstenes.

[12] Hermipo de Esmirna (séc. III a.C.), historiador e filósofo peripatético, foi também autor de biografias de oradores, filósofos e legisladores. É uma das principais fontes de Plutarco.

[13] Trata-se provavelmente do filósofo cínico Ctesíbio de Cálcis (séc III a.C.) que, ao que parece, terá escrito uma biografia de Demóstenes.

[14] Sofista e mestre de retórica em Atenas no séc. IV a.C., Alcidamante nasceu em Eleia, foi discípulo de Górgias e rival de Isócrates.

[15] Dos discursos de acusação que Demóstenes escreveu no âmbito deste processo, chegaram-nos cinco: três contra Áfobo e dois contra um parente deste, de nome Onetor.

inventaram muitos subterfúgios, tentando reabrir o processo[16], mas Demóstenes, "exercitando-se", para usar a expressão de Tucídides[17], "em manobras não sem risco nem sem esforço", ganhou a causa, sem, no entanto, conseguir fazê-los pagar sequer uma parte mínima da sua herança. Porém, como adquiriu ousadia e suficiente prática no falar e provou o sabor das honras e do poder dos debates oratórios, começou a aparecer ao povo e a participar nos assuntos políticos. 2. Tal como, segundo dizem, Laomedonte de Orcómeno, para se curar de uma doença no baço, começou a fazer longas corridas a conselho dos médicos e, depois de assim exercitar o corpo, se dedicou às competições em que se ganham coroas, tornando-se um dos melhores nas corridas de longa distância; assim foi também com Demóstenes: a princípio, treinava o discurso com o único objectivo de resolver os seus assuntos particulares mas, adquirindo por essa via habilidade e força oratória na vida política, alcançou o primeiro lugar entre os cidadãos que competiam pela tribuna, como acontece nos concursos em que o prémio é uma coroa. 3. Porém, a primeira vez que se dirigiu ao povo foi recebido com grande tumulto, e a sua inexperiência foi alvo de chacota, devido ao arranjo dos períodos que tornava o discurso confuso e maçadora a exposição dos raciocínios. 4.

[16] A reabertura de um processo era possível quando o litigante condenado provasse que uma testemunha do seu opositor havia prestado falsas declarações. Este foi o expediente tentado por Áfobo, ao qual Demóstenes responde no terceiro discurso contra ele proferido.

[17] Citação livre de Tucídides 1. 18, 3.

Além disso, tinha, ao que parece, a voz fraca, a dicção pouco clara e o fôlego curto, o que produzia um efeito de desmembramento das frases, dificultando ainda mais a compreensão das ideias. 5. Por fim, tendo abandonado a assembleia, andava pelo Pireu, desanimado, quando o encontrou Êunomo de Tria[18], já bastante velho que, ao vê-lo, o censurou, porque – dizia – apesar de possuir uma eloquência muito semelhante à de Péricles, deixava-se abater pela timidez e pela fraqueza, sem enfrentar firmemente a multidão, e vendo o corpo enfraquecer ao invés de o preparar para as lutas oratórias.

7. 1. Dizem que certo dia, ao regressar a casa perturbado e abatido depois de mais uma tentativa frustrada, o seguiu o actor Sátiro, seu amigo, e entrou com ele em casa. 2. Queixou-se Demóstenes, porque – dizia – sendo o mais activo de todos os oradores e tendo, nesse trabalho, consumido quase toda a sua força física, não conseguia o reconhecimento do povo, e, enquanto marinheiros bêbedos e ignorantes eram ouvidos e ocupavam a tribuna, a ele ninguém prestava atenção. 3. "É verdade, Demóstenes," respondeu Sátiro "mas eu livrar-te-ei da causa desse mal se me recitares de cor um passo de Eurípides ou de Sófocles." 4. Depois de o ouvir, Sátiro recitou o mesmo trecho do princípio ao fim, modulando-o de acordo com o carácter e as disposições das personagens, de tal maneira que logo a Demóstenes pareceu completamente diferente. 5. Convencido de

[18] Trata-se de um antigo discípulo de Isócrates. Tria é o nome do demo – divisão administrativa e autárquica – a que pertencia.

quanta beleza e graça acrescenta ao discurso a arte do actor, chegou à conclusão de que o exercício era pouco ou mesmo nada para quem descurasse a elocução e o arranjo das palavras. 6. Depois disso, construiu uma sala de treino subterrânea – conservada até hoje – para onde ia todos os dias sem excepção aperfeiçoar a declamação e exercitar a voz. Muitas vezes lá permanecia dois ou três meses seguidos, rapando apenas uma parte da cabeça, para que a vergonha o impedisse de sair, mesmo que tivesse muita vontade.

8. 1. Apesar disso, os assuntos que tinha de resolver com os de fora, os encontros e as conversas com eles serviam-lhe de tema e de ponto de partida para a sua actividade. Assim que se separava deles descia à sala de treino e repetia ponto por ponto as questões abordadas e os argumentos discutidos. 2. Além disso, pegava nas ideias que acabara de ouvir e dava-lhes a forma de sentenças e períodos e fazia toda a espécie de correcções e paráfrases do que lhe havia sido dito por outros ou do que ele próprio, por sua vez, lhes dissera. 3. Por essa razão ganhou fama de não ter dotes naturais mas de a sua habilidade e força oratórias resultarem do esforço. A grande prova disto parecia ser não só o facto de ninguém ouvir facilmente Demóstenes falar de improviso, mas também o de que, muitas vezes, sentado na assembleia, ao ser interpelado directamente pelo povo, se recusava a intervir, caso não se tivesse preparado previamente e reflectido sobre o assunto. 4. Muitos oradores o

ridicularizavam por isso, e Píteas[19], por troça, disse que os raciocínios dele cheiravam a mecha de lamparina. A resposta de Demóstenes foi cortante: 5. "A minha lamparina, Píteas, não testemunha as mesmas coisas que a tua."[20] Já a outros ele não negava completamente estas acusações, antes, admitia que os seus discursos não eram nem inteiramente escritos nem totalmente improvisados. 6. Defendia que o respeito pelo povo exigia do democrata a preparação dos discursos, pois a indiferença quanto à opinião da multidão era própria dos oligarcas que preferem a força à persuasão. 7. Dá-se ainda como prova do seu receio do improviso o facto de que, muitas vezes, quando apupado pela multidão, Demades se levantava prontamente em sua defesa enquanto que ele jamais fez o mesmo por Demades[21].

9. 1. Então, perguntar-se-á, porque motivo Ésquines[22] se lhe refere como o homem mais impressionante no que diz respeito à audácia nas

---

[19] Orador ateniense, adversário de Demóstenes.

[20] Alusão irónica ao modo de vida pouco recomendável de Píteas.

[21] Político e orador ateniense. Apesar do talento oratório, exaltado por Teofrasto, como dirá mais abaixo Plutarco, não publicou os seus discursos.

[22] Ésquines (c. 397- c. 322 a.C.) é outro dos nomes que integra o cânon dos dez oradores áticos. Antes de assumir papel de relevo político em Atenas fora actor de tragédia. Manteve com Demóstenes um conflito que se arrastou por cerca de vinte anos, pois, ao contrário deste, defendia uma aproximação à Macedónia. É no seu discurso *Contra Ctesifonte* (152) que se encontra esta opinião acerca de Demóstenes.

palavras? E como é que, quando Píton de Bizâncio[23] proferiu uma torrente de insultos contra os Atenienses, ele foi o único a levantar-se e a responder-lhe? E quando Lâmaco de Esmirna leu em Olímpia o seu encómio dos reis Alexandre e Filipe no qual dizia muito mal dos Tebanos e dos Olíntios, como é que Demóstenes se levantou e apresentou pormenorizadamente, por meio de provas históricas, as belas acções prestadas pelos Tebanos e pelos Calcidenses à Hélade e, ao contrário, todos os males de que foram responsáveis os aduladores macedónios, tendo de tal maneira virado a assistência que o sofista, receando o tumulto, se escapou secretamente da assembleia? 2. Tendo Péricles como modelo, Demóstenes, ao que parece, não procurava imitar todas as suas qualidades mas apenas aqueles aspectos nos quais julgava residir a sua grandeza, a saber, a entoação, a postura e ainda o hábito de não falar depressa nem improvisar sobre qualquer assunto. Além disso, rejeitava o êxito momentâneo, não consentindo que a sua força oratória dependesse do acaso. 3. No entanto, a crer em Eratóstenes, Demétrio de Faleros[24] e nos Cómicos, os discursos proferidos mostravam

[23] Enviado em 343 a.C por Filipe para negociar com Atenas a revisão do tratado de paz de Filócrates de 346.

[24] Geógrafo, matemático, astrónomo, Eratóstenes de Cirene (séc. III a.C.) foi um dos mais notáveis eruditos da Biblioteca de Alexandria que ele próprio dirigiu no reinado de Ptolomeu III Evérgeta. Demétrio de Faleros (séc. IV-III a.C.), discípulo de Aristóteles, foi um filósofo peripatético e trabalhou na Biblioteca de Alexandria nos tempos da sua fundação (297). Foi também homem de estado, tendo governado Atenas durante dez anos, entre 317 e 307, por ordem de Cassandro, filho de Antípatro, um dos generais de Alexandre.

mais audácia e segurança do que os escritos. 4. Com efeito, Eratóstenes diz que, quando falava, Demóstenes era muitas vezes transportado por um furor báquico; e o homem de Faleros afirma que, certo dia, como que inspirado por uma divindade, ele proferiu perante o povo este juramento em verso:

> "Pela terra, pelas fontes, pelos rios, pelos riachos".[25]

5. Um dos Cómicos chama-lhe tagarela e um outro, brincando com o uso que ele fazia da antítese, diz:

> "Como retomou, tomou.
> Demóstenes gostaria de ficar com esta frase."

6. Este gracejo de Antífanes[26] refere-se provavelmente ao discurso sobre Haloneso, no qual Demóstenes, jogando com as palavras, aconselhou os Atenienses não a tomarem a ilha mas a retomarem-na a Filipe.

10. 1. À parte isto, todos concordavam que Demades era invencível no uso dos dotes naturais e que os seus improvisos ultrapassavam os discursos preparados e reflectidos de Demóstenes. 2. Aríston de Quios transmitiu uma opinião de Teofrasto acerca de ambos os oradores[27]. Quando lhe perguntaram que tipo

---

[25] Em grego este verso forma um trímetro iâmbico, metro utilizado na tragédia.

[26] Cf. *supra* n.9.

[27] Aríston de Quios (séc. III a.C.) foi um filósofo estóico, discípulo de Zenão. Teofrasto (séc. IV-III a.C.) foi o mais distinto

de orador lhe parecia ser Demóstenes, respondeu: "é digno da cidade". E sobre Demades disse: "está acima da cidade." 3. O mesmo filósofo conta que Polieucto de Esfeto, um dos políticos de Atenas nessa época, declarava que Demóstenes era o maior orador, mas Fócion o mais habilidoso[28], porque era capaz de pôr mais conteúdo na expressão mais curta. 4. E dizem que até Demóstenes, sempre que Fócion subia à tribuna para o refutar, dizia aos seus amigos: "Eis que se levanta o cutelo das minhas palavras." 5. Não se sabe se esta impressão dizia respeito à eloquência de Fócion ou ao seu modo de vida e reputação, pois Demóstenes pensava que uma só palavra ou sinal de cabeça de um homem que inspirasse confiança tinha mais poder do que muitos e longos períodos.

11. 1. Segundo Demétrio de Faleros – que afirma tê-lo ouvido ao próprio já velho – para combater os defeitos físicos Demóstenes usou os seguintes exercícios: libertou-se da falta de clareza e da gaguez, obrigando-se a falar com pequenas pedras na boca e, assim, passou a articular mais nitidamente; a voz exercitava-a em corrida e a subir ladeiras, e pronunciava frases ou versos de um só fôlego. Tinha um grande espelho em casa e, à frente dele, praticava a declamação. 2. De tal maneira ele

discípulo de Aristóteles e seu sucessor à frente do Liceu em Atenas, a partir de 323, data da morte de Alexandre.

[28] General ateniense que foi estratego quarenta e cinco vezes entre 371 e 318. Político incorruptível e conservador, apesar de, na sua acção como estratego, defender sempre os interesses de Atenas, cooperou com os Macedónios, sendo, por isso, adversário de Demóstenes. Plutarco escreveu também a sua biografia.

considerava importante, para persuadir, o tom de voz e o comportamento de quem fala, que um dia, segundo se conta, um homem foi ter com ele, pedindo-lhe que o defendesse em tribunal, e, ao contar-lhe como fora agredido por um outro, Demóstenes disse: "De certeza que não sofreste nada do que dizes." Então o homem, elevando a voz, gritou: "Eu, Demóstenes, nada sofri?" Ao que este respondeu: "Por Zeus, agora sim, estou a ouvir a voz de alguém que foi agredido e injustiçado!" 3. Não há dúvida de que as suas declamações agradavam extraordinariamente ao povo em geral, mas os homens mais cultos, entre os quais, Demétrio de Faleros, consideravam as suas inflexões de voz vulgares, grosseiras e complacentes. 4. Já Hermipo conta que Ésion[29], questionado acerca dos oradores antigos e dos do seu tempo, respondeu que, qualquer um, ao ouvi-los falar ao povo, ficaria maravilhado com a beleza e a apropriada magnificência das suas palavras, mas que, lidos, os discursos de Demóstenes os ultrapassavam muito na composição e na força persuasiva. 5. Realmente, dizer que os seus discursos escritos são muito duros e austeros não é nenhuma novidade. Mas nas respostas instantâneas ele usava o gracejo. Com efeito, a Demades, que tinha dito: "Demóstenes ensinar-me, a mim? É uma porca a ensinar Atena", ele respondeu: "Essa mesma Atena foi apanhada há pouco tempo no Colito a cometer adultério." 6. A um ladrão, a quem chamavam "de bronze" e que tentava provocá-lo por passar noites em vigília a escrever os seus discursos, disse o seguinte: "Eu sei que a minha lâmpada

[29] Orador contemporâneo de Demóstenes.

acesa te incomoda. E vós, Atenienses, não vos espanteis com os roubos que se praticam, quando temos ladrões de bronze e muros de argila." 7. Mas sobre este e outros gracejos, apesar de ter ainda muito mais para dizer, fico por aqui. Convém que os outros aspectos da sua maneira de ser e do seu carácter sejam examinados a partir das suas acções e da sua prática política.

12. 1. Por conseguinte, Demóstenes entregou-se à vida política já a guerra da Fócide tinha começado, como ele próprio diz[30] e como se depreende dos discursos contra Filipe. 2. Com efeito, uns foram ditos já depois da derrota dos Focenses, e os mais antigos chegam aos acontecimentos imediatamente anteriores. 3. É também certo que, quando se preparava para pleitear em tribunal a causa contra Mídias, tinha a idade de trinta e dois anos, mas ainda não tinha adquirido fama nem exercia influência na vida política[31]. 4. Parece-me ter sido principalmente

[30] Na *Oração da Coroa*, 18. Esta guerra, também conhecida como guerra santa por estar relacionada com a ocupação do santuário de Delfos defendido por uma anfictionia de que fazia parte Tebas, culminou com a derrota dos Focenses em 346 por Filipe II, que apoiou os Tebanos neste conflito.

[31] Mídias insultou e agrediu Demóstenes no rosto em pleno teatro quando este era *choregos*, ou seja tinha o encargo de pagar as despesas com os coros dramáticos e com o seu mestre, um serviço público de grande prestígio que incumbia aos cidadãos mais ricos, funcionando como um imposto. O incidente ocorreu em 349-348, o que significa que Demóstenes teria nascido em 381-380. Esta é, de resto, a data avançada por Dionísio de Halicarnasso, embora outros testemunhos apontem para 384-383, data actualmente aceite.

essa a razão que o fez recear e o levou a aceitar dinheiro para desistir da acção contra Mídias, pois normalmente

"não era um homem de coração doce nem de espírito amável"[32]

mas violento e veemente quando se tratava da sua própria defesa. 5. Contudo, como via que não era fácil, nem estava à altura da sua força, deitar abaixo um homem como Mídias – bem escudado na riqueza, no dom da palavra e nos amigos – cedeu aos que lhe pediam por ele. 6. É que não me parece que as três mil dracmas, por si só, atenuassem a cólera de Demóstenes, tivesse ele a capacidade e a esperança de vencer.[33] 7. Adoptou como honroso princípio da sua prática política a defesa em justiça dos Helenos contra Filipe, e por ela lutando com afinco logo adquiriu fama e, com os olhos de todos postos em si, foi exaltado pela liberdade com que proferia os discursos; de tal maneira que causou a admiração na Hélade e suscitou a atenção do grande rei, pois para Filipe, ele era o melhor dos oradores e até os que o odiavam reconheciam nele um adversário ilustre. 8. Com efeito, tanto Ésquines como Hipérides, mesmo quando o acusavam, afirmavam estas coisas a seu respeito.

[32] Passo da *Ilíada* (20. 467).

[33] Com efeito, apesar de ter escrito e publicado um discurso contra Mídias, Demóstenes desistiu da acção, aceitando uma compensação monetária, atitude criticada por Ésquines no discurso *Contra Ctesifonte*, 52.

13. 1. Também não sei como ocorreu a Teopompo[34] dizer que ele era inconstante de carácter, não sendo capaz de se manter durante muito tempo ligado às mesmas acções e às mesmas pessoas. 2. É, antes, manifesto que na sua vida política adoptava desde o início dos acontecimentos aquele mesmo partido e disposição que mantinha até ao fim, e não só não mudou durante a vida como até teve de a sacrificar para não mudar. 3. De facto, ele não dizia, como Demades para defender a mudança de partido, que muitas vezes entrara em contradição consigo mesmo mas jamais com a cidade; nem como Melanopo que, seguindo uma política oposta a Calístrato, mas dele aceitando frequentemente dinheiro para mudar de opinião, costumava dizer ao povo: "O homem é um inimigo, mas faço isto para o bem da cidade!"[35]; 4. nem ainda como Nicodemos de Messénia que, tendo passado para o partido de Demétrio depois de ter estado primeiro ligado a Cassandro, negava que isso fosse uma contradição, pois – dizia – era sempre vantajoso estar ao lado dos vencedores[36]. 5. Ora, acerca de Demóstenes não podemos dizer que ele tenha suavizado as suas palavras ou as suas acções; antes, como a partir de uma só escala musical, ele manteve sempre na prática política

[34] *Vide supra*, n. 10.

[35] *Vide supra*, n. 13.

[36] Referência a acontecimentos posteriores à morte de Demóstenes e relacionados com as lutas entre os sucessores de Alexandre pela divisão do império macedónico. Cassandro era filho de Antípatro, governador da Macedónia, e Demétrio Poliorcetes era filho de Antígono. Em 307 Demétrio recuperara a cidade de Atenas que estava sob o domínio de Cassandro.

o mesmo tom. 6. O filósofo Panécio[37] diz também que a maior parte dos seus discursos, como a "Oração da coroa", "Contra Aristócrates", "Sobre as isenções"[38] e "Filípicas", foram escritos segundo o princípio de que só o bem deve ser escolhido por si mesmo. 7. Em todos estes Demóstenes não orienta os cidadãos no sentido do que é mais agradável, mais fácil ou mais vantajoso, mas defende ser muitas vezes necessário pôr em segundo lugar a segurança e a salvação em favor do bem e da decência; de maneira que, se, ao lado do amor da honra no que diz respeito aos seus princípios, e ao lado da nobreza das palavras estivessem a coragem guerreira e a pureza de todas as suas acções, ele merecia ser colocado não entre oradores como Mérocles, Polieucto e Hipérides, mas, acima destes, ao lado de um Címon, de um Tucídides, de um Péricles[39].

14. 1. Certo é que, dos oradores do seu tempo, Fócion, apesar de não defender uma política louvável e parecer favorável aos Macedónios, era um homem de coragem e um defensor da justiça, em nada inferior a Efialtes, Aristides e Címon[40]. 2. Já Demóstenes,

[37] Panécio de Rodes (c. 185-109 a.C.), filósofo estóico.

[38] O discurso "Sobre as isenções" é também conhecido como discurso "Contra Léptines". Demóstenes proferiu-o contra uma lei de Léptines que Ctesipo pretendia ver revogada.

[39] Os três primeiros são nomes de oradores adversários da causa macedónica. Címon e Tucídides (o filho de Melésias, não o historiador) foram políticos rivais de Péricles. O primeiro era filho de Milcíades, o vencedor da batalha de Maratona.

[40] Efialtes, político ateniense da facção democrática, amigo de Péricles, fez aprovar em 462 uma lei que retirou ao Areópago a maior parte dos seus poderes, contribuindo assim para o enfraquecimento

não sendo digno de confiança sob as armas, como diz Demétrio[41], nem sendo completamente imune à corrupção – já que, não se deixando seduzir pelo ouro vindo de Filipe e da Macedónia, estava aberto ao que vinha da alta Ásia, de Susa e de Ecbátana, e deixava-se inundar por ele – era capaz de louvar as belas acções dos antepassados mas não de as imitar. 3. Porém, à excepção de Fócion, ultrapassou os oradores do tempo na condução da sua vida. É manifesto que falava ao povo com a maior franqueza e opunha resistência às paixões da multidão, enfurecendo-se contra os seus erros, como é perceptível nos seus discursos. 4. Conta até Teofrasto que, certa vez, perante a manifestação de protesto dos Atenienses, por ele ter recusado uma proposta de acusação contra alguém, disse: "Atenienses, vós tereis em mim um conselheiro, mesmo que não queirais, mas não um sicofanta, ainda que o desejeis." 5. É ainda visível a sua atitude claramente aristocrática no caso de Antifonte. Apesar de este ter sido absolvido pela Assembleia, Demóstenes pegou nele e levou-o ao Conselho do Areópago, e, sem se importar de ir contra a decisão do povo, acusou-o de ter prometido a Filipe incendiar os arsenais de Atenas, e o homem foi condenado à morte pelo Conselho. 6. Acusou também a sacerdotisa Teóris de cometer muitas malfeitorias, entre as quais a de ensinar os escravos a enganar, e conseguiu que ela fosse condenada à morte e executada.

---

da aristocracia. Aristides foi general na batalha de Maratona (490) e era conhecido pelo seu sentido de justiça. Sobre Címon *vide* nota anterior.

[41] *Vide supra* n.24.

15. 1. Diz-se também que o discurso de acusação proferido por Apolodoro contra o estratego Timóteo por causa de dívidas, foi Demóstenes quem o escreveu, tal como os discursos de Fórmion e de Estéfano o que, como é natural, manchou a sua reputação[42]. 2. É que Fórmion contestou Apolodoro com um discurso de Demóstenes, que se comportou exactamente como quem vende punhais vindos da mesma loja de armas a dois inimigos para eles se agredirem um ao outro. 3. Entre os discursos políticos, "Contra Andrócion", "Contra Timócrates" e "Contra Aristócrates", escreveu-os para outros quando ainda não se tinha dedicado aos assuntos políticos. De facto, parece que ele compôs estes discursos aos trinta e dois ou trinta e três anos. Quanto aos discursos "Contra Aristogíton" e "Sobre as isenções", ele próprio os pronunciou em benefício de Ctesipo, filho de Cábrias, como ele mesmo afirma[43], mas, segundo outros, porque pretendia casar com a mãe do rapaz. 4. No entanto, não foi com ela que casou, mas com uma mulher de Samos, ao que conta Demétrio da Magnésia na sua obra sobre os homónimos[44]. 5. Não se sabe se o discurso contra

[42] O primeiro caso aqui referido diz respeito a Apolodoro, filho de um rico banqueiro, de nome Pásion, que exigia ao estratego Timóteo a restituição do dinheiro que seu pai lhe emprestara. O mesmo Apolodoro está ligado ao segundo caso, pois foi também ele que processou Fórmion, tentando recuperar parte dos negócios que este herdara de Pásion. Como Estéfano testemunhara a favor de Fórmion, foi também alvo de um processo. A autenticidade dos referidos discursos tem sido contestada pelos críticos.

[43] *Vide supra* n. 38.

[44] Contemporâneo de Cícero e amigo de Ático escreveu sobre cidades e escritores homónimos.

Ésquines, "Sobre a falsa embaixada", foi pronunciado. Todavia Idomeneu diz que Ésquines saiu do processo com uma maioria de apenas trinta votos. Isso, porém, não parece ser verdade, a julgar pelos discursos "Sobre a Coroa" escritos por cada um deles, 6. pois nenhum menciona nítida e claramente que este debate avançou para tribunal. É, portanto, preferível deixar essa decisão a outros.

16. 1. A política de Demóstenes era já evidente mesmo quando ainda havia paz, pois ele não deixava por criticar qualquer acção do Macedónio, antes, a propósito de cada uma, incitava e inflamava os Atenienses contra ele[45]. 2. Por essa razão, também para Filipe eram muito importantes as suas palavras, e quando ele chegou à Macedónia como embaixador junto com outros dez[46], Filipe ouviu-os a todos, mas foi ao seu discurso que ele respondeu com mais cuidado. 3. Já no que diz respeito às outras honras e manifestações de benevolência não dava a Demóstenes o mesmo tratamento que dava aos outros, preferindo atrair a si Ésquines e Filócrates[47]. 4. Como estes elogiavam Filipe, dizendo que ele era muito hábil a falar, belíssimo de ver e, por Zeus, exímio a beber, Demóstenes sentiu-se na obrigação de o denegrir e ridicularizar, e disse que aqueles elogios convinham

[45] Com efeito já desde 351, data da *Primeira Filípica*, Demóstenes defendia uma posição de força contra os Macedónios.

[46] Trata-se da chamada primeira embaixada que os Atenienses enviaram a Filipe em 346 para a abertura das negociações de paz.

[47] Político e orador ateniense por cuja proposta foi negociada a paz com Filipe em 346 que ficou conhecida como "paz de Filócrates".

mais a um sofista, a uma mulher e a uma esponja, do que a um rei.

17. 1. Mas quando a situação se inclinou para a guerra, já que Filipe não era capaz de se manter tranquilo[48] e os Atenienses eram mantidos em alerta por Demóstenes, este, em primeiro lugar incitou-os a atacar a Eubeia, cujos tiranos a tinham forçado a servir Filipe[49] e, por um decreto por si mesmo redigido, atravessaram o estreito e expulsaram os Macedónios[50]. 2. Em segundo lugar, fez socorrer os Bizantinos e os Períntios, atacados pelo Macedónio, persuadindo o povo a renunciar ao ódio e à lembrança dos erros cometidos por cada uma das cidades na guerra dos aliados[51], e a enviar-lhes um exército que as salvasse. 3. Em seguida, na qualidade de embaixador, falando aos Helenos e incitando-os, conseguiu uni-los quase todos contra Filipe, de tal modo que reuniram um contingente de quinze mil soldados de infantaria e dois mil de cavalaria, além de uma força de cidadãos, e contribuíram de boa vontade para as despesas da guerra e para o pagamento dos mercenários. 4. Conta Teofrasto que, nesta ocasião, como os aliados pedissem

[48] Apesar de no acordo de paz ter ficado estabelecido que cada uma das partes – Atenas e aliados, por um lado, Filipe e aliados, por outro – manteria apenas os territórios que já possuísse antes do tratado, Filipe continuou a avançar para a Grécia central, ocupando a passagem das Termópilas.

[49] Este assunto é mencionado na *Terceira Filípica*.

[50] Referência às duas expedições que, em 341 e 340, Fócion dirigiu à Eubeia.

[51] A guerra dos aliados, de 357-355, envolvera Bizâncio, Quios, Rodes e Cós, que se revoltaram, saindo da Confederação Ateniense.

que se fixasse o montante das contribuições, o orador Cróbilo[52] disse que a guerra não se alimenta de porções fixas. 5. Mas, apesar de, na Hélade, serem elevadas as expectativas quanto ao futuro, e de se ter formado uma coligação, por raças e por cidades, de Eubeus, Aqueus, Coríntios, Megarenses, Leucádios e Corcireus, o maior dos desafios estava ainda reservado para Demóstenes: trazer para a aliança os Tebanos, cuja região era limítrofe de Atenas e que não apenas tinham uma força de guerra, mas também eram, na armas, os mais renomados dos Helenos. 6. Não era fácil fazê-los mudar, reconciliados que estavam com Filipe, que recentemente os ajudara na guerra da Fócide; e sobretudo porque os problemas de vizinhança reabriam constantemente as hostilidades entre as duas cidades.

18. 1. Porém, depois que Filipe, animado pelo seu sucesso em Anfissa, caiu de repente sobre Elateia e ocupou a Fócide, os Atenienses ficaram muito perturbados e ninguém tinha coragem de subir à tribuna, ou sabia o que era preciso dizer, havendo na assembleia apenas incerteza e silêncio. Demóstenes foi o único a avançar e a aconselhar a que se cativassem os Tebanos, e, depois de, como era seu costume, encorajar e animar o povo, dando-lhe esperança, foi enviado a Tebas, entre outros, como embaixador. 2. Por seu lado, Filipe, segundo diz Mársias[53], enviou também os Macedónios Amintas, Cleandro e Cassandro, e os Tessálios Dáoco e Trasideu

[52] Sobrenome do orador ateniense Hegesipo.

[53] Mársias (séc. IV a.C.) da cidade macedónia de Pela, foi autor de uma *História da Macedónia*.

para a refutação. Os Tebanos perceberam onde estava o seu interesse, e cada um mantinha bem visíveis os perigos da guerra, pois estavam ainda frescas as feridas provocadas pelos Focenses. Mas a força do orador, como diz Teopompo, que lhes inflamava o coração e acendia o desejo de honra, ensombrou tudo o resto, e eles puseram de lado o medo, a reflexão e a gratidão[54], entusiasmados pelo seu discurso a buscar a glória. 3. A acção do orador mostrou-se tão brilhante e magnífica que Filipe enviou logo arautos para pedirem a paz e a Hélade ergueu-se e mobilizou-se pelo futuro, e obedeceram a Demóstenes não apenas os estrategos, fazendo o que ele ordenava, mas também os beotarcas[55]. A sua influência fazia-se sentir em todas as assembleias, na dos Tebanos não menos do que na dos Atenienses, pois era amado pelos dois povos e exercia sobre eles um poder não injusto nem carecente de mérito, ao contrário do que faz ver Teopompo, mas totalmente merecido.

19.1. Uma inesperada intervenção da Fortuna[56], ao que parece, ou o natural curso dos acontecimentos, veio nesse momento pôr fim à liberdade da Hélade, frustrando as acções empreendidas e mostrando muitos sinais de futuro: a Pítia anunciou terríveis profecias e cantou um antigo oráculo dos Livros Sibilinos:

---

[54] Gratidão para com Filipe que, como o autor referira antes (17.6), os ajudara na guerra da Fócide.

[55] Chefes políticos e militares das cidades que integravam a Confederação da Beócia.

[56] Traduzo por 'uma inesperada intervenção da Fortuna' o sintagma *tyche tis daimonios*. Sobre a complexidade destes conceitos no grego helenístico e, particularmente, em Plutarco, veja-se SWAIN (1989).

"Possa eu estar longe da batalha do Termodonte
e vê-la tal uma águia, das nuvens e dos ares.
Chora o vencido, o vencedor pereceu."

2. Dizem que o Termodonte é um pequeno rio que fica na minha região em Queroneia e se precipita para o Cefiso. Mas eu não conheço nos dias de hoje qualquer curso de água com esse nome. Ponho, no entanto, a hipótese de que o que agora se chama Hémon fosse antes chamado Termodonte, porque ele corre ao longo do santuário de Héracles, onde os Helenos estabeleceram o seu campo, e eu suponho que depois da batalha o rio tenha ficado cheio de sangue e de cadáveres e por isso tenha mudado de nome[57]. 3. Dúris[58] diz que o Termodonte não é um rio, mas que o nome se deve ao facto de ter sido encontrada, por pessoas que escavavam em volta para ali fixarem tendas, uma estatueta de pedra com uma inscrição, dizendo tratar-se de Termodonte transportando uma Amazona ferida. E refere ainda uma outra profecia que dizia:

"Espera a batalha do Termodonte, ó negra ave,
aí haverá para ti muita carne humana."

---

[57] Em grego, o vocábulo αἵμων pode ser um nome próprio – Hémon – ou um adjectivo com o significado de 'sangrento', já que se trata de uma palavra etimologicamente relacionada com αἷμα, αἵματος, o substantivo que significa 'sangue'. Daí a inferência de Plutarco.

[58] Dúris (c. 340-c.260 a.C.) foi tirano de Samos e historiador. Compôs uma *História da Macedónia*.

20.1. Se isto é assim torna-se difícil de ajuizar. Mas diz-se que Demóstenes, cheio de confiança nas armas dos Gregos e claramente animado pela força e pelo empenho de tantos homens que desafiavam os inimigos, não deixou que se desse importância aos oráculos nem ouvidos às profecias, mas dizia até suspeitar de que a Pítia era do partido de Filipe, e recordava aos Tebanos o exemplo de Epaminondas e aos Atenienses o de Péricles, que usavam apenas a razão e consideravam este tipo de coisas pretextos para a cobardia. 2. Até aqui ele mostrou-se um homem de bem. Mas na batalha nada fez de belo ou que estivesse de acordo com o que dizia. Antes, abandonou o seu posto, fugindo da forma mais vergonhosa e deixando ficar as armas, sem sequer respeitar, como dizia Píteas, a inscrição do escudo que tinha gravado em ouro o seguinte dizer: "para a boa fortuna". 3. No momento da vitória, Filipe, embriagado, dançava alegremente cheio de insolência no meio dos mortos, e cantava o início do decreto de Demóstenes, marcando os tempos e o ritmo com os pés:

> "Demóstenes, filho de Demóstenes, do demo de Peânia decretou o seguinte…"

Mas depois, já sóbrio, ao tomar consciência da dimensão do risco que correra, tremia ao pensar na habilidade e na força do orador, que o tinha forçado a pôr em risco a sua hegemonia e a sua vida numa pequena parte de um único dia. 4. A fama de Demóstenes já

tinha chegado ao rei dos Persas, que enviou aos sátrapas do litoral cartas e dinheiro, ordenando que o dessem a Demóstenes e que tivessem com ele mais atenções do que com qualquer outro dos Gregos, pois ele podia distrair o Macedónio e mantê-lo ocupado com as desordens na Grécia. 5. Estas coisas descobriu-as mais tarde Alexandre, que encontrou em Sardes umas cartas de Demóstenes e registos dos generais do Rei que indicavam a quantia de dinheiro que lhe fora dada.

21.1. Após o revés sofrido pelos Gregos, os oradores do partido contrário a Demóstenes começaram a insultá-lo, a exigir prestação de contas e a preparar acusações públicas contra ele. 2. O povo, porém, não só o absolvia dessas acusações, como ainda lhe continuava a dar honra e a chamá-lo de novo, considerando-o um homem dedicado à pátria. Por isso, quando foram trazidos de Queroneia os ossos dos que haviam tombado para serem sepultados, foi a ele que atribuíram a tarefa de fazer o elogio dos homens, não numa atitude indigna ou vil, como escreve Teopompo em tom trágico, mas mostrando, pelo respeito e honra dados ao seu conselheiro, que não se tinham arrependido das resoluções tomadas. 3. Por conseguinte, Demóstenes proferiu o discurso; todavia nos decretos não escrevia o seu nome, mas o de cada um dos amigos, sucessivamente, para afastar maus presságios da fortuna e do seu génio particular, até que a morte de Filipe lhe veio dar de novo coragem. 4. Com efeito, ele não viveu muito tempo depois do sucesso em

Queroneia[59]. Parece que também isto o oráculo havia predito no último verso:

> "Chora o vencido, o vencedor pereceu."

22.1. Demóstenes soube da morte de Filipe em segredo. E, antecipando-se a inspirar confiança no futuro aos Atenienses, dirigiu-se radiante ao Conselho, dizendo ter visto em sonhos que algo de grande e bom lhes ia acontecer. Não muito tempo depois chegavam os mensageiros, anunciando a morte de Filipe. 2. Os Atenienses ofereceram logo um sacrifício aos deuses pela boa notícia e votaram a favor da atribuição de uma coroa a Pausânias[60]. 3. Demóstenes saiu à rua com uma veste magnífica e uma coroa na cabeça, embora a sua filha tivesse morrido há seis dias, razão pela qual Ésquines o censura, acusando-o de falta de amor à filha. Mas é o próprio Ésquines que se mostra vulgar e frouxo, por considerar o luto e o pranto sinais de uma alma doce e afectuosa para com os seus, e rejeitar que o sofrimento possa ser suportado serenamente e sem desespero. 4. Quanto a mim não poderia dizer que tenha sido uma bela acção pôr coroas na cabeça e oferecer sacrifícios pela morte de um rei que, quando vencedor, os tratara com benevolência e humanidade[61]. Além de se tratar

[59] Filipe foi assassinado na sequência de uma conspiração em 336, dois anos depois da batalha de Queroneia.

[60] Pausânias é o nome do macedónio que matou Filipe.

[61] Ao contrário do que Demóstenes vaticinara, Filipe mostrou-se particularmente generoso com Atenas, renunciando a entrar na Ática, libertando os prisioneiros de Queroneia e entregando Oropo aos Atenienses.

de um acto passível de castigo divino, era também vergonhoso que, quando vivo, lhe dessem honra e o tivessem feito cidadão[62], e agora que tombara às mãos de outro, não contivessem a alegria mas insultassem um morto e entoassem péanes como se eles próprios tivessem praticado um belo feito. 5. No entanto, louvo Demóstenes por ter deixado às mulheres as desgraças domésticas, as lágrimas e as lamentações e ter feito aquilo que julgava ser útil à cidade; pois julgo que é dever de uma alma corajosa e de um homem de Estado manter-se sempre firme em prol do bem comum e subordinar os sofrimentos pessoais aos assuntos públicos. Assim pode manter a dignidade muito mais ainda do que os actores que vemos nos teatros, no papel de reis e de tiranos, a rir ou a chorar não como eles próprios desejam, mas como a peça exige, em função do seu tema. 6. Por outro lado, se não se deve ficar indiferente perante a desgraça de alguém que se entrega inconsolável à dor, mas se deve consolá-lo com palavras e desviar-lhe o espírito para coisas mais agradáveis (tal como se aconselha a quem sofre dos olhos a desviar o olhar das cores brilhantes e luzentes para cores mais fracas e suaves), que melhor consolo poderia alguém ter do que, estando bem a sua pátria, temperar as desgraças pessoais com a felicidade comum e assim diluir as coisas piores nas melhores? 7. Fui levado a dizer estas coisas, porque muitos se deixam amolecer e se compadecem quando lêem estas palavras de Ésquines.

[62] Depois do acordo saído da batalha de Queroneia, mencionado na nota anterior, os Atenienses tinham concedido a cidadania a Filipe e a Alexandre, e tinham erguido na ágora uma estátua a Filipe.

23.1. As cidades reanimadas por Demóstenes, aliaram-se de novo e os Tebanos, a quem este ajudara a arranjar armas, atacaram a guarnição macedónia e mataram muitos homens[63]. Por seu lado, os Atenienses preparavam-se para lutar com eles. 2. Demóstenes dominava a tribuna e escrevia aos generais do Rei que estavam na Ásia, incitando-os a fazerem de lá guerra a Alexandre, que ele apelidava de criança e de Margites[64]. Mas quando Alexandre resolveu os problemas na sua região e se apresentou com as suas forças na Beócia, caiu por terra a confiança dos Atenienses e Demóstenes apagou-se. Os Tebanos, abandonados por eles, lutaram sozinhos e perderam a cidade[65]. 3. Uma grande perturbação tomou conta dos Atenienses. Demóstenes foi escolhido entre outros para ser enviado como embaixador a Alexandre, mas, receando a sua cólera, abandonou a embaixada junto ao Citéron e voltou para trás. 4. Logo depois, Alexandre mandava que lhe fossem enviados dez oradores, isto segundo Idomeneu e Dúris, mas, segundo historiadores mais fiáveis e numerosos, apenas oito, a saber, Demóstenes, Polieucto, Efialtes, Licurgo, Mérocles, Démon, Calístenes e Caridemo. 5. Foi nesta altura que Demóstenes contou a história dos carneiros que confiaram os cães aos lobos, comparando-se

---

[63] Esta guarnição fora instalada por Filipe na Cadmeia.

[64] Nome do protagonista de um poema humorístico do séc. VII ou VI a.C., atribuído a Homero. Plutarco dá conta da resposta de Alexandre a Demóstenes na *Vida de Alexandre* 11, 6.

[65] O ataque e consequente destruição de Tebas por Alexandre dá-se em 335. A população é reduzida à escravidão e vendida.

e aos que estavam com ele a cães a lutarem pelo povo e chamando a Alexandre o lobo solitário da Macedónia. 6. E disse ainda: "tal como vemos os comerciantes de trigo oferecerem uma amostra dos seus produtos numa taça, vendendo grandes quantidades por meio de alguns grãos apenas, assim também, entregando-nos, é a todos vós que entregais". Isto é o que relata Aristobulo de Cassandreia[66]. Quando os Atenienses deliberavam, sem saber o que fazer, Demades, recebendo dos homens cinco talentos, concordou em ir em embaixada e interceder a favor deles junto do rei, ou porque confiava na sua amizade, ou porque esperava encontrá-lo satisfeito, como um leão saciado de matança. Mas foi Fócion quem persuadiu o rei, conseguindo não só o seu perdão para aqueles homens, mas também reconciliando-o com a cidade.

24.1. Após a partida de Alexandre[67] ficaram a ser estes, Fócion e Demades, os oradores mais importantes, enquanto que a actividade de Demóstenes diminuiu. No entanto, quando o espartano Ágis se revoltou, ainda fez alguma coisa para o apoiar, mas depois de novo saiu de cena. Os Atenienses não apoiaram aquela revolta, Ágis caiu e os Lacedemónios foram destruídos[68]. 2. Foi então que chegou a tribunal o processo contra Ctesifonte sobre a coroa, que tinha sido redigido no arcontado

[66] Aristobulo integrou a expedição de Alexandre e foi historiador das suas conquistas.

[67] Alexandre partiu para a Ásia, atravessando o Helesponto, em 334.

[68] Ágis III foi derrotado por Antípatro em 330.

de Querondas, um pouco antes dos acontecimentos de Queroneia, mas que só foi julgado dez anos depois, no arcontado de Aristofonte[69]. Ficou conhecido como nenhum outro dos processos públicos, não só devido à fama dos oradores, mas também à nobreza dos juízes. Com efeito, estes não permitiram que os perseguidores de Demóstenes votassem contra ele – apesar de serem então a maioria, os mais poderosos e partidários da causa macedónica –, mas absolveram-no de forma tão brilhante que Ésquines não conseguiu nem a quinta parte dos votos. 3. Em consequência disto, teve de sair imediatamente da cidade e passou o resto da sua vida em Rodes e na Iónia como sofista[70].

25. 1. Não muito tempo depois, Hárpalo veio da Ásia para Atenas fugindo de Alexandre, pois tinha consciência de ter administrado mal os seus assuntos e dissipado o seu dinheiro, e temia-o porque ele passara a ser severo para com os amigos[71]. 2. Ao procurar refúgio

[69] O processo tivera início não antes de Queroneia como afirma aqui Plutarco, mas depois, em 336, o que significa que são seis anos e não dez que decorrem entre a redacção do discurso e o julgamento, dado que o arcontado de Aristofonte é de 330-329. Com efeito, foi nesta altura que Ésquines resolveu atacar Demóstenes, aproveitando a situação desfavorável em que este se encontrava. Decidiu, pois, avançar com o processo contra Ctesifonte por este ter proposto a atribuição de uma coroa a Demóstenes pelos seus serviços à cidade. Mas foi derrotado, como a seguir diz Plutarco. O discurso de defesa do orador, conhecido como *A Oração da Coroa,* é considerado a sua obra-prima.

[70] A lei exigia o pagamento de uma multa a quem, depois de mover uma acusação, não obtivesse pelo menos a quinta parte dos votos. Como Ésquines não a podia pagar, teve de ir para o exílio.

[71] Hárpalo chega a Atenas em 324. Foi amigo de infância de

junto do povo e confiar-se a ele com as suas riquezas e os seus navios, logo os outros oradores, olhando com cobiça para a riqueza dele, corriam a apoiá-lo e tentavam persuadir os Atenienses a acolher e salvar o suplicante. 3. Demóstenes começou por aconselhá-los a expulsarem Hárpalo e terem cuidado para não lançarem a cidade numa guerra desnecessária por um motivo injusto. Mas alguns dias depois, quando se fazia a relação dos seus bens, Hárpalo, ao ver que Demóstenes estava encantado com uma taça bárbara, observando a sua forma e cinzeladura, disse-lhe que a pesasse e avaliasse o seu peso em ouro. 4. Admirado com o peso, o orador perguntou-lhe quanto valia, ao que Hárpalo, com um sorriso, respondeu: "Para ti valerá vinte talentos". E logo que se fez noite enviou-lhe a taça com os vinte talentos. 5. Hárpalo era, com efeito, hábil a descobrir as disposições de espírito de um homem ávido de ouro pela expressão do rosto e pelo relance dos olhos. E Demóstenes não resistiu: deixando-se corromper pelos presentes, como se se tratasse de receber um posto de guarda, passou para o lado de Hárpalo. No dia seguinte, foi para a Assembleia com o pescoço muito bem envolvido em faixas de lã e, quando lhe pediram que se levantasse e tomasse a palavra, indicou por gestos que estava sem voz. 6. Alguns bem-humorados diziam por troça que ele não fora apanhado de noite pelo mal de garganta mas pelo mal do dinheiro. Mais tarde, quando todo o povo soube que ele recebera presentes e queria defender-se e

---

Alexandre e governador da Babilónia; tinha sido encarregado da guarda do tesouro real.

convencê-los, não lhe permitiram isso, mas clamavam contra ele com hostilidade. Um deles levantou-se e, pondo-o a ridículo, disse: "Atenienses, não escutareis aquele que tem a taça?"[72] 7. Então expulsaram Hárpalo da cidade e, receando que lhes fossem pedidas contas do dinheiro com que os oradores haviam ficado, fizeram uma inspecção rigorosa e procuraram nas casas, excepto na de Cálicles, filho de Arrenides. 8. Segundo conta Teofrasto, esta foi a única casa que não foi investigada, pois Cálicles tinha-se casado recentemente e a esposa estava lá dentro.

26. 1. Demóstenes, porém, tomando a dianteira, apresentou um decreto, segundo o qual o Conselho do Areópago examinaria a questão e aqueles que fossem por ele considerados culpados seriam punidos. 2. Como ele foi um dos primeiros a ser condenado pelo Conselho, compareceu no tribunal e foi condenado a pagar uma multa de cinquenta talentos, e teve de ir para a prisão[73]. Diz ele que foi devido à vergonha da acusação e porque a debilidade física não lhe permitia suportar o encarceramento que se evadiu, com o desconhecimento de uns e a conivência de outros. 3. O que se conta é que, não estando ainda longe da cidade, se terá apercebido de que alguns dos seus adversários políticos o perseguiam e que terá desejado esconder-se, mas aqueles, chamando-o

[72] Nos *symposia*, festas privadas em que os homens se reuniam para beber em conjunto, a taça passava de conviva em conviva e quem a tinha na mão podia discursar ou cantar.

[73] A prisão substituía o pagamento de uma quantia tão elevada.

pelo nome e aproximando-se dele, pediram-lhe que aceitasse provisões da parte deles, dizendo que para isso traziam dinheiro de casa e por essa razão o perseguiam. Ao mesmo tempo exortavam-no a ter coragem e a não se deixar abater pelos acontecimentos. Demóstenes começou a lamentar-se ainda mais e a dizer: 4. "Como não hei-de eu suportar com dificuldade deixar uma cidade com inimigos tais que não é fácil encontrar noutra amigos como eles?" 5. Suportou sem ânimo o exílio permanecendo a maior parte do tempo em Egina e na Trezena, chorando sempre que olhava para a Ática, e contam-se até algumas coisas não muito nobres nem condizentes com os actos audaciosos da sua vida política. 6. Com efeito, diz-se que costumava afastar-se da cidade e, com as mãos erguidas para a Acrópole, dizia: "Ó soberana protectora da cidade porque te regozijas com estas três feras tão violentas, a coruja, a serpente e o povo?"[74] 7. Além disso, dissuadia da política os jovens que o visitavam para conversarem com ele, dizendo que, se no princípio tivesse tido à sua frente dois caminhos – um para a tribuna da Assembleia, e o outro directamente para a ruína – e lhe tivesse sido possível prever os males da vida política – temores, invejas, calúnias e perigos – teria escolhido aquele que conduz directamente à morte.

27. 1. Ora, estando ele no exílio, tal como mencionei, morreu Alexandre e as cidades gregas uniram-se de novo. Leóstenes, num acto de grande

[74] A coruja e a serpente são atributos da deusa Atena, a protectora da cidade.

audácia, cercou Lâmia, onde se encontrava Antípatro[75]. 2. Os oradores Píteas e Calimedonte, chamado o "Escaravelho", banidos de Atenas, aliaram-se a Antípatro e, percorrendo a Grécia com os amigos e os embaixadores dele, tentavam impedir os Gregos de se separarem dos Macedónios e se aliarem aos Atenienses. 3. Por seu lado, Demóstenes associou-se aos embaixadores da cidade e ajudou-os a descobrir a maneira de persuadirem as outras cidades a atacar os Macedónios e a expulsá-los da Hélade. 4. Conta Filarco[76] que na Arcádia Píteas e Demóstenes se insultaram mutuamente na Assembleia, um falando a favor dos Macedónios, o outro a favor dos Helenos. 5. Píteas terá afirmado que, da mesma maneira que se sabe que a casa para onde se leva leite de burra tem certamente alguma doença, assim também era forçoso que estivesse doente uma cidade para onde ia uma embaixada ateniense. Demóstenes usou a comparação a seu favor dizendo que, tal como o leite de burra é para restabelecer a saúde, também os Atenienses se apresentavam para levar a salvação aos que estavam doentes. 6. Encantado com estas palavras, o povo ateniense votou o regresso de Demóstenes, por proposta de Démon de Peânia, seu primo. Foi enviada a Egina uma trirreme para o ir buscar. 7. Ao subir do Pireu todos os cidadãos foram em massa ao seu encontro, não ficando na cidade um único arconte ou sacerdote, e receberam-no de coração aberto. Nesta

[75] Leóstenes foi um estratego ateniense que, com este cerco, deu início à chamada guerra lamíaca.

[76] Historiador grego do séc. III a.C.

altura, diz também Demétrio da Magnésia[77], ergueu as mãos, regozijando-se por aquele dia em que regressava com mais honra do que Alcibíades, pois os cidadãos recebiam-no persuadidos por ele e não forçados pelas circunstâncias[78]. 8. É certo que se mantinha ainda a multa em dinheiro, pois não era permitido o perdão da dívida, mas eles arranjaram maneira de contornar a lei. Acostumados, nos sacrifícios a Zeus Sóter, a dar dinheiro aos que preparavam e enfeitavam o altar, encarregaram-no dessa tarefa e deram-lhe cinquenta talentos, o valor correspondente à multa.

28. 1. Todavia, após o seu regresso, Demóstenes não tirou muito tempo proveito da pátria, pois logo se complicaram as coisas na Hélade. No mês de Metagítnion deu-se a batalha de Cránon; no mês de Boedrómion uma guarnição militar foi para Muníquia e no mês de Pianépsion morreu Demóstenes[79]. Tudo se passou da seguinte forma. 2. Tendo sido feito o anúncio

[77] *Vide supra* n. 44.

[78] Para não se sujeitar a um julgamento por impiedade, Alcibíades (*vide supra,* n.1), que em 416 convencera os Atenienses a fazerem uma expedição militar à Sicília sob a sua chefia, recusou-se a regressar a Atenas e desertou da referida expedição, fugindo para Esparta. O seu regresso à cidade deu-se mais tarde, em 411, a pedido dos Atenienses que, na altura, e depois de várias derrotas, careciam de chefias militares capazes de comandar a sua frota.

[79] Metagítnion é o segundo mês do calendário ateniense, correspondendo à segunda quinzena de Agosto e primeira de setembro. Boedrómion e Pianépsion são os meses seguintes. A batalha de Cránon, na Tessália, pôs fim à guerra lamíaca e a qualquer esperança de recuperação da liberdade. Muníquia é uma colina, situada a nordeste do Pireu, a partir da qual os Macedónios podiam controlar Atenas e o Pireu, o seu porto.

de que Antípatro e Crátero marchavam para Atenas, Demóstenes e os que o apoiavam anteciparam-se e saíram secretamente da cidade, mas o povo condenou-os à morte, por proposta de Demades. 3. Como eles se tinham dispersado, uns para um lado outros para outro, Antípatro mandou, para os capturar, soldados chefiados por Árquias que era chamado 'perseguidor de fugitivos'. Diz-se que este Árquias, originário de Túrios, fora outrora actor de tragédia e que Polo de Egina, que na arte ultrapassava todos os outros actores, fora seu aluno. Hermipo escreve que Árquias estava entre os discípulos do orador Lácrito. Já Demétrio diz que ele pertencia à escola de Anaxímenes. 4. Foi este Árquias que, estando os oradores Hipérides, Aristonico de Maratona e Himério, o irmão de Demétrio de Faleros, refugiados no templo de Éaco em Egina, os tirou de lá à força e os enviou para Cleonas[80], a Antípatro, onde foram mortos. Dizem também que cortaram a língua a Hipérides, ainda vivo.

29. 1. Tendo sido informado de que Demóstenes estava na Caláuria[81], no templo de Poséidon, como suplicante, Árquias, navegando em barcos ligeiros, chegou com uma guarda de soldados da Trácia e tentou convencê-lo a levantar-se para ir com ele até Antípatro, pois, dizia, nada de mal havia a esperar. 2. Ora acontece que Demóstenes, naquela noite, tivera em sonhos uma estranha visão: era actor numa tragédia em disputa com Árquias e, apesar de bem sucedido e de conseguir prender

[80] Cidade do Peloponeso.
[81] A actual ilha de Póros, à entrada do golfo sarónico.

os espectadores, era vencido pela pobreza dos adereços e dos recursos cénicos. 3. Por isso, quando Árquias se dirigiu a ele com tanta afabilidade, manteve-se sentado e, levantando os olhos para ele, disse: "Ó Árquias, nem antes me convenceste como actor, nem agora me convences com as tuas promessas". Começando Árquias a ameaçá-lo com raiva, disse Demóstenes: "Agora sim, falas do alto da trípode macedónia[82], antes estavas a representar. Por isso, espera um pouco, para eu enviar uma carta aos meus." 4. E, dizendo isto, foi para o interior do templo, pegou numa folha de papiro como se fosse escrever, levou o cálamo à boca, mordeu-o, como costumava fazer quando escrevia e meditava, manteve-o assim algum tempo e depois cobriu-se e baixou a cabeça. 5. Os guardas que estavam de pé junto à porta riam-se, julgando que ele estava com medo, e chamavam-lhe fraco e cobarde. Árquias, aproximando-se dele, convidou-o a levantar-se e repetiu a promessa de reconciliação com Antípatro. 6. Demóstenes, sentindo já o veneno a tomar conta dele e a vencê-lo, destapou o rosto e com os olhos em Árquias disse: "Agora já podes fazer o papel do Creonte da tragédia e deixar este corpo sem sepultura[83]. Eu, querido Posídon, saio vivo do teu templo, enquanto que Antípatro e os macedónios não o deixaram puro." 7. Tendo dito isto, pediu que o amparassem, pois já tremia e vacilava. E enquanto

---

[82] Quer dizer, "falas verdade". A Pítia em Delfos fazia os seus anúncios do alto da trípode.

[83] Alusão à tragédia *Antígona* de Sófocles, onde Creonte, o rei de Tebas, proíbe a sepultura do corpo de Polinices, irmão de Antígona, que atacara a cidade.

avançava, ao ultrapassar o altar, caiu e, com um gemido, entregou a sua alma.

30. 1. Diz Aríston[84] ser voz corrente que o veneno estava dentro do cálamo. Mas um tal Papo, de cujo testemunho Hermipo se serve na sua *História*, afirma que, depois de ele cair junto ao altar, foi encontrado o seguinte começo de uma carta: “Demóstenes a Antípatro” e nada mais. 2. E diz ainda que, como a rapidez da sua morte causou espanto, os soldados trácios que estavam junto à porta contavam que ele terá tirado o veneno de um trapo, o terá levado à boca com a mão e engolido. Estes mesmos pensaram que era ouro que ele engolira. Acrescenta também que um jovem escravo que o servia, interrogado por Árquias, terá dito que havia muito tempo que Demóstenes andava com esse pedaço de tecido como salvaguarda. 3. Já Eratóstenes diz que ele guardava o veneno numa bracelete oca que usava à volta do braço como adorno. 4. Mas não é necessário um relato exaustivo das diversas coisas – e são muitas – que foram escritas por outros acerca de Demóstenes. Exceptuo apenas Demócares, seu parente[85], que afirma crer não ter sido o veneno mas a estima dos deuses e a sua Providência que o arrancaram à crueldade dos Macedónios, dando-lhe uma morte rápida e sem sofrimento. 5. Morreu no dia 16 do mês de Pianépsion, no dia mais triste das Tesmofórias, aquele que as mulheres

[84] *Vide supra* n. 27.

[85] Demócares era sobrinho de Demóstenes; foi orador em Atenas, historiador e homem de Estado.

passam a jejuar junto da deusa[86]. Pouco tempo depois o povo ateniense rendeu-lhe a honra devida: erigiu uma estátua de bronze e decretou que o mais velho dos seus descendentes fosse alimentado no Pritaneu[87] e que seria gravada na base da estátua a conhecida inscrição:

> "Se tivesses, Demóstenes, força igual aos teus projectos,
> nunca o Ares Macedónio teria dominado os Helenos."

6. Quem diz que foi o próprio Demóstenes que compôs estes versos na Caláuria quando estava para ingerir o veneno, diz uma completa tolice.

31. 1. Pouco tempo antes de eu chegar a Atenas, aconteceu o seguinte, segundo dizem: um soldado, chamado a julgamento pelo seu chefe, colocou nas mãos da estátua uma pequena quantidade de ouro que possuía. 2. A estátua tinha os dedos ligados entre si e ao lado crescia um plátano não muito grande. Muitas folhas do plátano, ou porque o vento por acaso as soltasse, ou porque o próprio que lá colocara o ouro assim o quisera esconder, caíram sobre ele, tapando-o e fazendo com que o ouro ficasse escondido muito tempo. 3. Como o homem, ao voltar lá, o encontrou intacto,

[86] Trata-se da deusa Deméter, celebrada em Atenas pelas mulheres casadas na festividade das Tesmofórias.

[87] O Pritaneu era um edifício público, o centro simbólico de uma pólis, onde estava guardado o fogo sagrado da deusa Héstia. No Pritaneu existia também um espaço para refeições pagas pela cidade. Aí eram recebidos os embaixadores estrangeiros e também aí eram alimentados, por exemplo, os atletas vencedores dos Jogos Pan-Helénicos.

a história espalhou-se, e alguns homens de talento compuseram epigramas nela baseados para defenderem a incorruptibilidade de Demóstenes. 4. Quanto a Demades, não gozou muito tempo da sua odiosa fama, pois a justiça devida a Demóstenes conduziu-o aos Macedónios que ele bajulara despudoradamente, e às mãos deles pereceu com toda a justiça. Sendo-lhes já antes insuportável, caiu numa acusação inescapável: 5. ficou conhecida uma sua carta na qual instava Perdicas[88] a atacar a Macedónia e salvar os Helenos, que dizia estarem ligados por um fio velho e usado – referindo-se com isto a Antípatro. 6. Feita a acusação por Dinarco de Corinto[89], Cassandro[90], irritado, estrangulou o filho de Demades ao colo do pai e depois mandou que ele próprio fosse morto, aprendendo assim na maior desgraça que os traidores são os primeiros a venderem-se a si mesmos, coisa de que muitas vezes Demóstenes o advertiu, mas ele negligenciou. 7. Aqui tens, pois, Sósio, a vida de Demóstenes, escrita a partir daquilo que eu li ou ouvi.

---

[88] Nobre macedónio, foi comandante nos exércitos de Alexandre. Depois da morte deste foi ganhando cada vez maior poder militar e acabou por ter a oposição de Antípatro, Crátero e do próprio Ptolomeu. Morreu em 321, quando decidiu invadir o Egipto.

[89] Um dos dez oradores áticos.

[90] Filho mais velho de Antípatro, sucedeu ao pai como governador da Macedónia.

Vida de Cícero

Introdução

> Era um homem eloquente, meu filho, eloquente e amigo da pátria.
>
> Plutarco, *Vida de Cícero*, 49. 5

Assim se terá Octávio Augusto referido a Cícero, o orador que, umas décadas antes, tentara, em vão e algo erraticamente, reanimar a agonizante República romana a quem aquele, por sua vez, acabaria por dar o golpe de misericórdia, dando início ao que viria a ser o Império.

Cícero não enjeitaria, decerto, este retrato, e não apenas por ele vir de Augusto. Aquele elogio agradar-lhe-ia sobretudo por reflectir as suas próprias ideias acerca do que devia ser a intervenção política, ideias expressas nas obras em que defende a supremacia da arte oratória sobre a militar, vendo na sua própria eloquência a melhor forma de servir a República e de lhe ser útil[1].

Das qualidades oratórias do Arpinate não existiam dúvidas na Antiguidade, apesar de, na sua época, ter estado envolvido na polémica que opunha dois estilos oratórios – o aticismo e o asianismo – tendo sido acusado de cultivar este último[2], um estilo *inflatus et tumens*,

---

[1] Cf. Cícero, *Brut.* 256-257.

[2] Os tratados *Brutus* e *Orator* são uma boa fonte de informação sobre esta polémica e sobre a resposta de Cícero às acusações de que era alvo. Cf. Tácito, *Dial.* 18.4-5. Veja-se ainda Quintiliano, *Inst.* 12.10.12.

como há-de dizer Tácito[3], e a que, portanto, na visão dos seus opositores, faltariam concisão e sobriedade, quiçá mesmo algum decoro. No século seguinte, porém, já Quintiliano o considerava a encarnação da própria eloquência e é verdadeiramente avassaladora a influência do seu pensamento e prática oratória a partir de então. O fascínio exercido posteriormente pela obra de Cícero é bem notório na forma como com ele lidaram os Padres da Igreja, no séc. IV, divididos entre a repulsa pelo paganismo e a irresistível atracção por um autor em cujo pensamento filosófico e eloquência reconheciam qualidades modelares e que, por isso, tentavam conciliar com a doutrina cristã e com a necessidade de a difundir. Santo Agostinho confessa a importância que teve o diálogo *Hortênsio*, obra para nós perdida, no seu processo de conversão ao Cristianismo e na sua descoberta da filosofia[4]. O modelo ciceroniano continuou a dar frutos no Renascimento, e até a polémica à volta do ciceronianismo que marca os estudos retóricos da época, é bem sintomática do ininterrupto acolhimento que foi dado à sua obra desde a Antiguidade e da profunda influência que ela teve na cultura ocidental[5].

É provável que Cícero tivesse preferido ficar para a história como um grande estadista, mas a verdade é que, nesse campo particular da acção política, ele não logrou alcançar a fama e o reconhecimento almejados ao longo da vida. O seu carácter foi, e continua a ser,

---

[3] A expressão é de Tácito, *idem, ibidem.*

[4] Cf. Santo Agostinho, *Confissões*, 3.4.

[5] Sobre a recepção de Cícero na Idade Média e no Renascimento, veja-se PEREIRA (2005: 74-85).

alvo das mais contraditórias apreciações: ou é louvado pelo fervor republicano e pela defesa dos valores tradicionais que haviam sustentado a república romana; ou se censura a sua tibieza, inconstância, cobardia, egoísmo e enorme vaidade[6]. Como sempre, a verdade, tal como a virtude, deve estar no meio. E é justamente essa desejável equidistância que vamos encontrar na biografia de Plutarco, onde Cícero é apresentado com as qualidades e os defeitos de carácter que, em parte, determinaram os seus sucessos e os seus fracassos.

Cícero: enquadramento biográfico e histórico

Marco Túlio Cícero nasceu em 106 a.C., em Arpino, uma pequena cidade a cerca de 100 Km de Roma, numa família da aristocracia local, terratenente, da classe dos cavaleiros (*equites*). Cedo o pai o enviou, juntamente com o irmão, Quinto, para Roma, a fim de receberem a educação que lhes permitisse singrar na Urbe. A sua formação não podia, de facto, ser melhor: estudou filosofia, direito, retórica com os mais ilustres mestres das respectivas disciplinas em Roma, em Atenas, em Esmirna e em Rodes. E cedo começou a sua intervenção na vida pública da cidade.

Ao longo deste século I, a República romana foi abalada por sucessivas crises, económicas, sociais

[6] Refiram-se apenas dois exemplos mais recentes: uma biografia de Cícero que o autor, EVERITT (2001) apresenta como "um exercício de reabilitação", e os romances da série *Roma sub rosa*, da autoria de Steven Saylor, nos quais a personagem do orador aparece com os defeitos de carácter acima referidos. Veja-se *e.g.* SAYLOR (1993, 2000).

e políticas, cujo desfecho foi, mais do que uma vez, a guerra civil. Cícero assiste à primeira, entre Mário e Sila, que termina com a longa ditadura deste último. E assiste mais tarde à que opôs Júlio César a Pompeu e que, tal como a anterior, desemboca novamente numa ditadura que se prolonga por alguns anos.

Era a República nos seus últimos estertores. O próprio facto de, em cerca de três décadas apenas, por duas vezes se instaurar uma ditadura à margem da legalidade[7] é bem o sintoma da gravidade da situação; e a permanência dos ditadores no poder durante períodos alargados de tempo é um sinal claro do perigo em que o Estado romano se encontrava – o de se transformar numa monarquia. Este era o maior receio de homens como Cícero, que abominavam a ideia de governo de um homem só e desejavam ardentemente voltar ao equilíbrio de poderes em que assentava o regime republicano.

O verdadeiro e único foco da sua devoção e da sua lealdade foi, por conseguinte, a constituição republicana, cuja defesa assumiu e para cuja manutenção propunha a *concordia ordinum*, o acordo entre as várias classes sociais – os nobres, designados por *optimates*, os *equites*, ou seja, os cavaleiros, não pertencentes à nobreza tradicional, mas detentores de riqueza e com possibilidade de entrada no Senado, e os *populares*, os apoiantes dos interesses do povo. Mas, na verdade, este era mais um apelo à concórdia do que

[7] A ditadura era uma forma extraordinária de governo a que se recorria somente em casos extremos, para resolver uma crise pontual, e, por lei, não podia ultrapassar os seis meses.

uma verdadeira proposta política, pois Cícero nunca apresentou medidas concretas que mostrassem a sua exequibilidade. Por outro lado, apesar da sua bem sucedida ascensão política e do prestígio que alcançou, ele próprio nunca reuniu consensos à sua volta, e deu sempre muitos sinais de indecisão relativamente a quem devia apoiar, talvez por gradualmente ir percebendo que nenhuma das forças em conflito em Roma tinha um verdadeiro e, como o seu, idealista amor à República.

Iniciou a carreira de orador e advogado com o discurso em defesa de Quíncio, em 81, mas foi no ano seguinte que teve o seu primeiro caso mais importante, quando aceitou defender Sexto Róscio, acusado de parricídio pelo próprio Sila, que exercia então um governo de terror em Roma. A vitória valeu-lhe o seu primeiro momento de fama, mas o receio de possíveis represálias por parte do ditador, levou-o a partir para Atenas. Aí, e depois em Rodes e Esmirna, tomou íntimo contacto não apenas com mestres de oratória mas com os mestres das três grandes correntes filosóficas gregas de então: o cepticismo, representado pela escola Neo-Académica, herdeira de Platão, o epicurismo e o estoicismo. Só depois da morte de Sila voltou a Roma, ingressando, pouco depois, em 75, na carreira política – o *cursus honorum* – como questor, o que lhe garantiria, a partir do ano seguinte, um assento no Senado. À questura, exercida na Sicília, seguiu-se o cargo de edil, para o qual foi eleito em 70, ano do famoso processo

contra Verres, de cuja acusação se encarregou. A sua vitória sobre Hortênsio, o advogado de defesa, até aí considerado o melhor advogado de Roma, trouxe-lhe uma enorme fama e catapultou-o para o primeiro lugar da vida forense.

Verdadeiro poder político começou a exercer em 66, na qualidade de pretor, visto que, ao contrário das anteriores, esta era uma magistratura *cum imperio*, isto é, com poder, nomeadamente, o de formar um exército. Foi durante a pretura que ele afirmou publicamente, pela primeira vez, o seu apoio a Pompeu, defendendo a lei, proposta pelo tribuno Manílio, que atribuía ao general o comando da guerra contra Mitridates, rei do Ponto, e o poder sobre as províncias da Ásia Menor. Pompeu era um dos homens mais poderosos da época, e por ele Cícero, não sem altos e baixos, demonstrará sempre alguma simpatia e admiração.

Chegou ao consulado, o topo da carreira política, em 63, talvez o ano mais importante da sua vida, tais foram as repercussões que a acção como cônsul teve, em Roma e na sua vida pessoal, praticamente até à sua morte. Com efeito, é do ano do consulado a descoberta da conspiração de Catilina e a decisão, aprovada no Senado e apoiada por todas as classes, de executar cinco conspiradores que, em Roma, e após a expulsão de Catilina, continuavam a projectar um golpe de estado. A responsabilidade política por tal medida – ilegal, pois condenara sumariamente à morte cidadãos romanos – valer-lhe-ia, mais tarde, em 58, o exílio e a confiscação dos seus bens.

No início do ano 61 Pompeu chega a Roma, após ter alcançado estrondosas vitórias contra os piratas e contra Mitridates, e ter anexado a Síria que passava a ser mais uma província romana. Em 60 regressa da Espanha Júlio César, vitorioso também, embora ainda sem o prestígio militar de Pompeu, prestígio que ele próprio viria a adquirir anos depois. Foi eleito cônsul para o ano seguinte. Nesta altura, em Roma, quatro homens se destacavam na cena política: Pompeu, César, Crasso e o próprio Cícero. Para todos eles o Senado, por razões distintas, olhava com desconfiança, temendo perder as suas prerrogativas tradicionais. Júlio César viu nessa circunstância um factor de união que tentou, com sucesso, levar a cabo, formando com Crasso e Pompeu uma aliança, conhecida como primeiro Triunvirato, destinada a ultrapassar as resistências do Senado aos objectivos imediatos de cada um, e assente na promessa de que nenhum deles tomaria medidas políticas que os outros não aprovassem. Cícero, que se mantivera muito tempo hesitante relativamente a tais tentativas de aproximação por parte de César – pois desconfiava da sua ambição, nele vendo um potencial autocrata – , acabou por rejeitar a proposta de participação na aliança, até porque sempre sentira maior afinidade com os princípios aristocráticos que passavam agora a estar sob mais forte ameaça.

Em 58, foi para o exílio, acusado por Clódio, um jovem de uma antiga família patrícia que se fizera adoptar por um plebeu para aceder ao cargo de tribuno, o que lhe concedia o direito de propor e vetar leis. Clódio

fez passar, ou melhor, reactivou uma lei já existente que punia qualquer magistrado responsável pela condenação à morte de um cidadão sem julgamento prévio. Sem o apoio de Pompeu nem de César, antecipou-se à condenação retirando para a Macedónia. Mas, logo no ano seguinte, por intervenção de Pompeu, o Senado aprova o seu regresso, numa altura em que a situação política e social em Roma estava cada vez mais deteriorada, devido à acção verdadeiramente terrorista de Clódio que, com o seu bando, causava sucessivos e violentos distúrbios. Esta não era a primeira vez que um clima deste tipo se instalava na cidade. Com efeito, as próprias condições da urbe, com as suas ruas e vielas estreitas, e o facto de não possuir um corpo policial, facilitava a acção de bandos de arruaceiros que mais não queriam do que perturbar a ordem estabelecida. Cícero voltou, pois, como um possível salvador da cidade, assolada pelo grupo de Clódio e o do seu opositor, mas não menos violento, Milão.

Não durou muito, porém, a esperança de Cícero na possibilidade de equilíbrio de poderes e na restauração e fortalecimento da *dignitas* do Senado, única forma, em seu entender, de garantir a desejada ordem social. Com César ausente de Roma, e com o crescente azedume das relações entre Pompeu e Crasso, a aliança do triunvirato parecia esmorecer, o que talvez fosse ao encontro dos seus desejos. No entanto, em 56, em Luca, de novo se renova a união política dos triúnviros, facto que provoca uma inesperada reviravolta na acção do orador. Apercebendo-se talvez da ineficácia ou inutilidade de

uma posição neutra, e sem poder contar com o apoio dos *optimates*, começou a apoiar o Triunvirato, chegando a discursar a favor de César, quer no Senado, quer na tribuna dos oradores, o que lhe valeu contundentes críticas e acusações de oportunismo. Esta palinódia era, porém, mais aparente que real. Nas cartas aos amigos mais próximos[8] confessa a sua desilusão e sobretudo o seu orgulho ferido por se encontrar, de alguma maneira, nas mãos de César e de Pompeu.

Afasta-se, então, da vida política, embora continue a sua actividade de advogado, e dedica-se ao estudo e à escrita. De 55 é o tratado de retórica intitulado *De Oratore*, e em 51 termina o *De Republica*, um tratado de teorização política em que expõe as suas ideias sobre o estado ideal.

Em 53, após a morte de Crasso e de seu filho na guerra contra os Partos, é eleito áugure, cargo religioso anteriormente ocupado pelo jovem Crasso e que assume com grande satisfação, dado o prestígio que lhe estava associado. Tratava-se, além disso, de uma outra forma de intervenção pública, dado que os áugures eram uma espécie de intérpretes da vontade dos deuses relativamente à realização dos vários actos políticos da cidade.

A turbulência mantinha-se em Roma e, na sequência dos distúrbios causados pelo assassinato de Clódio por Milão, em 52, Pompeu foi nomeado cônsul extraordinário, mandatado para restaurar a ordem pública. Milão foi levado a tribunal e condenado

---

[8] *Att.* 4. 5.

ao exílio, depois de uma das defesas mais frouxas da carreira de Cícero. Com o Triunvirato reduzido a dois elementos, com o crescente sucesso militar de César na Gália que lhe garantia um forte apoio popular, e, sobretudo, com a morte de Júlia, sua filha e esposa de Pompeu, que representava um importante elo de ligação entre ambos, acentuam-se as rivalidades entre dois homens carismáticos que competiam pelo primeiro lugar na cidade.

No Verão de 51, Cícero aceita, embora a contragosto, o governo da província da Cilícia como procônsul, tarefa que desempenha exemplarmente. Tinha deixado uma cidade mergulhada em grande expectativa e ansiedade, pois César estava para regressar da Gália e exigia de novo o consulado. E quando voltou, no ano seguinte, encontrou Roma à beira de uma guerra civil. Começou por tentar reconciliar as partes em conflito, mas os acontecimentos precipitaram-se. Em 49 é aprovado um *ultimatum*, ordenando a César o desmantelamento das suas tropas para poder apresentar-se em Roma como candidato, mas este atravessa com elas o Rubicão, rio que marcava o limite da Itália, e dirige-se para a Urbe. Pompeu resolve sair da cidade com a sua comitiva de Senadores e magistrados e ruma em direcção à Campânia, decisão que desagradou profundamente a Cícero, empenhado ainda na defesa de uma solução pacífica. Esta era, porém, cada vez mais difícil e a própria posição neutral assumida pelo orador começava a tornar-se insustentável. César pede-lhe directamente apoio, mas Cícero recusa e acaba

por, depois de muitas hesitações, se juntar a Pompeu, do lado de quem, apesar de tudo, se encontravam, no seu entender, os interesses da República. O desfecho foi o confronto em Farsalo, na Grécia central, de que César saiu vitorioso, provocando a fuga de Pompeu para o Egipto, onde este será assassinado.

Com o perdão de César, Cícero regressa a Itália, mas, profundamente desagradado com a sua ditadura, refugia-se de novo na escrita. Entre 46 e 44 compõe vários tratados: de retórica, como *Brutus*, *Orator*, *Partitiones Oratoriae*, e de filosofia, como *De Amicitia, De Senectute, Tusculanae Disputationes, De Finibus, De Diuinatione, De Officiis,* entre outros. A sua natural paixão pela filosofia aprofunda-se, de facto, neste período, mercê do descontentamento político, além do mais agravado pelo profundo desgosto que lhe causou a morte da filha Túlia, em 45. Dessa intensa actividade de escrita e tradução de obras gregas para latim resultará a criação de uma linguagem filosófica latina até aí inexistente. Com efeito, Cícero é o responsável pela cunhagem de vários termos filosóficos, alguns dos quais referidos por Plutarco nesta *Vida*.

Apesar de não participar na conspiração para assassinar César foi com alegria e renovada esperança que tomou conhecimento da sua morte nos idos (dia 15) de Março do ano 44. Esta parecia ser uma nova oportunidade de voltar à política activa que, todavia, não duraria muito. Começou a atacar aberta e violentamente Marco António, amigo de César, e contra ele escreve catorze discursos que intitula *Filípicas* em homenagem

a Demóstenes e à sua acção em defesa da liberdade da Hélade. As suas simpatias políticas voltam-se para o jovem Octávio, filho adoptivo de César, por quem se deixa enganar, numa atitude algo ingénua ou imprevidente. Acabará por ser vítima do segundo Triunvirato – aliança instituída entre Octávio, Marco António e Lépido – que inicia um novo regime de proscrições. Marco António exige a cabeça de Cícero, que é assassinado em Dezembro de 43, depois de uma tentativa de fuga frustrada.

Cícero segundo Plutarco

Ressalta da narração plutarqueana da vida de Cícero o desenho de uma personalidade complexa, definida por uma tensão, de contornos algo trágicos, entre qualidades verdadeiramente excepcionais e defeitos de carácter que as obscurecem e impedem o pleno sucesso; entre a promessa de um futuro glorioso e o constante confronto com a efemeridade da glória e a facilidade da queda. Apesar de Plutarco acreditar na possibilidade de os homens modificarem o seu carácter[9], a visão que transparece nesta *Vida* faz lembrar a de Heraclito, que via no *ethos* um poder demónico, quase inelutável[10]. Nessa medida a podemos também aproximar da perspectiva trágica de Sófocles, cujas personagens excepcionais se encontram fatalmente marcadas por esse mesmo *ethos*

[9] Plutarco defende que o *ethos* está sujeito à *metabole*, o que significa que os homens têm a possibilidade de mudar, de se tornarem melhores, sendo mesmo essa uma das razões pelas quais os deuses, mais sábios em tudo, parecem por vezes demorar na aplicação do castigo. Cf. Plutarco, *De sera* 551E.

[10] Cf. frg. 119 Diels.

que determina escolhas e acções. Com Cícero, pelo menos, assim parece acontecer. A grandeza do orador, que se manifesta nas qualidades oratórias, na cultura, no exercício do poder, é atravessada por falhas de carácter que limitam os sucessos e a desejada felicidade.

O estatuto potencialmente heróico do Arpinate e o seu futuro promissor são imediatamente sugeridos na apresentação dos dados relativos ao nascimento, apresentação feita de elementos típicos dos contos populares e das narrativas míticas acerca de heróis: o rapaz nasce de um parto fácil e indolor e a sua ama tem uma visão profética em que ele surge como alguém que trará benefícios à cidade. A narrativa do nascimento faz, pois, convergir dois destinos: o de Cícero e o de Roma. Mas, ao contrário do que, por regra, acontece nos contos, a história deste herói não terá um final feliz, e isso deve-se essencialmente a dois factores: ao carácter da personagem e às circunstâncias do tempo em que viveu, a conjuntura social e política que, conjugada com aquele, o conduziram, mais do que uma vez, ao fracasso.

O relato da infância dá seguimento à apresentação de um menino-prodígio que encarna o papel de estrela maior entre os rapazes da mesma idade, deles se destacando pela inteligência e outros dotes naturais. Também a formação superior, retórica e filosófica, é feita com os melhores mestres das respectivas disciplinas, que nele reconhecem a *arete*, essa 'excelência' que é apanágio de muito poucos. São significativas as palavras do orador Apolónio Mólon:

> "Louvo-te, ó Cícero, e admiro-te, mas lamento a sorte da Hélade, ao ver, que, através de ti, passam para os Romanos as únicas marcas de excelência que nos restavam – a cultura e a eloquência."

Apesar disso, já na fase inicial da sua vida surgem os primeiros sinais de algo que há-se ser constante ao longo do seu percurso existencial. Diz Plutarco (*Cic.* 2) que ele

> "brilhava pelos dotes naturais, e adquiria nome e fama [doxa] entre os rapazes, a ponto de os pais destes irem frequentemente à escola não só para verem Cícero com os próprios olhos, mas também para observarem a sua famosa rapidez na aprendizagem e a sua inteligência; já os mais incultos se irritavam com os filhos quando os viam nas ruas sempre à volta de Cícero, dando-lhe a maior atenção."

Cícero nunca será, de facto, um homem que suscite consensos, pelo contrário, na mesma medida em que atrai amores atrai também ódios, que acabam por preponderar e arrastá-lo para o desastre. E assim se constrói o movimento característico da biografia deste romano ilustre – um repetido balanço entre o brilho dos sucessos pessoais e políticos que lhe granjeiam a tão desejada honra e glória, e a sombra das invejas e dos ódios que, muitas vezes devido a si próprio, como pensa Plutarco[11], deslustram as boas acções.

[11] Cf. *Cic.* 24.1; 25.1; 27.1; 28.1; 38.2; 41.1.

De acordo com uma estratégia narrativa que procura pôr em relevo o nexo causal entre os actos e o carácter do biografado, determinadas ideias-chave vão emergindo pontualmente, funcionando como uma espécie de ressonância que orienta a leitura dos factos. Os primeiros cinco capítulos, referentes aos anos anteriores à entrada no *cursus honorum*, configuram-se como uma introdução ou prólogo que expõe as principais linhas, a serem depois usadas como uma grelha para a análise dos dados biográficos passíveis de iluminarem o *ethos* da personagem. Assim se estabelece, entre estes momentos iniciais e os episódios subsequentes, uma relação de continuidade, que torna compreensíveis as acções do Arpinate à luz dos traços de carácter que no início se desenharam e parecem actuar ao longo da vida como uma força necessária e, de certo modo, fatal.

Um dos traços da personalidade de Cícero é a predisposição natural para a aprendizagem, para o estudo de várias matérias e uma inteligência superior. Verificados na infância e juventude (2.2-3), mantêm-se ao longo da vida, quer pelo convívio assíduo com homens cultos e eruditos, alguns dos quais acolheu na sua própria casa (8.4), quer na inteligência demonstrada na descoberta da conjura de Catilina (12.1; 18.7) ou na perspicácia em relação aos verdadeiros projectos políticos de César (20.6). Ligado a este traço está o amor da filosofia que, desde muito cedo, parece competir com o desejo de protagonismo político. Dessa competição dá o biógrafo conta em momentos cruciais da vida de Cícero, nomeadamente no que se segue à defesa de Sexto Róscio, quando o orador, com

receio da vingança de Sila, decide sair de Roma e viajar até à Grécia para aí estudar com os maiores filósofos de então. Diz o biógrafo (4.3-4) que ele

> "amava este género de estudos e a eles de preferência se dedicava, chegando a pôr a hipótese de se afastar totalmente da actividade política, mudar a sua residência para aquela cidade [Atenas] e viver em tranquilidade com a filosofia, longe do Fórum e da vida pública. Contudo, quando lhe foi anunciada a morte de Sila, de novo se reanimou a veia política."

A mesma decisão de se afastar dos assuntos políticos e se dedicar à filosofia é desencadeada pelo desânimo que se segue à derrota de Pompeu e consequente ascensão de César à ditadura (40.1). Todavia, após o assassinato do ditador, de novo renasce a esperança de intervenção nos destinos da cidade e para ela se volta activamente.

Fica, pois, a impressão de que os estudos filosóficos funcionaram como uma segunda escolha na vida de Cícero, e como um paliativo para as adversidades com que foi forçado a deparar-se. Mas o verdadeiro foco da tensão que, segundo Plutarco, envolve o inegável amor do Arpinate pelo saber, prende-se com a dificuldade de viver de acordo com os elevados princípios morais que a filosofia propunha e que ele próprio defendia nos seus tratados. Essa incoerência revela-se durante o período do exílio, e, de forma ainda mais deplorável, no final da sua vida, quando *sem dignidade, se fez transportar pelos servos de um lado para o outro, tentando escapar à morte e escondendo-se dos que lha traziam não muito*

antes do que seria natural, acabando degolado (54.1). O pensamento do biógrafo a esse respeito é muito claro nos comentários feitos a propósito da atitude de Cícero no exílio (32.6-7):

> "Muitas vezes pedia aos amigos que não lhe chamassem orador mas filósofo, pois, dizia, fora a filosofia que escolhera como profissão, enquanto a oratória era apenas o instrumento de que se servia na acção política, quando necessário. 7. Mas a opinião, como um verniz, tem força para apagar da alma a razão e para gravar nos que governam o Estado as paixões da populaça, devido à proximidade e ao convívio com ela, a não ser que se tenha muita segurança e se seja capaz de um relacionamento tal que se tome parte apenas nas acções e não nas paixões que delas nascem."[12]

Na origem dessa incapacidade e incoerência está o principal defeito de carácter do orador: a paixão da glória e da fama (*doxa*) que *permaneceu nele toda a vida e muitas vezes perturbou o exercício correcto da razão* (6.5). Este é, com efeito, o traço da personalidade de Cícero que o biógrafo mais destaca e ao qual atribui os principais infortúnios da personagem. Não é por acaso que, logo na abertura da *Vida* e após breves dados relativos à filiação do seu biografado, Plutarco se demora nas informações acerca do estranho nome "Cícero", relacionado com *cicer*, palavra latina que significa 'grão de bico'. Explica que, apesar de ser motivo de chacota para muitos, o Arpinate não só resolveu assumi-lo

[12] Para a clarificação das ideias contidas neste passo, veja-se, *infra*, a nota à tradução.

orgulhosamente, como ainda afirmou a intenção de o tornar mais célebre (*endoxoteron*) do que os nomes igualmente risíveis de dois famosos cônsules romanos. A evocação de tal propósito de Cícero expresso no início da sua carreira política, revela aquilo que verdadeiramente o move e há-de estar quase sempre na base das suas acções, constituindo, em termos narrativos, uma espécie de *leit-motiv* desta biografia. E o episódio humorístico contado a seguir, não obstante exemplificar aquela que poderia ser uma das qualidades do Arpinate – o bom humor – prefigura, antes, a desenfreada tendência para a troça e o sarcasmo, evocada mais tarde pelo biógrafo com particular insistência (25-27)[13] e que, do seu ponto de vista, representa uma extensão desse excessivo amor da fama de que Cícero enferma[14], transformando-o em alvo do ódio dos seus contemporâneos (5.6; 27.1).

Estes aspectos da sua personalidade são retomados no capítulo cinco com informações preciosas. Diz Plutarco que, ainda no início da sua carreira, Cícero terá consultado o oráculo de Delfos, para saber como deveria atingir a maior glória (*endoxotatos*), tendo recebido a indicação de que o melhor guia para a vida não era a opinião (*doxa*), mas a natureza (*physis*). Há, na resposta do oráculo, uma censura subtil ao conteúdo da pergunta, e o deus rejeita claramente uma vida orientada

[13] Plutarco atribui tal importância a este aspecto da personalidade de Cícero que, na *Comparação*, não se limita a recordá-lo, mas ainda acrescenta alguns episódios novos como exemplos.

[14] Plutarco, *De se ipsum*, 546F, refere-se ao excessivo amor da glória e do reconhecimento alheio como uma enfermidade (τοῖς περὶ δόξαν νοσοῦσιν).

para a busca da glória que deriva da opinião dos outros. Admoestando o consulente a cuidar antes da sua *physis*, faz eco da célebre máxima inscrita em Delfos – *conhece-te a ti mesmo* – que Cícero, porém, se revela incapaz de seguir. Com este episódio, o biógrafo mostra bem que o caminho posteriormente seguido pelo orador resultou de uma escolha – patente na formulação da resposta do oráculo – mas foi ao mesmo tempo determinado pelo *ethos* que ele se mostrou incapaz de modificar. Todavia, em todo o seu percurso existencial, tal como Plutarco o apresenta, revelar-se-á a justeza do conselho de Apolo, pois, em vários momentos graves, incluindo o do seu assassinato, Cícero experimentou na carne a volubilidade da opinião dos homens e a efemeridade da glória. Tais são as consequências que, como um presságio, se deixam aqui adivinhar.

O episódio narrado no capítulo seguinte, embora ligeiro e algo cómico, constitui um interessante exemplo da tensão, anteriormente referida, entre as excelsas qualidades do orador e uma certa fragilidade moral – chamada vaidade, neste caso – que emerge nos melhores momentos da sua vida, lançando sobre eles alguma sombra. Plutarco fala do sentido de humanidade (*philanthropia*), da justiça e da honestidade demonstradas na sua primeira função ao serviço da república como questor, na Sicília. Mas – e a narrativa da vida de Cícero é significativamente atravessada por constantes adversativas – o reconhecimento obtido da parte dos Sicilianos fez aumentar a sua vaidade, levando-o ao ponto de imaginar que a cidade de Roma

estivesse já cheia das novas acerca dos seus feitos, o que, afinal, não aconteceu.

O que aqui se apresenta como um episódio divertido (6.3) prenuncia uma atitude que se agravará no futuro e lhe trará muitos dissabores. Com efeito, para além do humor e do sarcasmo usados inconvenientemente contra os seus concidadãos, uma outra faceta do comportamento de Cícero, decorrente do amor da fama e da glória, diz Plutarco ser o hábito, que se manifestou após o êxito obtido na questão de Catilina, de *estar sempre a vangloriar-se e a engrandecer-se*, coisa que o tornou *insuportável a muita ge*nte (24.1; 25.1)[15]. Foi esta atitude, sobretudo, que o isolou completamente no caso de Clódio, e o levou a ser condenado ao exílio, altura em que se viu abandonado até por aqueles que lhe deviam a maior gratidão.

Apesar de tudo isto, em momento algum da narrativa se sugere que as desgraças de Cícero tenham sido merecidas ou proporcionais aos seus erros. Muito pelo contrário: ele é apresentado sobretudo como vítima, de si próprio, sim, mas também da ingratidão, da injustiça e da crueldade dos homens. Se, de acordo com a exposição de Plutarco, os defeitos de Cícero contribuem, em grande parte, para a sua infelicidade, e constituem exemplos de comportamento a evitar, são as suas qualidades que despertam não só o interesse mas também o sentimento de compaixão

[15] Plutarco é particularmente sensível a este defeito de carácter que aborda exaustivamente num dos seus tratados morais. Cf. *De se ipsum citra invidiam laudando*.

que, no final da *Synkrisis*, o biógrafo nos convida a partilhar (56.1)[16].

[16] Este apelo final apenas torna explícita a expectativa de Plutarco em relação aos leitores, pois toda a sua narrativa está orientada para neles induzir essa resposta. Apelando à compaixão, o autor lembra também as emoções envolvidas na fruição estética da tragédia, cuja atmosfera parece respirar-se em alguns momentos destas biografias. Cf. VÁRZEAS (2009).

Vida de Cícero

1.1. Dizem que a mãe de Cícero, Hélvia, nasceu numa boa família e levou uma vida condigna. Já a respeito do pai não existem informações seguras. 2. Uns dizem que ele nasceu e foi criado na oficina de um pisoeiro, enquanto outros fazem remontar a origem da sua família a Túlio Átio, brilhante rei dos Volscos que combateu vigorosamente os Romanos. **3.** Mas o primeiro da família a receber o nome Cícero deve ter sido digno de fama, pois os que vieram a seguir não rejeitaram tal apelido, antes adoptaram-no, apesar de ser motivo de chacota para muitos. 4. É que *cicer* é a palavra com que os Latinos designam o grão-de-bico, e aquele antepassado, ao que parece, tinha na ponta do nariz uma ligeira fenda que parecia o corte de um grão-de-bico, e daí lhe terá vindo o sobrenome. 5. Na verdade o próprio Cícero sobre quem se escreve este livro, quando resolveu dedicar-se à política e iniciou a corrida aos cargos, aos amigos que o aconselhavam a abandonar o nome e a adoptar outro terá dito com ousadia que haveria de lutar para mostrar que o nome Cícero era mais célebre do que o de Escauro ou Cátulo[1]. 6. E quando foi questor na Sicília, ao oferecer aos deuses um objecto em prata, nele

[1] Trata-se, respectivamente, de Marco Emílio Escauro, cônsul em 115, e de Quinto Lutácio Cátulo, cônsul em 102. Também os sobrenomes Escauro e Cátulo eram motivo de riso, dado que, como substantivos comuns, designavam, o primeiro uma deficiência num pé, o segundo um cachorrinho.

fez inscrever os dois primeiros nomes, Marco e Túlio, mas, por graça, em vez do terceiro, mandou o artista gravar um grão-de-bico ao lado das letras. Isto é o que se conta acerca do seu nome.

2.1. Diz-se que a mãe o deu à luz sem dor nem esforço no terceiro dia das Calendas novas[2], aquele em que actualmente os magistrados fazem preces e sacrifícios pelo imperador. Ao que parece, a mulher que o amamentou teve uma visão onde lhe foi anunciado que ele viria a ser de grande utilidade para todos os Romanos. 2. Estas coisas que, em geral, parecem meros sonhos e frivolidades, ele próprio, quando chegou à idade de aprender, logo demonstrou serem verdadeiras profecias, pois brilhava pelos dotes naturais, e adquiria nome e fama entre os rapazes, a ponto de os pais destes irem frequentemente à escola não só para verem Cícero com os próprios olhos, mas também para observarem a sua famosa rapidez na aprendizagem e a sua inteligência; já os mais incultos se irritavam com os filhos quando os viam nas ruas sempre à volta de Cícero, dando-lhe a maior atenção. 3. Embora tenha nascido com uma aptidão para abraçar todas as ciências sem desprezar qualquer espécie de conhecimento e de aprendizagem – qualidade que, segundo Platão, é própria de quem ama o estudo e a sabedoria[3] – cedo se entregou com grande

---

[2] Pelo moderno modo de datação, trata-se do dia 3 de Janeiro. A data é referida pelo próprio Cícero numa carta a Ático (*Att.* 7. 5) como *III Non. Januarii*, "o terceiro dia antes das Nonas de Janeiro". Plutarco faz a contagem de acordo com o costume grego.

[3] Cf. Platão, *Rep*. 475b.

ardor à poesia e conserva-se até um poema da sua infância, intitulado *Pôncio Glauco*, composto em tetrâmetros. 4. Com a idade, passou a cultivar uma maior variedade de géneros e ganhou fama de ser não só o melhor dos oradores mas também o melhor dos poetas romanos. 5. Mas enquanto a fama da sua eloquência ainda hoje se mantém, apesar das mudanças não pequenas por que passou essa arte, no que diz respeito à poesia, o surgimento de muitos poetas talentosos fez com que ele caísse totalmente na obscuridade e no esquecimento.

3.1. Quando abandonou os estudos da infância, seguiu as lições do filósofo Fílon da Academia, que era, dos discípulos de Clitómaco, aquele cuja eloquência os Romanos mais admiravam e cujo carácter mais prezavam[4]. 2. Ao mesmo tempo, ligou-se aos homens do círculo de Múcio, políticos com lugar de destaque no Senado, e aprendeu com a sua experiência em leis[5]. Sob o comando de Sila, também tomou parte, durante algum tempo, numa campanha militar na guerra contra

[4] Fílon de Larissa sucedera a Clitómaco de Cartago à frente da Academia. Cícero refere-se ao seu magistério e ao fascínio que sentiu pelo filósofo no tratado *Brutus*, 306. A filosofia entrou, pois, na sua vida provavelmente em 88, quando Fílon chegou a Roma. Os estudos da infância terminavam por volta dos dezasseis anos, idade em que a chamada toga *praetexta* era substituída pela toga viril que assinalava a passagem para a idade adulta.

[5] Trata-se de Quinto Múcio Cévola, ilustre jurista romano. Um seu primo, com o mesmo nome, foi também homem de leis e escreveu um tratado de direito civil em dezoito livros, intitulado *De iure ciuile*. O primeiro foi áugure, o segundo Sumo Pontífice. Com ambos Cícero adquiriu conhecimentos em leis. Cf. Cícero, *Brut.* 306.

os Marsos[6]. 3. Em seguida, vendo a situação política cair em dissensões e, destas, numa monarquia absoluta, voltou à vida estudiosa e especulativa, frequentando os eruditos gregos e dedicando-se às ciências[7], até ao momento em que Sila tomou o poder e a cidade parecia recuperar alguma estabilidade[8]. 4. Nessa mesma altura, Crisógono, liberto de Sila, pôs à venda os bens de um certo homem que morrera, fazendo crer que se tratava de um proscrito[9], e comprou-os ele mesmo por duas mil

[6] Lúcio Cornélio Sila, nascido em 138 no seio de uma família patrícia embora empobrecida, foi cônsul em 88, ditador em 82 e de novo cônsul em 80, depois do que se retirou da vida política. Plutarco escreveu a sua biografia. Teve papel de relevo na chamada Guerra Social, de 91 a 88, que opôs Roma aos aliados itálicos que reclamavam direitos de cidadania. Sobre a participação de Cícero na guerra contra os Marsos não existe informação segura. A única referência, feita pelo próprio (*Phil.* 12. 27), ao exercício de funções militares, diz respeito justamente à Guerra Social onde foi chefiado pelo pai de Pompeu. Os Marsos foram um dos povos itálicos aliados que estiveram envolvidos nesta guerra.

[7] Um desses eruditos foi Diódoto, o filósofo estóico, que foi acolhido por Cícero em cuja casa morreu anos depois. Cf. Cícero, *Brut*. 309.

[8] Plutarco refere-se à ditadura de Sila, que teve início em 82, com o objectivo de reformar e restaurar as instituições republicanas, numa altura em que Roma vivia mergulhada em graves problemas sociais. A ditadura era uma magistratura excepcional, de curta duração (por lei, não podia ultrapassar os seis meses) e a que se recorria muito raramente e apenas em situações de emergência. Ao ditador eram atribuídos plenos poderes para resolver uma crise grave. Apesar da estabilidade que Sila conseguiu, o seu mandato – que se prolongou até o ditador se retirar da vida política em 79 – ficou marcado pelo terror, principalmente devido a uma das suas medidas – a das proscrições, listas com os nomes de adversários políticos e pessoais a serem mortos e cujos bens eram confiscados. O episódio contado a seguir mostra como as listas foram muitas vezes usadas de forma fraudulenta.

[9] Vide nota anterior.

dracmas[10]. 5. Mas, quando Róscio, filho e herdeiro do morto, mostrou a sua indignação e provou que os bens valiam duzentos e cinquenta talentos[11], Sila, sentindo-se posto em causa, irritou-se e, instigado por Crisógono, moveu a Róscio uma acusação de parricídio. Por medo da hostilidade de Sila, ninguém o queria socorrer e todos se afastavam; e, por isso, abandonado desta maneira, Róscio recorreu a Cícero. Os amigos deste incitavam-no a defendê-lo, pois pensavam que ele não voltaria a ter uma oportunidade como esta para mostar o seu brilho e adquirir uma boa reputação. 6. Encarregou-se, pois, da defesa, foi bem sucedido e obteve a admiração geral. Porém, com receio de Sila, viajou para a Grécia, tendo antes posto a correr o rumor de que precisava de se tratar. 7. É que ele era débil e magro de corpo e tinha um estômago tão delicado que só a custo e em hora tardia levava à boca uma pequena refeição ligeira. Tinha boa voz e forte, mas dura e pouco maleável; e, devido à paixão e à veemência com que discursava, falava num tom muito elevado, que punha em perigo a sua saúde.

4.1. Em Atenas ouviu as lições de Antíoco de Ascalão, encantado com a fluidez e a graça das suas palavras, ainda que não aprovasse as suas inovações

[10] Segundo informação de Cícero no discurso que proferiu em defesa de Róscio (*Rosc. Am.* 2. 6) a quantia avançada por Crisógono era de dois mil sestércios, o que equivale, não a duas mil dracmas, mas apenas a quinhentas, dado que uma dracma grega correspondia a um denário romano, e o sestércio era a quarta parte do denário.

[11] A diferença era enorme, dado que duzentos e cinquenta talentos equivaliam a um milhão e quinhentas mil dracmas (um talento valia seis mil dracmas).

doutrinais. 2. Com efeito, Antíoco já se tinha afastado da chamada Nova Academia e havia abandonado o grupo de Carnéades – ou porque se rendera à evidência da percepção dos sentidos, ou, como dizem alguns, por rivalidade e pelo desejo de se distinguir dos seguidores de Clitómaco e de Fílon. Depois disto, passou a adoptar os pontos de vista estóicos na maior parte das questões[12]. 3. Cícero amava este género de estudos e a eles de preferência se dedicava, chegando a pôr a hipótese de se afastar totalmente da actividade política, mudar a sua residência para aquela cidade e viver em tranquilidade com a filosofia, longe do Fórum e da vida pública. 4. Contudo, quando lhe foi anunciada a morte de Sila, de novo se reanimou a veia política. A ginástica fortalecera e revigorara o seu corpo, e a voz, ajustada à robustez física, adquirira maleabilidade e tornara-se muito agradável de ouvir. Por outro lado, quer os amigos, nas cartas que lhe escreviam de Roma, quer o próprio Antíoco muito o encorajavam a entregar-se à acção política. Por isso, de novo ele começou a treinar, como se de um instrumento se tratasse, o seu talento oratório, exercitando-se nos discursos e frequentando os melhores oradores. 5. Dali navegou para a Ásia e para Rodes. Dos oradores asiáticos frequentou Xénocles de Adramiteu, Dionísio

[12] Antíoco de Ascalão (c. 130-c. 69) começou por estar ligado à Academia, sendo discípulo de Fílon de Larissa, mas dela se afastou em desacordo com a orientação céptica que a escola de Platão acabara por seguir. Por isso se lhe referia como a Nova Academia, distinguindo-a da original cujo espírito, em seu entender, se desvirtuara. A defesa da validade da percepção dos sentidos afastava-o do cepticismo, aproximando-o da filosofia estóica que, de facto, passou a adoptar.

da Magnésia e Menipo da Cária; em Rodes, o orador Apolónio Mólon e o filósofo Posidónio[13]. 6. Conta-se que Apolónio, que não sabia latim, pediu a Cícero que discursasse em grego. Este aceitou de boa vontade, pensando que assim seria melhor corrigido. 7. Depois de discursar, os outros ficaram estupefactos e rivalizavam nos elogios, mas Apolónio não se manifestou durante a audição e, quando Cícero terminou, ficou sentado muito tempo, pensativo. Perante o incómodo de Cícero acabou por dizer: "Louvo-te, ó Cícero, e admiro-te, mas lamento a sorte da Hélade, ao ver que, através de ti, passam para os Romanos as únicas marcas de excelência que nos restavam – a cultura e a eloquência."

5.1. Então Cícero, cheio de esperança, voltou-se para a política, mas o seu entusiasmo foi quebrado por um certo oráculo. Tendo ele perguntado ao deus délfico como haveria de alcançar a maior glória, a Pítia mandou-lhe tomar como guia para a vida a sua própria natureza e não a opinião dos homens. 2. E, de facto, pelo menos nos primeiros tempos em Roma, levava uma vida discreta, hesitava na corrida às magistraturas, e não era, por isso, alvo de atenção, sendo apenas apodado de "grego" e de "homem dado ao ócio" – aquelas expressões ligeiras habituais nos Romanos mais vulgares. 3. Porém, ambicioso por natureza, e incitado pelo pai e pelos amigos, entregou-se à advocacia, e não demorou muito tempo a alcançar lugar cimeiro, pois cedo brilhou a sua

[13] Cf. Cícero, *Brut.* 315-316. Posidónio era um filósofo estóico cuja escola, em Rodes, passou a ser o mais importante centro do estoicismo.

reputação, destacando-se sobremaneira dos seus rivais no Fórum. 4. Diz-se que ele tinha problemas de dicção não inferiores aos de Demóstenes, e, por isso, seguia com especial atenção as actuações de Róscio, o actor cómico, e de Esopo, o trágico. 5. Segundo se conta, este Esopo, ao representar no teatro o papel de Atreu no momento em que este deliberava vingar-se de Tiestes, tomado pela paixão e perdido o controle de si mesmo, atingiu com o ceptro um criado que de súbito passava a correr e matou-o. 6. Não foi pequena a influência da arte da representação na capacidade persuasiva de Cícero. Ele troçava mesmo dos oradores que recorriam a grandes elevações de voz e dizia que era por fraqueza que se apoiavam na gritaria, tal como os coxos no cavalo. Esta disposição para o sarcasmo e para a brincadeira parecia própria de um advogado talentoso, mas ele usava-a demasiado, incomodava muitas pessoas e ganhava fama de mau carácter.

6.1. Nomeado questor num ano de falta de trigo[14] e tendo-lhe calhado a Sicília, de início não agradou aos habitantes, obrigados a enviar trigo para Roma. Mas depois, ao experimentarem a justiça e a doçura da sua administração, honraram-no como a

[14] Foi no ano de 75 que Cícero exerceu a questura na Sicília, ingressando na carreira política, o chamado *cursus honorum*, composto por quatro magistraturas regulares, a primeira das quais era a questura, seguindo-se a edilidade, a pretura e finalmente, no topo da carreira, o consulado. As duas primeiras eram magistraturas *sine imperium*, isto é, sem efectivo poder político e sem poder de formar exércitos, as últimas *cum imperium*, ou seja, com esses poderes. Aos questores cabia a gestão das finanças.

nenhum dos anteriores governantes. 2. Quando muitos jovens romanos ilustres e de boas famílias, acusados de insubordinação e de fraqueza na guerra, foram levados ao pretor da Sicília, Cícero defendeu-os de forma brilhante e conseguiu a sua absolvição. 3. Muito seguro de si com tais êxitos, conta ele que, no regresso a Roma, lhe aconteceu uma coisa divertida[15]: encontrou na região da Campânia um homem importante que ele tinha como amigo e perguntou-lhe que diziam e pensavam os Romanos do que tinha feito. Julgava ele que toda a cidade estava cheia do renome e da fama das suas acções. 4. O homem, porém, respondeu: "E onde estavas tu, Cícero, durante este tempo?" Então perdeu completamente a confiança, ao ver que a sua reputação caíra na cidade como num mar sem fundo e não produzira glória que se visse. Posteriormente a reflexão fez com que o seu desejo de honras diminuísse um pouco, pois percebeu que lutava por uma empresa sem limites e por uma glória inacessível. 5. No entanto, o prazer de ser elogiado não desapareceu e a enorme paixão da glória permaneceu nele toda a vida e muitas vezes perturbou o exercício correcto da razão.

7.1. Entregando-se com maior ardor à política, considerava vergonhoso que, enquanto os artesãos, apesar de usarem instrumentos e utensílios inanimados, sabiam os nomes, o lugar e a função de todos eles, o homem de Estado, que chegava aos cargos públicos por meio dos homens, não desse importância e não

[15] Cf. Cícero, *Planc.* 26. 65.

procurasse conhecer os cidadãos. 2. Por essa razão não só ganhou o hábito de lembrar os nomes, mas também de conhecer o lugar onde viviam os mais notáveis, os campos que possuíam, os amigos com quem se relacionavam e os vizinhos. E em qualquer caminho de Itália por onde passasse Cícero era capaz de dizer e mostrar os terrenos dos amigos e as suas casas de campo. 3. Embora apropriada à sua condição e suficiente para os gastos, a sua fortuna era pequena e, por isso, causava admiração que ele não aceitasse honorários nem presentes pelos serviços de advogado, sobretudo quando se encarregou do processo contra Verres[16]. 4. Este fora pretor na Sicília e cometera muitos crimes contra os Sicilianos que o denunciaram. Cícero conseguiu a sua condenação não com discursos, mas, de certa maneira, sem falar. 5. Os pretores favoráveis a Verres, à custa de adiamentos e atrasos, arrastaram o processo até à data limite, pois era evidente que um dia não seria suficiente para os discursos e o julgamento não chegaria ao fim[17]. Então Cícero levantou-se e declarou que não precisava

[16] Gaio Verres tivera a seu cargo a administração da Sicília entre 73 e 71, província que explorou e reprimiu. Acusado de extorsão pelos Sicilianos, foi julgado em 70. Porém, o seu advogado de defesa, Quinto Hortênsio Hórtalo, apesar de ser então o maior advogado de Roma, não conseguiu vencer a estratégia de Cícero que com esta vitória ganhou uma fama retumbante. Contra Verres proferiu Cícero a *Actio Prima in Verrem* e escreveu mais cinco discursos, a *Actio secunda in Verrem*, que não foram pronunciados mas distribuídos em cópias. Todos esses famosos discursos, conhecidos por *Verrinas*, são exemplo do poder demolidor da sua eloquência.

[17] Quinto Hortênsio Hórtalo, o defensor de Verres que fora designado cônsul para o ano seguinte, tentou arrastar o caso até entrar em funções para, desse modo, evitar a condenação.

de discursar; em vez disso, mandou vir as testemunhas, interrogou-as e pediu aos juízes que procedessem à votação[18]. 6. A propósito deste processo recordam-se ainda muitos gracejos que ele terá dito. Um ocorreu quando um liberto, de nome Cecílio[19], convertido ao judaísmo, queria acusar Verres sozinho, afastando os Sicilianos. Ora, como os Romanos chamam *verres* ao porco por castrar, Cícero perguntou: "Que tem um judeu a ver com um porco?"[20] 7. Também quando Verres, cujo filho, ainda jovem, tinha fama de se oferecer de uma maneira imprópria de um homem livre, invectivava Cícero, chamando-lhe devasso, este respondeu-lhe: "É aos teus filhos, dentro de portas, que deves esse insulto." 8. Quando o orador Hortênsio, que não quisera defender Verres abertamente, mas aceitara apoiá-lo no momento da fixação da multa, recebeu como pagamento uma esfinge de marfim, Cícero disse-lhe qualquer coisa de forma ambígua. Hortênsio, então, respondeu-lhe que não sabia resolver enigmas. Ao que Cícero replicou: "E, no entanto, tens a esfinge dentro de casa!"

8. 1. Verres foi, assim, condenado, mas Cícero, que fixara a multa em setecentos e cinquenta mil dracmas, foi acusado de apresentar um valor baixo para

---

[18] Percebendo que ia ser condenado, Verres preferiu o exílio: foi para Massília, a actual Marselha, onde acabou por morrer.

[19] Quinto Cecílio Nigro fora questor de Verres. A sua acusação era apenas uma manobra para afastar as mais pesadas acusações dos Sicilianos, mas o pretor em exercício, Mânio Acílio Glabrião, decidiu a favor de Cícero.

[20] Além de o porco ser um animal impuro para os Judeus, a piada alude também à prática judaica da circuncisão.

obter dinheiro. 2. No entanto, no ano em que foi edil, os Sicilianos mostraram a sua gratidão, enviando-lhe da ilha muitos presentes, dos quais não tirou qualquer proveito; antes, aproveitou a generosidade dos homens para fazer baixar o preço das mercadorias[21]. 3. Possuía uma bela propriedade em Arpino e duas outras, não muito grandes, uma perto de Nápoles, outra perto de Pompeios. Juntava-se a isto o dote de Terência, sua mulher, de cento e vinte mil dracmas, e uma herança que chegava aos noventa mil denários. 4. Com estes meios levava uma vida liberal e ao mesmo tempo moderada no meio de eruditos gregos e romanos que viviam em sua casa, quase nunca se reclinando à mesa antes do pôr-do-sol, não tanto por falta de tempo, mas porque os problemas de estômago lhe provocavam um grande mal-estar físico. 5. Relativamente aos restantes cuidados com o corpo, era extraordinariamente escrupuloso, de tal modo que cumpria um número determinado de massagens e longas caminhadas. Desta forma mantinha o corpo livre de doenças e conservava-o apto para resistir aos grandes e numerosos combates e penas que viriam. 6. A casa do pai cedeu-a ao irmão e ele próprio vivia no Palatino, de modo a evitar que os seus clientes tivessem de percorrer um longo caminho[22]. Estes vinham todos

[21] Das atribuições dos edis fazia parte a vigilância dos mercados e a regulação dos preços.

[22] Os clientes eram um grupo de pessoas, muitas delas sem meios de subsistência, que gravitavam à volta de um homem rico e influente por quem eram ajudadas, a quem deviam lealdade e por quem eram juridicamente protegidas. Um dos seus deveres era o de se deslocarem diariamente, pela manhã, a casa do seu patrono, para o cumprimentarem e dele eventualmente receberem alimentos

os dias à sua porta em número não menor do que os clientes de Crasso e de Pompeu, homens que eram os mais admirados e os maiores dos Romanos, o primeiro devido à riqueza, o segundo devido ao poder militar. 7. Também Pompeu tinha laços de amizade com Cícero, cujas acções políticas favoreceram grandemente a sua glória[23].

9.1. Apesar de muitos e nobres homens concorrerem juntamente com ele à pretura[24], Cícero obteve o primeiro lugar e as suas decisões eram consideradas honestas e justas. 2. Conta-se que Licínio Macro foi à sua presença, acusado de furto. Este homem tinha grande poder na cidade, não só por si próprio mas também devido ao auxílio de Crasso. Confiante nesse poder e apoio, ainda os juízes não haviam terminado a votação, foi para casa, cortou rapidamente o cabelo, vestiu um manto branco, como se já tivesse vencido, e voltou de novo para o fórum. Mas quando Crasso o encontrou no pátio e lhe disse que ele fora condenado

---

ou quantias em dinheiro, variáveis consoante a sua generosidade. Deviam ainda acompanhá-lo nas suas deslocações pela cidade e prestar-lhe os serviços de que necessitasse. Um elevado número de clientes era sinal de grande prestígio.

[23] Refere-se Plutarco ao discurso *Pro lege Manilia*, de 66, em que Cícero defendeu a lei de Gaio Manílio que atribuía a Pompeu o comando da guerra contra Mitridates e o poder sobre as províncias da Ásia Menor.

[24] No tempo de Cícero, os pretores eram oito e desempenhavam o papel de juízes nos tribunais; nas províncias também eram responsáveis pela aplicação da justiça. Tinham o *imperium* tal como os cônsules, mas estavam abaixo destes. Na ausência do cônsul, o pretor substituía-o na qualidade de magistrado mais importante da cidade.

por unanimidade de votos, voltou para casa, deitou-se e morreu. O caso trouxe fama a Cícero pela sua competência a presidir ao tribunal. 3. Certa vez, Vatínio, um homem rude que, nos discursos, não mostrava qualquer consideração pelos magistrados, dirigiu-se a Cícero para lhe fazer um pedido qualquer. Como este não o concedeu de imediato mas levou muito tempo a decidir, disse-lhe Vatínio que, se fosse ele o pretor, não hesitaria acerca daquele assunto. Ora o homem tinha o pescoço cheio de escrófulas, por isso Cícero, voltando-se para ele, respondeu: "mas eu não tenho um pescoço tão grande como tu." 4. Restavam-lhe apenas dois ou três dias no cargo quando alguém lhe trouxe Manílio[25], acusado de furto. Ora esse Manílio tinha o agrado e o apoio do povo, que o julgava perseguido por causa de Pompeu, de quem ele era amigo. 5. Pediu alguns dias de adiamento, mas Cícero deu-lhe apenas um e o povo indignou-se, pois era costume os pretores darem pelo menos dez dias aos acusados. 6. Quando os tribunos o levaram ao tribunal e o acusaram, Cícero pediu para ser ouvido e disse que, tendo sempre tratado os réus com justiça e humanidade, tanto quanto as leis o permitiam, considerava injusto não dar a Manílio o mesmo tratamento; por isso determinara propositadamente aquele único dia em que ainda teria autoridade como pretor, pois passar a decisão para outro magistrado não era a atitude de quem queria ajudar. 7. Estas palavras provocaram

[25] Manílio era tribuno da plebe, ou seja, um dos representantes eleitos pela assembleia da plebe para defender os seus interesses.

uma espantosa mudança no povo que o aplaudiu muito e lhe pediu que se encarregasse da defesa de Manílio. Cícero aceitou de boa vontade, sobretudo por causa de Pompeu, que estava ausente, e, pegando no caso desde o princípio, falou ao povo, atacando energicamente os oligarcas e os que tinham inveja de Pompeu.

10.1. No entanto os aristocratas não o ajudaram menos a chegar ao consulado do que o povo, e foi no interesse da República que ambas as partes o apoiaram. 2. Com efeito, no início, a mudança política operada por Sila não fora bem aceite pela maioria dos cidadãos, mas, com o tempo e o hábito, sentiram que tinham alcançado uma estabilidade não despicienda. Havia, porém, quem tentasse perturbar e alterar o estado de coisas para proveito pessoal e não com vista ao bem, numa altura em que Pompeu lutava ainda com os reis do Ponto e da Arménia[26], e em Roma nenhum poder havia capaz de fazer frente aos revolucionários. 3. Estes tinham por líder um homem audacioso, capaz de muitos crimes e de carácter volúvel – Lúcio Catilina[27] que, além de outras acções graves, fora acusado de incesto com a sua jovem filha e da morte

[26] Os reis do Ponto e da Arménia eram, respectivamente, Mitridates e Tigranes.

[27] Lúcio Sérgio Catilina pertencia a uma família patrícia e participara, juntamente com Pompeu e Cícero, na Guerra Social (*vide supra* n. 6)

do seu próprio irmão[28]. Receando ser condenado por este último crime, convenceu Sila a incluir o nome do irmão na lista de proscritos, como se ele ainda estivesse vivo. 4. Foi sob a sua liderança que os malfeitores, além de fazerem um pacto entre si, ainda sacrificaram um homem e todos comeram da carne[29]. Grande parte da juventude da cidade foi por ele corrompida, pois a cada um proporcionava constantemente os prazeres da bebida e das mulheres, pondo à disposição o dinheiro necessário, sem reservas. 5. Por outro lado, toda a Etrúria e uma boa parte da Gália Cisalpina se preparavam para a rebelião. Roma corria o enorme risco de uma reviravolta política, devido ao desequilíbrio das riquezas. Com efeito, enquanto os homens mais notáveis e mais nobres tinham empobrecido devido aos gastos com espectáculos, banquetes, campanhas políticas e construção de edifícios, a riqueza tinha passado para homens sem nobreza e de baixa condição, e um pequeno impulso bastava para o poder cair nas mãos de quem se atrevesse a subverter o Estado, pois este adoecia com um mal que vinha de si próprio.

11.1. No entanto, Catilina, desejando assegurar uma forte base de operações, concorria ao consulado[30] e eram claras as suas esperanças de o partilhar com

[28] Trata-se, provavelmente, não de um irmão de sangue, mas do cunhado.

[29] Esta informação, talvez demasiado fantasiosa, deve Plutarco tê-la recolhido na obra de Salústio (*Cat.* 22).

[30] Esta era a segunda tentativa para chegar ao consulado, a primeira fora em 65.

Gaio António[31], homem incapaz de, por si mesmo, tomar qualquer iniciativa, quer para o bem quer para o mal, mas que serviria para reforçar o poder do colega que exercesse o cargo. 2. Pressentindo isto, a maioria dos nobres fez avançar a candidatura de Cícero, que o povo acolheu com entusiasmo. Catilina perdeu e foram escolhidos Cícero e Gaio António, 3. apesar de Cícero ser o único dos candidatos que tinha por pai um cavaleiro e não um senador[32].

12.1. A maioria das pessoas desconhecia ainda os projectos de Catilina, mas grandes combates preliminares esperavam o consulado de Cícero. 2. Por um lado, os que haviam sido afastados do exercício de cargos públicos pelas leis de Sila[33] – e não eram poucos nem pouco influentes – tentavam ganhar as boas graças do povo para chegarem às magistraturas, dizendo muitas coisas verdadeiras e justas sobre a tirania de Sila, mas propondo mudanças políticas desnecessárias e despropositadas. Por outro lado, os tribunos da plebe introduziam leis que iam no mesmo sentido, propondo que se formasse um decenvirato com plenos poderes, e a quem fosse permitido, em toda a Itália, Síria e

[31] Gaio António fora pretor em 66.

[32] Cícero não tinha, com efeito, passado senatorial nem pertencia à classe dos patrícios. Não possuía, pois, as credenciais que, por regra, apresentavam os candidatos a cônsul. Por isso foi chamado *homo nouus* 'homem novo', e foi mesmo o primeiro *homo nouus* a ser eleito cônsul *suo anno*, isto é, com a idade mínima exigida por lei – quarenta e dois anos.

[33] Com a *lex Cornelia de proscriptione*, Sila afastara das magistraturas os filhos dos proscritos.

províncias recentemente anexadas por Pompeu, vender, como seus, os bens do Estado, acusar e enviar para o exílio quem entendesse, fundar cidades, tirar dinheiro do Tesouro público, inscrever e sustentar os soldados de que precisasse. 3. Muita gente ilustre apoiava esta lei, e, antes de todos, António, o colega de Cícero, que esperava ser um dos dez. Ao que parece, ele sabia do plano revolucionário de Catilina mas não o condenava, porque tinha muitas dívidas. Esse era o problema que mais afectava os aristocratas. 4. Para remediar este mal, Cícero começou por lhe atribuir a administração da Macedónia e recusou para si próprio a oferta do governo da Gália. Com este favor conseguiu, em defesa da pátria, que António, tal um actor contratado, o secundasse, desempenhando o segundo papel. 5. Depois de o ter dominado e amansado, Cícero voltou-se com mais confiança para os revolucionários. Atacou aquela lei no Senado, perturbando de tal maneira os seus proponentes que eles nada contrapuseram. 6. Mas quando, prontos a atacar de novo, intimaram os cônsules a apresentarem-se diante do povo, Cícero não se deixou intimidar, mas avançou e ordenou aos senadores que o seguissem, e não apenas fez rejeitar aquela lei, como ainda conseguiu que os tribunos renunciassem às outras, de tal maneira foram dominados pelas suas palavras.

13.1. Na verdade, foi ele quem melhor soube mostrar aos Romanos que a eloquência torna o bem atraente e a justiça é invencível se for expressa de forma correcta; e que, para governar com harmonia, é

necessário, nas acções, pôr sempre o bem à frente do agradável e, nas palavras, dar relevo ao que é proveitoso, afastando o que nele haja de desagradável. 2. Um outro exemplo do seu poder de sedução no uso da palavra é o que aconteceu durante o seu consulado a respeito dos espectáculos. No início, nos teatros, os cavaleiros estavam misturados com a multidão, assistindo às representações entre o povo, ao acaso. O primeiro a conceder honra aos cavaleiros, separando-os dos restantes cidadãos, foi o pretor Marco Otão, que lhes atribuiu um lugar próprio – que ainda hoje lhes está reservado.[34] 3. O povo tomou isto como uma ofensa e, quando ele apareceu no teatro, vaiaram-no, enquanto os cavaleiros o receberam entusiasticamente com aplausos. O povo intensificou os assobios e estes os aplausos, 4. até que se voltaram uns contra os outros, insultando-se mutuamente, e no teatro instalou-se grande desordem. Acorreu Cícero, informado da situação, e chamou os populares ao santuário de Enio[35] onde os advertiu e censurou. O resultado foi que, quando voltaram ao teatro, começaram a aplaudir Otão vivamente e a rivalizar com os cavaleiros na honra e glória que prestavam ao homem.

14.1. Quanto a Catilina e aos conjuradores, embora a princípio tivessem ficado intimidados e receosos, de novo começaram a tomar coragem: reuniam-se, exortando-se uns aos outros a tomarem

[34] Referência à *lex Roscia theatralis* introduzida por Róscio (e não Marco) Otão, que foi, não pretor, mas tribuno da plebe no ano 67.

[35] Deusa da guerra a quem os Romanos chamavam Belona.

conta da situação com mais audácia antes do regresso de Pompeu, de quem se dizia que estava para chegar com as suas forças. 2. Mas quem mais incitava Catilina eram os antigos soldados de Sila, que se encontravam espalhados por toda a Itália, embora a maioria – e os mais belicosos – estivesse distribuída pelas cidades etruscas, sonhando com novos roubos e pilhagens das riquezas à sua disposição. 3. Chefiados por Mânlio, um daqueles homens que se distinguiram como soldados sob o comando de Sila, tinham-se aliado a Catilina e vindo a Roma apoiar a sua candidatura. É que ele tentava de novo o consulado, planeando matar Cícero na confusão do dia das eleições. 4. Parecia que até a divindade enviava sinais do que estava para acontecer através de trovões, tremores de terra e aparições[36]. Porém, era dos homens que vinham os verdadeiros sinais, apesar de não serem ainda suficientes para servirem de prova contra um homem de grande prestígio e muito poderoso, como Catilina. 5. Foi por isso que Cícero adiou as eleições, chamou Catilina ao Senado e interrogou-o acerca do que se dizia. 6. Este, pensando serem muitos os senadores que desejavam a revolução, e querendo, ao mesmo tempo, exibir-se perante os conjuradores, deu a Cícero uma resposta perturbadora: "existem dois corpos: um magro e enfraquecido, mas com cabeça, e o outro sem cabeça, mas forte e grande. Qual é o mal de desejar colocar sobre este uma cabeça?"[37]

[36] É o próprio Cícero que refere estes sinais na terceira Catilinária (18), nome com que ficaram conhecidos os discursos que escreveu contra Catilina.

[37] Cf. Cícero, *Mur.* 25. 51.

7. Referia-se com estas palavras enigmáticas ao Senado e ao povo, respectivamente, e isso fez aumentar o receio de Cícero. Por essa razão, protegeu-se com uma couraça e os homens mais fortes e muitos jovens passaram a escoltá-lo, quando vinha de sua casa para o vale. 8. E, para mostrar aos que o observavam o perigo em que se encontrava, soltava um pouco a túnica nos ombros, de propósito, deixando à mostra a couraça[38]. Os que assistiam a isto ficavam indignados e uniam-se à sua volta, e, por fim, votaram de novo contra Catilina e elegeram como cônsules Silano e Murena.

15.1. Não muito tempo depois, estavam já as tropas de Catilina reunidas na Etrúria e organizadas em coortes[39], e era próximo o dia marcado para o ataque, chegaram a casa de Cícero, por volta da meia-noite, Marco Crasso, Marco Marcelo e Cipião Metelo, os mais importantes e poderosos dos Romanos. Bateram à porta, chamaram o porteiro e ordenaram-lhe que acordasse Cícero e o informasse da presença deles. 2. O assunto era o seguinte: o porteiro de Crasso entregara-lhe, depois do jantar, umas cartas, trazidas por um desconhecido e dirigidas a várias pessoas, e entre elas uma anónima, dirigida a Crasso, 3. a única que ele leu. Como a carta dizia que Catilina ia realizar um grande massacre e o aconselhava a sair secretamente da cidade, Crasso, sem

---

[38] Cf. Cícero, *Mur.* 26. 52.

[39] As coortes, as unidades tácticas do exército romano a partir das reformas de Mário, eram os dez subgrupos resultantes da divisão de uma legião. Cada coorte tinha três manípulos, cada manípulo duas centúrias.

abrir as outras, foi logo ter com Cícero, para se livrar do perigo de qualquer acusação que lhe movessem devido à sua amizade com Catilina. 4. Depois de deliberar, Cícero convocou o Senado logo ao romper do dia, levou as cartas e deu-as aos destinatários, pedindo-lhes que as lessem em voz alta. Todas falavam igualmente da trama. 5. E quando Quinto Árrio, que tinha sido pretor[40], anunciou que as coortes estavam na Etrúria e havia notícia de que Mânlio ameaçava as cidades da região com as suas forças e todos os dias esperava alguma novidade vinda de Roma, o Senado decretou que o assunto fosse confiado aos cônsules e que estes se encarregassem o melhor que soubessem da administração e da salvação da cidade. Ora só muito excepcionalmente, e quando receava algo de grave, o Senado tomava este tipo de decisões.

16.1. Assumindo este poder, Cícero confiou os assuntos externos a Quinto Metelo[41] e tomou as rédeas da cidade, saindo todos os dias escoltado por um tão grande número de homens que ocupava uma boa parte do fórum quando lá chegava com os seus acompanhantes. Catilina, sem paciência para esperar mais, decidiu ir em pessoa ter com Mânlio e o seu exército e ordenou a Márcio e a Cetego[42] que pegassem em espadas e se dirigissem de manhã cedo à porta de

[40] No ano 73.

[41] Quinto Metelo era então pretor e haveria de ser cônsul em 60.

[42] Segundo o próprio Cícero, no discurso *Em defesa de Sila*, e também segundo Salústio, os homens eram antes o cavaleiro Gaio Cornélio e o senador Lúcio Vargunteio.

Cícero como se fossem cumprimentá-lo, se lançassem sobre ele e o matassem. 2. Fúlvia, uma mulher da classe elevada, foi de noite contar isto a Cícero e aconselhou-o a precaver-se contra Cetego e os seus seguidores. 3. Estes chegaram logo pela manhã, mas, como foram impedidos de entrar, ficaram irritados e começaram a gritar à porta, o que os tornou ainda mais suspeitos. Em seguida, Cícero saiu e convocou o Senado para o templo de Zeus *Stesios*, a quem os Romanos chamam *Estator*[43], situado no começo da Via Sacra, quando se sobe para o Palatino. 4. Entretanto também Catilina para lá foi com os outros, para se defender, mas nenhum senador aceitou sentar-se ao lado dele, e todos se afastaram do seu lugar. 5. Quando começou a falar, foi acolhido com ruidosas demonstrações de protesto, até que, por fim, Cícero se levantou e deu-lhe ordem para abandonar a cidade, dizendo que, se ele próprio exercia o poder por meio das palavras e o outro usava as armas, então a muralha da cidade tinha de estar entre ambos. 6. Catilina saiu logo com trezentos homens armados, e, rodeado de *fasces* e machados como se fosse um magistrado[44], ergueu os estandartes e pôs-se a caminho para se juntar a Mânlio. Depois de reunir cerca de vinte mil homens, foi pelas cidades, persuadindo-as à revolta; e de tal maneira se

[43] Epíteto de Júpiter que significa 'o que faz parar (os inimigos)'.

[44] Os lictores que acompanhavam os altos magistrados romanos, cônsules e pretores, transportavam sobre o ombro esquerdo um feixe (*fasces*) de varas, no meio do qual estava um machado, de que se via apenas a parte de ferro. O número de lictores e de fasces indicava o poder dos magistrados.

instalou a guerra aberta que António[45] foi enviado de Roma para o combater.

17.1. Quanto àqueles que tinham sido corrompidos por Catilina e se encontravam na cidade, quem os mantinha unidos e os encorajava era Cornélio Lêntulo, de sobrenome Sura, homem de família ilustre mas que levava uma vida indigna e que, devido aos seus costumes dissolutos, fora anteriormente afastado do Senado, sendo à época pretor pela segunda vez, como é habitual quando se pretende recuperar a dignidade senatorial[46]. 2. Diz-se que tinha adquirido o sobrenome Sura pela seguinte razão: nos tempos em que fora questor sob o governo de Sila, ele havia desbaratado e perdido grande quantidade dos dinheiros públicos. 3. Sila ficou furioso e exigiu uma justificação no Senado. Então Lêntulo, sem mostrar qualquer preocupação e com altivez, afirmou que não dava explicações, mas oferecia a sua perna, tal como costumam dizer as crianças sempre que cometem um erro a jogar à bola. 4. Por isso foi chamado Sura, pois essa é a palavra com que os Romanos designam a perna. Numa outra ocasião em que foi a tribunal e subornou alguns juízes, conseguindo escapar apenas por dois votos, disse que tinha feito uma despesa em vão ao pagar ao segundo juiz, pois bastava um voto para ser libertado. 5. Sendo ele assim por natureza e ainda instigado por Catilina, deixou-se levar pelas esperanças vãs de alguns charlatões

[45] Trata-se do colega de Cícero no consulado.

[46] Públio Cornélio Lêntulo fora pretor em 74 e cônsul em 71. O seu afastamento do Senado deu-se em 70.

e falsos profetas que lhe recitavam, como se viessem dos livros sibilinos[47], palavras forjadas e oráculos, anunciando que três Cornélios estavam destinados a ser monarcas em Roma. Como dois deles – Cina e Sila – já haviam cumprido esse destino, a divindade viria trazer a monarquia ao Cornélio que restava, o terceiro, sendo preciso aceitá-la completamente e não adiar nem deixar escapar a ocasião como Catilina.

18.1. Em consequência disto, Lêntulo tinha em mente uma desgraça sem remédio: acabar com o Senado inteiro e, dos restantes cidadãos, com todos os que fosse possível; decidiu, além disso, incendiar toda a cidade e não poupar ninguém a não ser os filhos de Pompeu; a esses resolveu mantê-los a salvo como reféns para os usar na reconciliação com Pompeu. É que já corria por todo o lado e era digno de crédito o rumor acerca do seu regresso da grande campanha militar. 2. Por isso, fora fixada para o ataque uma noite das Saturnais[48], e os revoltosos tinham escondido em casa de Cetego espadas, estopas e enxofre. 3. Escolheram cem homens que se repartiram por igual número de lugares em Roma, para que, com tantos focos, a cidade fosse incendiada por todos os lados em pouco tempo[49]. Os outros tinham a incumbência de

[47] Os Livros Sibilinos eram escritos proféticos muito antigos, compostos em hexâmetros, e que os Romanos, supersticiosos que eram, consultavam em momentos de crise.

[48] A data oficial para as Saturnais, festas em honra de Saturno, era o dia 17 de Dezembro, embora, na prática, se prolongassem por mais alguns dias.

[49] Segundo Salústio (*Cat.* 43) e Apiano (2. 3) eram apenas doze e não cem os lugares previstos para os incêndios.

obstruir os aquedutos e matar quem tentasse trazer água. 4. Aconteceu que, durante a execução deste plano, se encontravam em Roma dois chefes dos Alóbroges, povo que vivia muito miseravelmente e a custo suportava o domínio romano[50]. 5. Lêntulo e os seus cúmplices, pensando que estes poderiam ser úteis, provocando a insurreição e a revolta na Gália, associaram-nos à conjura. Entregaram-lhes uma carta para o Senado de lá, prometendo-lhe a liberdade, e outra para Catilina, pedindo-lhe que libertasse os escravos e marchasse sobre Roma. 6. Juntamente com eles enviavam a Catilina um tal Tito de Crotona para levar as cartas. 7. Cícero, porém, não descansava e usava a sua sóbria prudência e inteligência superior para descobrir os planos de homens que eram instáveis, dados à bebida e às relações com mulheres, razão pela qual frequentemente se reuniam. Para isso contava com a ajuda de muitos colaboradores: uns investigavam de fora o que se passava e ajudavam-no a seguir as pistas, outros faziam-se passar por conjuradores e assim conseguiam muitas informações. Foi deste modo que ele ficou a saber do acordo com os estrangeiros. Com a colaboração secreta dos Alóbroges, preparou uma emboscada durante a noite ao Crotoniata e apanhou as cartas.

19.1. Ao romper do dia, reuniu o Senado no templo da Concórdia, leu as cartas até ao fim e fez ouvir as denúncias dos informadores. Júnio Silano afirmou

---

[50] Os Alóbroges eram uma tribo da Gália Narbonense que vivia em grandes dificuldades devido aos pesados impostos que tinha de pagar a Roma e que, por isso, se revoltara em 67.

que alguns tinham ouvido Cetego dizer que três cônsules e quatro pretores iam ser mortos[51]. Também Pisão, um consular, contou coisas semelhantes. 2. Gaio Sulpício, um dos pretores, enviado a casa de Cetego, nela encontrara muitos dardos e outras armas, principalmente espadas e punhais, todos eles recentemente afiados. 3. Finalmente, após o Senado votar a imunidade para o Crotoniata em troca das informações, Lêntulo, desmascarado, renunciou ao seu cargo (na altura era pretor), deixando no Senado a toga bordada a púrpura e vestindo-se de forma apropriada à situação. 4. Tanto ele como os que o acompanhavam foram entregues à custódia dos pretores[52]. Era já o final da tarde e o povo mantinha-se todo junto à espera. Veio então Cícero e informou os cidadãos sobre o que se passara e, escoltado por eles, foi para a casa de um amigo e vizinho, dado que na sua se encontravam, em ritos secretos, as mulheres, celebrando a divindade a quem os Romanos chamam a Boa Deusa e os Gregos Gineceia. 5. A esta deusa, anualmente, a esposa ou a mãe do cônsul fazem um sacrifício em sua casa na presença das virgens Vestais[53]. Cícero entrou,

---

[51] Silano fora designado cônsul para o ano seguinte juntamente com Murena. Estando o colega de Cícero, António, ausente de Roma para combater Catilina, os três cônsules sob ameaça eram, pois, Cícero, Silano e Murena.

[52] Na verdade, segundo Salústio (*Cat.* 47), eles foram entregues a um edil e a alguns senadores.

[53] Uma das Vestais era Fábia, irmã de Terência, a esposa de Cícero. As virgens Vestais eram sacerdotisas de Vesta, a deusa protectora do lar e da cidade, em cujo templo se encontrava o fogo sagrado que aquelas tinham a função de guardar. Na *Vida de César*, 9.4-8, encontram-se mais informações acerca dos rituais em honra da Boa Deusa.

pois, em casa do seu amigo e, embora estivessem alguns presentes, consigo mesmo reflectia acerca do tratamento a dar aos conspiradores. 6. Perante a pena máxima, aplicável a crimes desta gravidade, mostrava-se hesitante e recuava, não apenas devido à bondade do seu carácter, mas também para não parecer abusar excessivamente do seu poder, atacando homens de famílias ilustres e que tinham amigos poderosos na cidade. Mas, por outro lado, receava o perigo que deles viria, caso os tratasse com demasiada brandura, 7. pois nem por sofrerem uma punição mais moderada do que a morte eles ficariam sossegados. Pelo contrário, com um novo motivo de ódio a juntar-se à velha perversidade, mostrariam toda a sua audácia, e ele próprio, que já tinha para a maior parte da pessoas a reputação de nada ousar, passaria por complacente e cobarde.

20.1. Enquanto Cícero se debatia nesta incerteza, as mulheres que ofereciam o sacrifício tiveram um sinal: quando o fogo do altar parecia já ter-se totalmente consumido, levantou-se da cinza e das cascas queimadas uma enorme chama brilhante. 2. Perante isto, as outras ficaram aterrorizadas, mas as virgens sagradas mandaram Terência, mulher de Cícero, ir ter com ele o mais depressa possível e pedir-lhe que levasse a cabo o que havia deliberado para defender a pátria, pois a deusa lhe enviava uma grande luz que o encaminharia para a salvação e a glória. 3. Terência – que não era particularmente doce por natureza nem tímida, mas, antes, uma mulher ambiciosa que, como diz o próprio

Cícero, tomava mais parte nas ocupações políticas dele do que o deixava participar nas domésticas[54] – contou-lhe estas coisas e instigou-o contra os conspiradores. O mesmo fizeram o irmão Quinto e Públio Nigídio, um dos seus companheiros no estudo da filosofia, a quem recorria muito frequentemente para que o ajudasse nos actos políticos. 4. No dia seguinte, quando no Senado se discutia acerca do castigo a aplicar aos homens, o primeiro a emitir opinião foi Silano. Defendeu que eles mereciam ser levados para a prisão e receber a pena máxima. 5. Todos foram concordando prontamente até que chegou a vez de Gaio César, o que mais tarde veio a ser ditador. 6. Nessa altura era ainda jovem e estava no início da sua ascensão política[55], mas, nas acções e nas esperanças que alimentava, mostrava já trilhar aquele caminho que o levou a fazer do Estado Romano uma monarquia. Os outros desconheciam os seus projectos, mas Cícero tinha muitas suspeitas, apesar de aquele não lhe dar qualquer pretexto para acusação; havia quem dissesse que já estivera perto de o apanhar mas que ele teria escapado. 7. Mas, segundo outros, Cícero teria propositadamente fechado os olhos e deixado passar os indícios que havia contra ele com medo do poder dos seus amigos. É que era claro para todos que um ataque a César não contribuiria para punir os que o apoiavam, pois, em vez disso, seriam estes a ajudá-lo a escapar.

[54] Cf. Cícero, *Fam.* 14. 2.

[55] Júlio César nascera no ano 100, logo, tinha trinta e sete anos.

21.1. Quando então chegou a sua vez de falar, ele levantou-se e defendeu que os homens não deviam ser condenados à morte, mas que deviam ser confiscados os seus bens e eles próprios levados para as cidades da Itália que Cícero entendesse, e mantidos presos e acorrentados até que Catilina fosse derrotado[56]. 2. Tratando-se de uma proposta razoável e vinda de um hábil orador, Cícero concedeu-lhe uma considerável importância. 3. Levantou-se e abordou cada uma das outras propostas, pondo-se ao lado da primeira, mas também da de César, e todos os seus amigos, pensando que esta era mais vantajosa para Cícero – pois, de facto, ficaria menos sujeito a acusação se não condenasse os homens à morte – optaram por ela, de tal maneira que até Silano mudou a sua posição, desculpando-se e dizendo que não poderia propor uma sentença de morte, já que a pena máxima para um senador romano era a prisão. 4. Feita a proposta, o primeiro a opor-se a ela foi Cátulo Lutácio. Em seguida, tomou a palavra Catão, cujo discurso se apoiou fortemente nas suspeitas que havia contra César, provocando tal cólera e coragem nos senadores que eles votaram a morte dos homens. 5. César reagiu contra a confiscação dos bens, dizendo considerar indigno que se rejeitasse o lado humano da sua proposta e se aproveitasse apenas o mais severo. Como a maioria se revoltou violentamente contra ele, apelou aos tribunos, mas estes não lhe deram ouvidos. E foi o próprio Cícero que cedeu e voltou atrás na proposta de confiscação.

---

[56] Sobre o discurso de César, *vide* Salústio, *Cat.* 51.

22.1. Cícero foi, então, juntamente com o Senado, buscar os homens. Estes não se encontravam todos no mesmo lugar, pois estavam à guarda de diferentes pretores. 2. Trouxe primeiro do Palatino Lêntulo, levando-o pela Via Sacra e pelo meio do fórum. À sua volta e servindo de escolta seguiam os homens mais importantes da cidade; o povo, impressionado com o que se estava a fazer, seguia em silêncio, principalmente os mais novos, que, pelo medo e pelo espanto, pareciam estar a ser iniciados, por assim dizer, nos ritos ancestrais de algum ofício aristocrático. 3. Atravessado o fórum e chegados à prisão, Cícero entregou Lêntulo ao carrasco e ordenou-lhe que o executasse. Depois trouxe Cetego, e da mesma maneira foi trazendo cada um dos outros e entregou-os à morte. 4. Mas, ao ver que muitos dos que pertenciam à conjura estavam ainda reunidos em massa no fórum, sem saber o que se passava e esperando a noite, pensando que os homens ainda estariam vivos e poderiam ainda ser salvos, disse em voz alta: "Eles viveram." Desta maneira indicam os Romanos que alguém está morto, quando não querem pronunciar palavras de mau augúrio. 5. Era já o fim da tarde quando Cícero subiu para sua casa, atravessando o fórum. Agora os cidadãos já não o acompanhavam em silêncio e em ordem, mas todos aqueles por quem passava o aclamavam e aplaudiam, chamando-lhe o salvador e restaurador da pátria. Muitas luzes iluminavam as ruas, pois eles tinham colocado tochas e archotes nas soleiras das portas. 6. Por seu lado, as mulheres seguravam tochas nos telhados em sinal de honra, mas também

para verem o homem que avançava, imponente, sob a escolta dos mais nobres cidadãos; homens que, na sua maioria, já tinham reprimido grandes guerras, já tinham entrado na cidade em triunfo e conquistado parcelas não pequenas de terra e de mar. E todos prosseguiam, reconhecendo entre si que, se a muitos destes chefes e generais o povo romano devia agradecer a riqueza, os despojos e o poder, apenas a Cícero devia a segurança e a salvação, pois só ele o tinha livrado de um perigo tão grande e tão nefasto. 7. Na verdade, o que parecia mais admirável, não era o facto de este homem ter impedido a acção dos conspiradores e os ter punido, mas o facto de ter conseguido sufocar a maior das revoltas que jamais houvera com um mínimo de danos e sem desordem nem guerra civil. 8. Com efeito, muitos dos que tinham apoiado Catilina, logo que souberam o que acontecera com Lêntulo e Cetego, abandonaram-no e partiram; e quando, juntamente com os que ainda permaneciam consigo, ele ofereceu resistência a António, foi destruído juntamente com as suas tropas[57].

23.1. No entanto, havia também quem estivesse disposto a dizer mal da actuação de Cícero e a prejudicá-lo. Esses tinham por líderes, dentre os futuros magistrados, César, que ia ser pretor, e os tribunos da plebe Metelo e Béstia. 2. Tendo tomado posse quando já só restavam a Cícero poucos dias como cônsul[58],

[57] Catilina foi derrotado e morto em Janeiro de 62.

[58] Os tribunos entravam em funções nos primeiros dias de Dezembro, ao passo que os pretores e os cônsules só o faziam no dia 1 de Janeiro.

não o deixavam falar ao povo, e colocavam bancos nas tribunas para o impedirem de passar e de falar, dando-lhe apenas permissão para, caso o desejasse, prestar o juramento habitual de quem abandona o cargo e descer logo da tribuna[59]. 3. Cícero avançou, então, para fazer o juramento nestas condições. Todavia, quando obteve silêncio, não prestou o juramento tradicional mas um pessoal e novo, em que afirmava ter salvado a pátria e mantido o império. E todo o povo repetiu o juramento depois dele. 4. Isto enfureceu ainda mais César e os tribunos, que começaram a maquinar outras formas de o prejudicarem. Propuseram um decreto que convocasse Pompeu com o seu exército para acabar com o poder de Cícero. 5. Porém, Catão, na qualidade de tribuno e, portanto, com igual legitimidade, opôs-se a estas medidas e, como tinha uma reputação superior, conseguiu prestar um grande auxílio quer a Cícero quer a toda a cidade. 6. Facilmente anulou as restantes resoluções e, num discurso dirigido ao povo, elogiou de tal maneira o consulado de Cícero que eles decidiram por votação que lhe fossem atribuídas as maiores honras jamais concedidas e declararam-no "pai da pátria". Ao que parece, foi, de facto, Cícero o primeiro a receber este título e Catão quem assim o aclamou na assembleia do povo[60].

[59] Tradicionalmente o cônsul jurava nada ter feito contra a lei durante o seu mandato.

[60] Este mesmo título foi-lhe dado no Senado por Quinto Lutácio Cátulo.

24.1. Este período foi o auge do seu poder, mas, ainda assim, ele continuava a atrair muitas inimizades e a tornar-se insuportável a muita gente, não pela prática de actos ruins, mas por estar sempre a vangloriar-se e a engrandecer-se. 2. Não havia reunião do Senado, assembleia do povo ou sessão de tribunal em que não se tivesse de o ouvir repetir sem cessar os casos de Catilina e de Lêntulo; 3. e chegou ao ponto de encher os próprios livros e outros escritos com auto-elogios; por muito agradável e elegante que fosse um discurso, ele tornava-o pesado e cansativo para os ouvintes, pois uma impressão desagradável parecia estar sempre colada a ele como uma espécie de fatalidade. 4. Contudo, apesar de se entregar a um tão excessivo amor das honras, Cícero não alimentava sentimentos de inveja, mostrando-se, pelo contrário, muito generoso no elogio quer dos seus predecessores quer dos seus contemporâneos, como se percebe nos seus escritos. 5. Lembram-se muitas coisas que ele disse, por exemplo, sobre Aristóteles afirmou que era um rio de ouro a fluir[61]; a respeito dos diálogos de Platão, disse que se fosse da natureza de Zeus usar a linguagem ele falaria assim.[62] 6. Costumava chamar Teofrasto "a sua delícia particular"[63]. E quando lhe perguntavam qual era para si o mais belo discurso de Demóstenes, respondia: "o mais longo". No entanto, alguns dos que se pretendem conhecedores de Demóstenes criticam Cícero, por ter afirmado, numa carta escrita a um dos seus amigos, que, em algumas

[61] Cf. Cícero, *Acad.* 2. 119.
[62] Cf. *Brut.* 121.
[63] *Vide* nota anterior.

partes dos seus discursos, Demóstenes se deixa dormir[64]. Mas esquecem os extensos e maravilhosos elogios que frequentemente tece acerca do homem, e esquecem ainda que, dos seus próprios discursos, aqueles a que dedicou maior cuidado, nomeadamente os que compôs contra António, intitulou-os *Filípicas*. 7. Dos seus contemporâneos mais distintos, quer na eloquência quer na filosofia, nenhum há que ele não tenha contribuído para tornar ainda mais famoso, através de algo que tenha dito ou escrito generosamente a seu favor. Por exemplo, para Cratipo, o peripatético, obteve de César, então no poder, o direito de cidadania romana; conseguiu também que o conselho do Areópago votasse a sua permanência em Atenas para conversar com a juventude, pois julgava que ele poderia ser um ornamento para a cidade. 8. Acerca disto, existem cartas de Cícero para Herodes[65], e outras ainda para o seu filho em que ele o exorta a estudar filosofia com Cratipo[66]. Já em relação a Górgias, o mestre de retórica, censura-o por orientar o rapaz para os prazeres e para a bebida, e afasta-o da sua companhia[67]. 9. Das cartas gregas, praticamente só esta – e uma outra dirigida a Pélops de Bizâncio – foi escrita com alguma raiva. A atitude contra Górgias é compreensível, se, de facto, como parece ser verdade, ele era destemperado e dissoluto; já em relação a Pélops, Cícero mostra-se mesquinho, queixando-se de aquele

---

[64] Esta carta é referida por Quintiliano, 10.1.24 e 12.1.22.

[65] Herodes, provavelmente um estratego, recebeu em Atenas o filho de Cícero, chamado Marco, como o pai.

[66] Cratipo foi um filósofo peripatético.

[67] Cf. Cícero, *Fam.*, 16. 21.

não ter cuidado de obter para si algumas honras e votos favoráveis da parte dos Bizantinos.

25.1. Realmente isto devia-se ao amor das honras, mas, muitas vezes, também a grande conta em que tinha o seu próprio talento oratório o levava a ultrapassar o que era próprio. Por exemplo, quando Munácio[68], que antes, graças à sua defesa, escapara à condenação, se pôs a perseguir Sabino, um companheiro de Cícero, diz-se que este se deixou levar por uma tal raiva que disse: "Foste tu, Munácio, por ti mesmo, que escapaste à condenação, ou não fui eu que em plena luz do dia espalhei uma grande treva à volta do tribunal?" 2. Noutra ocasião, poucos dias depois de obter um grande sucesso a fazer o elogio de Marco Crasso[69] na tribuna, pôs-se a falar mal dele. Este, então, perguntou-lhe: "Não foi aqui mesmo que ainda há poucos dias tu próprio me elogiaste?" Ao que Cícero respondeu: "Sim; mas estava apenas a exercitar a minha arte com um tema inferior." 3. Numa outra vez, a este mesmo homem, que havia afirmado que nenhum Crasso vivera em Roma mais do que sessenta anos e mais tarde negara estas palavras, dizendo: "e por que haveria eu de dizer tal coisa?", Cícero respondeu: "tentavas ser popular, sabias que os Romanos ouviriam isso com prazer." 4. E quando o mesmo Crasso, conhecido pelo seu amor ao dinheiro, disse concordar com os estóicos por eles defenderem que é rico o homem de bem, disse

[68] Tito Munácio Planco Bursa foi tribuno em 52.

[69] Marco Licínio Crasso, um dos homens mais poderosos de Roma nesta época, integrará o chamado 1º Triunvirato com César e Pompeu. É um dos biografados de Plutarco.

Cícero: "Vê lá, não será antes porque eles dizem que o homem sábio tem tudo?" 5. Parece que um dos filhos de Crasso tinha muitas semelhanças físicas com um certo Áxio, havendo a suspeita de que a mãe tivera relações ilícitas com o homem. Certo dia, esse filho apresentou no Senado um discurso que foi muito apreciado. Quando perguntaram a Cícero a sua opinião ele respondeu: "é digno de Crasso."[70]

26.1. Estando Crasso para partir para a Síria[71], e preferindo ser amigo de Cícero a ser seu inimigo, disse-lhe com amabilidade que desejava jantar em sua casa. Cícero recebeu-o de boa vontade[72]. 2. Uns dias mais tarde, quando uns seus amigos intercediam junto dele a favor de Vatínio, dizendo que este desejava a reconciliação e a amizade – pois estavam de relações cortadas – respondeu: "estou a ver que Vatínio também quer jantar em minha casa!" Era assim que agia com Crasso. 3. Desse mesmo Vatínio, que tinha escrófulas no pescoço, um dia que ele pleiteava uma causa, disse que era um orador inchado. Tendo ouvido dizer que ele morrera, quando, pouco tempo depois, recebeu a informação segura de que estava, afinal, vivo, disse: "Por mim, devia morrer miseravelmente esse ser desprezível que mentiu." 4. Quando muitos protestavam no Senado por César

[70] Cícero joga com a ambiguidade da expressão em grego. Com efeito, *axios Krassou* tanto pode significar 'Áxio filho de Crasso' como 'digno de Crasso'.

[71] Crasso partiu para a Síria em 54. No ano anterior tinha sido cônsul juntamente com Pompeu.

[72] Cícero, *Fam.* 1. 9.

ter decretado que aos soldados fosse distribuída terra na Campânia[73], e Lúcio Gélio, o mais velho do senadores, afirmou que tal coisa não aconteceria enquanto ele fosse vivo, disse Cícero: "Esperemos, então; não é grande o adiamento pedido por Gélio." 5. Havia um certo Octávio que se supunha ser originário da Líbia. Quando, um dia, num julgamento, ele se queixou de não ouvir bem o que Cícero dizia, este retorquiu: "E, no entanto, tens as orelhas furadas!"[74] 6. A Metelo Nepos, que acusava Cícero de ter destruído mais pessoas como testemunha de acusação do que salvado como advogado de defesa, respondeu: "Tens razão. É que eu sou mais credível do que hábil." 7. Quando um jovem, acusado de ter dado ao pai um bolo envenenado, ameaçava com insolência dirigir censuras a Cícero, este respondeu: "Vindo de ti, prefiro isso a um bolo." 8. Num julgamento, Públio Séstio[75], que escolhera Cícero e outros oradores para fazerem a sua defesa, não deixava falar ninguém e queria dizer tudo sozinho. Quando já se procedia à votação e era evidente que ele ía ser absolvido pelos juízes, Cícero disse-lhe: "Aproveita agora a ocasião, Séstio; amanhã voltarás a ser um homem comum." 9. Certa vez chamou para testemunhar num processo Públio Costa, que pretendia ser jurista, mas não possuía qualquer talento ou instrução. Durante o interrogatório, como ele afirmava nada saber, disse-lhe Cícero: "Certamente pensas que estás a ser interrogado em questões de direito." Certa vez, durante uma discussão, Metelo

[73] Trata-se da *lex Iulia agraria* de 59.

[74] As orelhas furadas eram atributo de escravos.

[75] Públio Séstio foi questor em 63 e tribuno da plebe em 58.

Nepos perguntava insistentemente: “Quem é o teu pai, Cícero?” Ao que este acabou por responder: “A ti é que a tua mãe tornou difícil responder a essa pergunta.” É que a mãe de Nepos tinha má reputação e, mesmo ele, tinha fama de ser volúvel. 10. Com efeito, numa certa ocasião, abandonou de súbito o cargo de tribuno da plebe e viajou para a Síria[76], para se juntar a Pompeu, mas depois, ainda mais irreflectidamente, voltou. 11. Fez um funeral muito sentido a Filagro, seu mestre, e colocou no túmulo um corvo em pedra, ao que Cícero reagiu, dizendo: “Este, sim, foi um acto sábio, pois ele ensinou-te mais a voar do que a falar.” 12. Quando, num julgamento, Marco Ápio iniciou o seu discurso, dizendo que um seu amigo lhe recomendara que fosse cuidadoso, eloquente e credível, Cícero disse: “Então és um homem duro como o ferro, pois nada fizeste do que o teu amigo recomendou.”

27.1. Enfim, parece ser próprio do orador usar gracejos particularmente mordazes contra os inimigos ou os adversários num processo[77]. Mas estes remoques dirigidos indistintamente e destinados a fazer rir os outros acabaram por atrair muitos ódios. 2. Registarei alguns deles. Chamou Adrasto a Marco Aquílio, por ele ter dois genros no exílio[78]. 3. Lúcio Cota, que exercia o

[76] Isto aconteceu no ano 62.

[77] O próprio Cícero é desta opinião. Cf. *De Or.* 216 e 236.

[78] Adrasto, rei de Argos, tinha, segundo a lenda, casado as suas filhas com dois homens que se haviam exilado em Argos – Polinices, filho de Édipo, e Tideu, filho de Eneu.

cargo de censor, gostava muito de vinho[79]. Ora, numa ocasião, Cícero, então candidato ao consulado, teve sede e estava a beber no meio dos amigos que tinham formado um círculo à sua volta, situação que lhe suscitou o seguinte comentário: "Tendes razão em recear que o censor não me aprove por eu estar a beber água." **4.** Tendo encontrado Vocónio acompanhado das suas três filhas, que eram muito desproporcionadas, declamou em voz alta:

> "Foi sem o consentimento de Febo que este homem teve filhos"[80].

5. Quando Marco Gélio, de quem se dizia não ser livre de nascimento, acabava de ler para o Senado uma carta em voz alta e forte, ele disse: "Não vos espanteis; este é um dos que já gritaram."[81] 6. Quando Fausto, o filho de Sila – aquele que fora ditador em Roma e fizera inscrever numa lista os nomes de vários homens a serem mortos – tendo-se endividado e dissipado muita da sua riqueza, afixou uma lista em que punha à venda os bens que lhe restavam, disse Cícero que lhe agradava mais esta lista do que a do seu pai.

[79] Foi censor em 64. A censura era um cargo político ocupado por dois ex-cônsules, nomeados a cada cinco anos. Exerciam uma função de vigilância sobre os membros do Senado, podendo afastar deste órgão quem fosse considerado indigno da posição que ocupava.

[80] Trata-se de um verso de uma tragédia perdida de Eurípides, intitulada *Édipo*, e referia-se a Laio que, desobedecendo ao oráculo de Apolo, tivera Édipo.

[81] Cícero omite aqui o complemento directo *eleutherian* (ou, em latim, *libertatem*) que formava com o verbo uma conhecida locução referente ao acto de os escravos reclamarem a liberdade.

28.1. Por tudo isto ele tornava-se insuportável para muita gente, mas, além disso, também os partidários de Clódio[82] se uniram contra ele, pela seguinte razão. Clódio era um homem bem nascido, novo em idade, mas presunçoso e arrogante na sua maneira de pensar. 2. Tomado de amores por Pompeia, a mulher de César, entrou na casa dele às escondidas com a veste e os apetrechos de uma tocadora de lira. Na casa de César as mulheres ofereciam aos deuses um sacrifício, numa cerimónia secreta e interdita aos homens, e nenhum homem estava, por isso, presente. Mas, como Clódio era ainda um jovenzinho imberbe, esperava aproximar-se de Pompeia, insinuando-se entre as mulheres, sem ser reconhecido. 3. Mas, porque era de noite quando ele entrou e a casa era grande[83], não sabia que direcção seguir, e uma criada de Aurélia, mãe de César, ao vê-lo andar perdido pela casa, perguntou-lhe o nome. Obrigado a falar, disse que procurava uma serva de Pompeia, de nome Abra, e a escrava, apercebendo-se de que a voz não era feminina, começou a gritar e a chamar as mulheres. **4.** Estas fecharam as portas, procuraram por todo o lado e apanharam Clódio escondido no quarto da escrava

[82] Públio Clódio Pulcro pertencia à nobre família dos Cláudios.

[83] Tratava-se da *domus publica*, a residência do *Pontifex Maximus*, o Sumo Pontífice, que era Júlio César nessa altura. Numa sociedade marcada pela continuidade entre a esfera política e a religiosa o Sumo Pontífice era um magistrado que tinha a função de organizar a religião do Estado. Presidia ao Colégio dos Pontífices a quem incumbia, entre outras coisas, a organização do calendário, decidindo sobre as datas das festividades religiosas e dos feriados públicos.

que o tinha ajudado a entrar. O caso foi muito falado. César repudiou Pompeia, e foi instaurado um processo de impiedade a Clódio[84].

29.1. Contra a acusação de impiedade este alegava não ter estado em Roma naquela altura, mas ter ido passar uns dias no campo, muito longe da cidade. Cícero era amigo de Clódio e no caso de Catilina chegara a contar com o seu precioso auxílio como guarda de corpo, porém, depôs contra ele, afirmando que Clódio fora a sua casa tratar de uns assuntos – o que, de facto, tinha acontecido[85]. 2. Todavia parece que não foi por amor à verdade que Cícero testemunhou, mas para se desculpar perante Terência, sua mulher, que odiava Clódio por causa da irmã, Clódia[86]. 3. Com efeito, Terência suspeitava que ela pretendia casar com Cícero e que se servia de um tal Tulo de Tarento, um amigo íntimo de Cícero, como mediador, pois este era seu vizinho e frequentava regularmente a sua casa, sendo-lhe muito solícito. 4. De temperamento difícil e habituada a dominar o marido, Terência incitou-o a juntar-se aos acusadores e a testemunhar contra ele. Muitos dos homens nobres prestaram testemunho contra Clódio, acusando-o de perjúrio, de falta de escrúpulos, de subornar a populaça e de seduzir as mulheres. Luculo arranjou servas para testemunharem que, na época em que fora casado com a mais nova das irmãs de Clódio,

---

[84] Na *Vida de César* (10. 6) Plutarco diz que o processo foi instaurado por um tribuno da plebe.

[85] Cf. Cícero, *Att.* 1. 16.

[86] Trata-se da amada de Catulo a quem ele chama Lésbia.

este teria mantido relações íntimas com ela[87]. 5. Corria também a fama de que Clódio se deitara com as outras irmãs, Tércia, mulher de Márcio Rei, e Clódia, mulher de Metelo Célere[88]. Esta era chamada Quadrantária, porque um dos seus amantes lhe enviara dentro de uma bolsa moedas de bronze em vez de prata (os Romanos chamam *quadrans* à mais pequena moeda de bronze)[89]. A má reputação de Clódio devia-se principalmente à sua relação com esta irmã. 6. Porém, como o povo via com maus olhos aqueles que se tinham coligado contra Clódio, os juízes amedrontaram-se, rodearam-se de uma guarda e a maioria deles levou para as urnas de voto tabuínhas com as letras imperceptíveis. Os que defendiam a sua absolvição pareciam ser a maioria, mas também houve suspeita de corrupção. 7. Foi por isso que Cátulo, ao encontrar os juízes, lhes disse: "foi mesmo para garantir a vossa segurança que pedistes uma guarda: receáveis que alguém vos roubasse o dinheiro." 8. E quando Clódio disse a Cícero que o seu testemunho não tivera credibilidade perante os juízes, este respondeu: "vinte e cinco juízes acreditaram em mim – exactamente os que votaram contra ti. Já os outros trinta, não se pode dizer que te deram crédito, pois não te absolveram antes

[87] Cf. Plutarco, *Luc.* 34. 1 e 38. 1; Cícero, *Mil.* 73. Lúcio Licínio Luculo foi pretor em 78 e cônsul em 74. Casou com uma irmã de Clódio e repudiou-a quando regressou do Oriente.

[88] Quinto Márcio Rei foi cônsul em 68. Quinto Cecílio Metelo Célere foi cônsul em 60 e morreu no ano seguinte. Suspeitava-se em Roma de que tivesse sido envenenado pela mulher, Clódia.

[89] Cícero, *Cael.* 62. O *quadrans* era a quarta parte do asse, logo de pouco valor. A informação de Plutarco é imprecisa, pois no tempo de Cícero havia espécies de valor inferior ao *quadrans*.

de receberem o teu dinheiro."[90] 9. César, por seu lado, chamado a depor, não testemunhou contra Clódio; disse que nem sequer tinha acusado a mulher de adultério, mas apenas a repudiara porque a mulher de César não devia apenas estar acima de conduta vergonhosa mas também de má fama[91].

30.1. Depois de escapar ao perigo, Clódio foi eleito tribuno da plebe[92] e começou logo a perseguir Cícero, intrigando e unindo toda a gente contra ele. 2. Conquistou o povo com leis humanitárias e fez votar a atribuição de províncias importantes a cada um dos cônsules – a Macedónia a Pisão, e a Gabínio a Síria. Possibilitou a participação nos assuntos políticos a muitos dos mais desfavorecidos e reuniu à sua volta uma escolta de escravos armados. 3. Dos três homens então mais poderosos[93], como Crasso era abertamente hostil a Cícero, Pompeu fazia por agradar aos outros dois, e César estava para ir para a Gália com o seu exército, Cícero colocou-se ao lado deste – embora não fosse seu amigo e até o olhasse com desconfiança desde o episódio de Catilina – e ofereceu-se para integrar a sua expedição como legado[94]. 4. César aceitou; e Clódio, vendo que Cícero escapava ao seu poder de tribuno,

[90] Cf. Cícero, *Att.* 1. 16.

[91] Cf. Plutarco, *Caes*. 10. 9.

[92] Os patrícios não podiam aceder ao tribunato. Por isso, com a ajuda de César e de Pompeu, Clódio fez-se adoptar por um plebeu de nome Públio Fonteio. Foi tribuno em 58.

[93] Estes três homens – César, Pompeu e Crasso – formaram uma aliança política não oficial no ano 60, o chamado 1º Triunvirato.

[94] Cícero diz ter sido convidado por César. Cf. *Att.* 2. 18.

fingiu estar disposto a reconciliar-se com ele, atribuindo a Terência a principal responsabilidade pelo conflito entre ambos, e passou a referir-se sempre a ele com cortesia e palavras indulgentes, como se não o odiasse nem alimentasse ressentimentos, limitando-se a acusá-lo de coisas sem importância, habituais entre amigos. E de tal modo conseguiu afastar completamente os receios de Cícero, que este desistiu do cargo de legado de César e regressou de novo à vida política. 5. Indignado com isto, César acicatou Clódio, virou Pompeu totalmente contra Cícero e ele próprio declarou em público que não lhe parecia justo nem legal que tivessem sido mortos sem julgamento homens como Lêntulo, Cetego e seus associados. 6. Esta era a acusação e por causa dela Cícero foi levado a tribunal[95]. Sentindo-se perseguido e com a sua vida em risco, mudou de vestimenta e, com o cabelo em desalinho, começou a andar pela cidade a suplicar ao povo. 7. Mas Clódio ia ao seu encontro por toda a parte, rodeado de um bando violento de arruaceiros que troçavam grosseiramente da sua mudança exterior, e lhe atiravam muitas vezes lama e pedras para impedir as suas súplicas.

31.1. No entanto, quase todos os cavaleiros acompanharam Cícero na mudança das vestes e não menos de vinte mil jovens deixaram também de cuidar do cabelo e começaram a segui-lo, associando-se às suas súplicas. Depois, reuniram o Senado com o objectivo de decretar que o povo passasse a usar as vestes do luto, mas

[95] Cf. Veleio Patérculo, 2. 45.

como os cônsules se opuseram a isso e Clódio circundou o edifício com homens armados, muitos senadores rasgaram as togas e saíram a correr e a gritar. 2. Este espectáculo, porém, não suscitou qualquer compaixão ou vergonha a Clódio que ameaçava que, ou Cícero ía para o exílio ou o caso tinha de ser decidido à força e pela espada. Por essa razão Cícero pediu socorro a Pompeu, que se retirara propositadamente para o campo, junto a Alba. Enviou-lhe primeiro o seu genro Pisão[96] e depois foi em pessoa ter com ele. 3. Pompeu estava ao corrente, mas sentia vergonha e não tinha coragem para o encarar, pois sabia tratar-se de um homem que travara grandes combates por ele e tomara muitas medidas políticas a seu favor. Mas, como era genro de César, a pedido deste, esqueceu os antigos favores e, saindo secretamente por outra porta, fez gorar o encontro. 4. Por consequência, Cícero, traído por ele e vendo-se só, refugiou-se junto dos cônsules. Gabínio era-lhe sempre hostil, mas Pisão tratou-o de modo mais doce, aconselhando-o a afastar-se, a ceder à violência de Clódio, a aceitar a mudança dos tempos e a ser de novo o salvador da pátria que, devido às acções daquele, se encontrava imersa em discórdias ruinosas. 5. Depois de receber esta resposta, Cícero apelou aos amigos. Luculo aconselhou-o a ficar, pois achava que ele acabaria por vencer; outros aconselhavam-no a fugir, pois, em breve, assim que se fartasse da loucura e irracionalidade de Clódio, o povo haveria de sentir a sua falta. 6. Foi este último parecer que Cícero seguiu. Tinha uma estátua de Minerva há

[96] Pisão casara com Túlia, a filha de Cícero.

muito tempo em sua casa e a ela dedicava uma veneração especial. Então, levou-a para o Capitólio e aí a consagrou com a inscrição "Para Minerva, guardiã de Roma". Em seguida, aceitou uma escolta dos seus amigos e, à volta da meia-noite, saiu da cidade e atravessou por terra a Lucânia com intenção de alcançar a Sicília.

32.1. Quando já era claro que Cícero fugira, Clódio fez votar a sua expulsão e fixou um decreto, segundo o qual era proibido dar-lhe fogo e água ou oferecer-lhe um tecto, a menos de quinhentas milhas da Itália[97]. 2. Mas, para muitos, as palavras deste decreto não tinham qualquer valor, pois respeitavam Cícero e, por isso, o escoltavam, demonstrando a sua amizade. Contudo, em Hipónio, cidade da Lucânia a que hoje chamam Vibona[98], Víbio Sica, um homem que usufruira bastante da amizade de Cícero e que havia sido, sob o seu consulado, chefe dos operários, não o recebeu em sua casa, mas prometeu pôr à sua disposição um lugar no campo. Gaio Virgílio, pretor da Sicília, um homem que muitas obrigações devia a Cícero, disse-lhe por carta que se mantivesse afastado da Sicília. 3. Desencorajado com estas atitudes, foi para Brindes e de lá navegou em direcção a Dirráquio com um vento favorável; mas, no dia seguinte, voltou para trás, porque o vento soprou contrário no alto mar, e só mais tarde retomou a travessia. 4. Diz-se que, tendo já alcançado Dirráquio e estando para desembarcar, se deu um terramoto e um maremoto

[97] Cícero fala em quatrocentas milhas. Cf. *Att.* 3. 4.
[98] Vibona não ficava na Lucânia, mas mais a sul.

ao mesmo tempo. Os adivinhos viram nisso sinais de mudança, indicando que o seu exílio não ia durar muito. 5. Apesar de muita gente o visitar com frequência em sinal de estima e de as cidades gregas rivalizarem entre si, enviando-lhe embaixadas constantemente, ainda assim Cícero, triste e desanimado, passava a maior parte do tempo olhando ao longe a Itália, como um amante desesperado. Sentindo-se humilhado pelos acontecimentos e diminuído na sua força anímica, encontrava-se num estado de depressão que não se esperaria de um homem que passara a sua vida entregue à mais alta cultura. 6. Muitas vezes pedia aos amigos que não lhe chamassem orador mas filósofo, pois, dizia, fora a filosofia que escolhera como profissão, enquanto a oratória era apenas o instrumento de que se servia na acção política, quando necessário. 7. Mas a opinião, como um verniz, tem força para apagar da alma a razão e para gravar nos que governam o Estado as paixões da populaça, devido à proximidade e ao convívio com ela, a não ser que se tenha muita segurança e se seja capaz de um relacionamento tal que se tome parte apenas nas acções e não nas paixões que delas nascem[99].

[99] Com isto quer o autor dizer que, apesar de se reclamar filósofo, Cícero não fora capaz de aceitar o exílio com a elevação de espírito e a fortaleza de ânimo que a filosofia propunha. Pelo contrário, deixara-se dominar pela paixão que tem raízes não na verdade, mas na opinião dos homens. Plutarco serve-se de uma antinomia central no pensamento filosófico grego desde Parménides: a que opõe *aletheia* 'verdade' à *doxa* 'opinião' ou 'aparência'. O próprio Cícero, no livro IV das *Tusculanas*, defende que as paixões derivam da *opinio* e por isso não pode o sábio estar sujeito a elas.

33.1. Depois de o banir, Clódio incendiou-lhe as casas de campo, incendiou-lhe a casa de Roma e, no seu lugar, erigiu um templo da Liberdade[100]. Quanto aos restantes bens, pô-los à venda e cada dia os mandava apregoar em leilão, mas ninguém comprava nada. 2. Por esta razão, como os aristocratas o temiam e o povo se deixava arrastar por ele para actos de extrema arrogância e violência, começou a atacar Pompeu, com a intenção de revogar algumas das medidas que este tomara durante a sua campanha militar. 3. Sentindo-se assim desrespeitado, Pompeu autocensurava-se por ter abandonado Cícero e, mudando de atitude, fez todo o possível para, juntamente com os amigos, conseguir o seu regresso. Como Clódio se opunha, o Senado decidiu que, enquanto não se tratasse do regresso de Cícero, não ratificaria nem executaria nenhuma medida política. 4. Durante o consulado de Lêntulo[101], a desordem civil atingiu um tal ponto que até tribunos chegaram a ser massacrados no Fórum e Quinto, o irmão de Cícero, foi abandonado como morto entre os cadáveres. Por isso o povo começou a mudar de opinião e Ânio Milão foi o primeiro dos tribunos a atrever-se a levar Clódio a tribunal por actos de violência, e muita gente do povo e das cidades à volta se uniu a Pompeu. 5. Avançando com eles para o Fórum e obrigando Clódio a recuar, chamou os cidadãos a votar. Conta-se que nunca o povo votara com uma tal unanimidade. 6. Competindo com o

[100] Cícero refere apenas uma estátua da Liberdade, não um templo. Cf. Cícero, *Dom.* 108.

[101] Em 57 foram cônsules Públio Cornélio Lêntulo Espínter e Quinto Cecílio Metelo Nepos.

povo, o Senado, por seu lado, decidiu que seria prestado louvor às cidades que haviam auxiliado Cícero durante o exílio e que, tanto a casa de Roma como as casas de campo, destruídas por Clódio, seriam reconstruídas a expensas públicas. 7. Cícero regressou dezasseis meses depois da saída para o exílio[102] e era tão grande a alegria que tomava conta das cidades e a pressa que as pessoas tinham de ir ao seu encontro, que o que mais tarde veio a dizer ainda ficou muito aquém da realidade. 8. Com efeito, ele afirmava que a Itália o tinha carregado aos ombros até Roma[103]. Nessa altura, o próprio Crasso, apesar de seu inimigo antes do exílio, foi ao seu encontro de bom ânimo e reconciliou-se com ele para agradar, segundo dizia, ao seu filho Públio que era um fervoroso admirador de Cícero.

34.1. Não muito tempo depois e aproveitando a ausência de Clódio, Cícero, acompanhado por muita gente, dirigiu-se ao Capitólio, pegou nas tabuínhas tribunícias nas quais estavam registados os actos administrativos e destruiu-as. 2. Clódio acusou-o, mas Cícero argumentou que a sua passagem da classe dos patrícios para o cargo de tribuno da plebe fora ilegal e, por isso, não tinham qualquer validade as decisões por ele tomadas. Catão, porém, ficou indignado e contestou, não por estar de acordo com Clódio, pois rejeitava as suas

[102] Cícero saíu em Março de 58, a *lex Cornelia Caecilia de reuocando Cicerone* é de Agosto de 57, mas ele regressou no início de Setembro de 57, o que significa que esteve dezassete meses completos no exílio. Cf. *Att.* 4. 1,5.

[103] Cf. Cícero, *Red. sen.* 39.

políticas, mas porque considerava terrível e arbitrária a votação do Senado a favor da destruição de tantos decretos e actos administrativos, incluindo a sua própria administração de Chipre e de Bizâncio. 3. Isto levou ao arrefecimento das relações entre ambos, que, apesar de não chegar a manifestar-se claramente, ensombrou a amizade que os unia.

35.1. Após estes acontecimentos, Milão assassinou Clódio e, acusado do homicídio, escolheu Cícero para o defender[104]. O Senado, receando que se instaurasse a desordem num processo que era muito perigoso, dada a notoriedade de um homem como Milão e o seu carácter irascível, encarregou Pompeu de presidir a este e aos outros julgamentos, para garantir a segurança na cidade e nos tribunais. 2. Era ainda noite quando este colocou soldados nas colinas em volta do Fórum. Milão, temendo que Cícero, com este insólito aparato diante dos olhos, ficasse perturbado e enfraquecesse a sua defesa, persuadiu-o a fazer-se transportar de liteira até ao Fórum e aí permanecer tranquilo até que os juízes se reunissem e o tribunal ficasse completo. 3. De facto, ao que parece, ele não era apenas desprovido de coragem para a guerra, mas também na altura de discursar mostrava receio, e em muitos processos era-lhe difícil abandonar a agitação e deixar de tremer, mesmo quando o discurso atingia o auge da firmeza. 4. Quando defendeu Licínio Murena, por exemplo, que era perseguido por Catão, como ambicionava ultrapassar

[104] Cf. Cícero, *Pro Milone*.

Hortênsio, advogado de muito sucesso, Cícero não descansou nada durante a noite, e ficou de tal maneira abatido pelo excesso de preocupação e pela falta de sono que pareceu muito inferior a si mesmo. 5. No processo de Milão, ao sair da liteira e ao ver Pompeu sentado acima, como se estivesse num acampamento militar, e as armas a brilharem à volta do Fórum, ficou agitado e foi com dificuldade que deu início ao discurso. E enquanto ele tinha o corpo a tremer e a voz embargada, Milão, que era o réu, apresentava-se cheio de confiança e sem receio, tendo-se até recusado, por considerar indigno, a deixar crescer o cabelo e a vestir uma roupa escura[105]. Esta parece não ter sido, aliás, a causa menos importante da sua condenação. Porém, o comportamento de Cícero não foi entendido como cobardia, mas como sinal de que era amigo dos seus.

36.1. Cícero veio a ser também um dos sacerdotes a quem os Romanos chamam áugures[106], em substituição do jovem Crasso, depois da sua morte entre os Partos. A seguir, coube-lhe em sorte a província da Cilícia e um exército de doze mil soldados de infantaria e mil e seiscentos de cavalaria. Para lá embarcou com ordens para conseguir a fidelidade e a obediência da Capadócia

[105] Estes seriam os sinais exteriores próprios de quem procura a absolvição.

[106] Os áugures eram adivinhos oficiais do estado romano e formavam um colégio, constituído por dezasseis membros, no tempo de César. Cabia-lhes, através da observação do voo das aves e de outros sinais, interpretar a vontade dos deuses relativamente à realização de determinados actos públicos. Fazer parte do colégio dos áugures era uma alta distinção para um romano.

para o rei Ariobarzanes. 2. Isto ele realizou de forma irrepreensível, conseguindo harmonizar as partes sem recurso às armas e, ao ver os Cilícios animados com a derrota dos Romanos pelos Partos[107] e com a revolta na Síria, procurou apaziguá-los, governando com bondade. 3. Não aceitou presentes, nem quando oferecidos pelos reis, e, quanto aos provinciais, dispensou-os de organizarem banquetes, recebendo ele próprio todos os dias à sua mesa as pessoas mais distintas, liberalmente, mas sem extravagância.[108] 4. A sua casa não tinha porteiro e ninguém o via deitado, mas desde o romper do dia, de pé ou passeando diante da casa, recebia quem o ia saudar. 5. Dizem que não se excedia nos castigos, não usava vergastas, não tirava as vestes de ninguém, nem proferia injúrias, levado pela cólera. Quando descobriu o roubo de elevadas somas de dinheiro público, fez prosperar as cidades, obrigando à devolução do dinheiro, mas mantendo os direitos dos que o restituíam, sem lhes infligir qualquer outra pena. 6. Também empreendeu uma guerra, rechaçando os bandidos que viviam à volta do Amano[109], feito que lhe valeu ser proclamado *imperator* pelos soldados[110]. Quando o orador Célio lhe pediu que enviasse panteras da Cilícia para um espectáculo em Roma[111], Cícero, vangloriando-se dos

[107] Nesta guerra contra os Partos morreram Crasso e o seu filho.

[108] Normalmente o governo de uma província era uma oportunidade de enriquecimento fácil para os governadores.

[109] Monte entre a Cilícia e a Síria, hoje com o nome Almadag.

[110] Título honroso concedido pelo senado a um general que tivesse alcançado a vitória, título que este podia usar depois do nome até ao momento do Triunfo.

[111] Marco Célio Rufo, jovem amigo de Cícero, exercia, em

seus feitos, escreveu-lhe a dizer que não havia panteras na Cilícia: tinham fugido para a Cária, indignadas por só elas estarem sujeitas a ataques, já que tudo o resto estava em paz[112]. 7. Na viagem de regresso da sua província, desembarcou primeiro em Rodes e, depois, passou algum tempo em Atenas, feliz, pois tinha saudades dos seus antigos estudos. Aí, depois de conviver com os homens mais distintos no domínio da cultura, depois de saudar os seus amigos e companheiros de outrora e receber da Grécia justas honras, regressou à urbe que, como por efeito de um incêndio, se encontrava já dividida e a caminho da guerra civil[113].

37.1. Por conseguinte, quando o Senado votou um Triunfo para Cícero[114], este disse que lhe daria mais prazer seguir o Triunfo de César, se um acordo fosse alcançado[115]. E aconselhava ambos em particular, quer nas muitas cartas a César, quer nos vários pedidos a Pompeu, tentando apaziguá-los e serenar os ânimos de cada um. 2. Mas as coisas tornaram-se irremediáveis e, estando César para voltar, Pompeu não o esperou, mas abandonou a cidade acompanhado de um grande número de notáveis. Cícero distanciou-se desta fuga, parecendo colocar-se ao lado de César, mas é evidente

50, o cargo de edil. Um dos deveres dos edis era a organização de espectáculos.

[112] Cf. Cícero, *Fam.* 2. 11, 2.

[113] Cícero chegou a Roma em Janeiro de 49.

[114] Cerimónia de grande pompa em que um general romano, responsável por uma vitória importante, era conduzido em cortejo até ao templo de Júpiter, no Capitólio.

[115] Referência à discórdia entre César e Pompeu.

que ele estava hesitante entre um e outro e tinha muitas dúvidas sobre a decisão a tomar. 3. Com efeito, nas cartas[116], escreve que não sabe para qual dos lados deve voltar-se, já que, por um lado, Pompeu tinha um motivo ilustre e nobre para fazer a guerra, mas, por outro lado, César geria melhor os acontecimentos e estava em melhores condições de o salvar e aos seus amigos; de maneira que sabia de quem fugir, mas não para junto de quem fugir. 4. Mas quando um tal Trebácio, um dos companheiros de César, lhe escreveu uma carta, dizendo que César pensava que Cícero devia colocar-se ao seu lado e partilhar as suas esperanças, mas se, devido à idade, recuasse, deveria partir para a Grécia e aí se fixar e viver tranquilo, distanciando-se das duas partes, Cícero, admirado por não ter sido o próprio César a escrever-lhe, respondeu, num momento de raiva, que nada faria que fosse indigno da sua acção política passada. Isto é, pois, o que está escrito nas suas cartas.

38.1. Assim que César partiu para a Ibéria, Cícero embarcou para ir ao encontro de Pompeu e todos se alegraram ao vê-lo. Todavia Catão censurava-o muito em privado, por ele ter tomado o partido de Pompeu. É que, para Catão, não era correcto abandonar a posição política que defendia desde o início; mas Cícero seria mais útil à pátria e aos amigos se se mantivesse neutro e permanecesse na Itália, agindo de acordo com o que lá fosse acontecendo. E dizia que não havia qualquer razão ou necessidade de este se ter tornado inimigo de

[116] Cf.Cícero, *Att.* 8. 7.

César e ter vindo para ali participar num tão grande perigo. 2. Estas palavras provocaram uma reviravolta na decisão de Cícero, e o facto de Pompeu não o usar para nada de importante igualmente o desgostou. Mas foi ele próprio que deu motivos para isso, pois não negava ter-se arrependido da sua vinda, depreciava os preparativos de Pompeu, rejeitava secretamente os seus planos e não se abstinha de fazer troça dos outros, dirigindo constantemente gracejos aos seus companheiros de armas. No entanto, ele mesmo andava sempre pelo campo sem se rir e com um ar sério, mas oferecendo aos outros motivos de riso, ainda que o não desejassem. 3. É melhor dar exemplo de alguns deles. Quando Domício[117] propôs para um cargo de chefia um homem sem experiência militar e disse que ele tinha bom carácter e era sensato, Cícero disse: "Então, porque não o aproveitas para ser preceptor dos teus filhos?" 4. Como alguns elogiavam Teófanes de Lesbos[118] que era o chefe dos engenheiros no campo, por ele ter sabido consolar os Ródios quando eles perderam a sua frota[119], disse ele: "Que bom que é ter um Grego como chefe!" 5. Quando César estava a ganhar cada vez mais terreno e, de alguma maneira, os estava já a cercar, a Lêntulo, que dizia ter informação de que os amigos de César estavam desanimados, respondeu: "Estás a dizer que eles querem mal a César?" 6. A um certo Márcio, que, tendo chegado há pouco tempo de Itália, contava que em

[117] Lúcio Domício Aenobarbo fora cônsul em 54.

[118] Este Teófanes foi o historiógrafo de Pompeu.

[119] A frota dos Ródios foi destruída por uma tempestade quando navegava para se ir juntar a Pompeu.

Roma só se ouvia dizer que Pompeu estava encurralado, replicou Cícero: "Então vieste de lá para confirmares e veres isso com os teus próprios olhos?" 7. Depois da derrota, quando Nónio disse que era preciso manter a esperança, pois restavam ainda sete águias no campo de Pompeu, Cícero retorquiu: "Isso seria encorajador se estivéssemos em guerra com gaios." 8. Quando Labieno, apoiando-se em certos oráculos, asseverava que Pompeu estava destinado a ser o vencedor, ele disse: "Foi então apenas uma táctica a perda do nosso campo?"

39.1. Após a batalha de Farsalo[120], em que não participou por razões de saúde, e após a fuga de Pompeu, Catão, que tinha em Dirráquio um exército numeroso e uma grande frota, pretendia, de acordo com a lei, que Cícero assumisse o comando, pois, pela dignidade do consulado, estava acima de qualquer outro. 2. Cícero, porém, recusou o cargo e, rejeitando completamente integrar a campanha, por pouco não chegou a ser morto quando o jovem Pompeu e seus amigos desembainharam as espadas, chamando-lhe traidor. Catão colocou-se no meio, afastou-os a custo e levou-o para fora do campo. 3. Chegando a Brindes, aí passou algum tempo, esperando César, que tardava, devido às dificuldades na Ásia e no Egipto. 4. Quando lhe foi anunciado que César chegara a Tarento e se dirigia a Brindes por terra, foi ao seu encontro, não, decerto, por estar desesperado, mas para evitar a vergonha de enfrentar um inimigo vitorioso à frente de tanta gente. 5. Mas não lhe chegou

[120] A batalha de Farsalo ocorreu em Agosto de 48.

a ser necessário dizer ou fazer alguma coisa contrária à sua dignidade. Com efeito, César, quando o viu avançar à frente dos outros, desceu do cavalo, abraçou-o e percorreu muitos estádios conversando a sós com ele. A partir daí continuou a tratá-lo com honra e amizade, de tal maneira que, na sua réplica ao encómio que Cícero escreveu para Catão, elogia a eloquência e a vida dele, considerando-as muito semelhantes às de Péricles e de Terâmenes[121]. 6. O tratado de Cícero intitula-se *Catão* e o de César *Anti-Catão*. No entanto também se diz que, quando Cícero tomou a defesa de Quinto Ligário, processado por ter sido um dos inimigos de César, este terá dito aos amigos: "O que nos impede de ouvir Cícero discursar, se este homem já foi julgado como malfeitor e inimigo?". 7. Porém, quando Cícero começou a falar, fê-lo com uma comoção extraordinária e o discurso ia avançando, variado no *pathos* e com uma elegância admirável. O rosto de César mudava constantemente de cor e era claro que essas mudanças reflectiam os sentimentos variados que o atravessavam. Por fim, quando o orador passou a falar dos confrontos de Farsalo, ele ficou fora de si, com o corpo todo a tremer e deixou cair alguns documentos que tinha nas mãos. E foi, por isso, compelido a libertar o réu da culpa.

[121] Se a comparação com Péricles é honrosa, o paralelo estabelecido com Terâmenes é talvez um pouco irónico ou, pelo menos, ambíguo. Com efeito, este político ateniense do séc. V foi alvo das críticas dos seus contemporâneos, quer democratas quer oligarcas, devido à frequência com que mudava as suas opções políticas.

40.1. A partir desta altura, como o Estado se transformou numa monarquia, Cícero afastou-se da vida política e passou a dar lições aos jovens que queriam estudar filosofia. De certa maneira, foi pelas suas relações com estes, que eram das mais importantes e nobres famílias, que ele recuperou a influência que tivera na cidade. 2. Nessa época tinha a tarefa de compor e traduzir diálogos filosóficos e de arranjar em latim correspondências para todos os termos gregos relativos à Dialéctica e à Física. De facto, foi ele o primeiro, segundo se diz, a dar nome às noções de "imaginação", "suspensão do juízo", "assentimento" e "compreensão", e ainda de "átomo", "indivisível", "vácuo", e muitas outras deste género[122]; e que as deu a conhecer e tornou familiares aos Romanos de forma mais criativa, quer através de metáforas, quer de termos com o seu sentido próprio. 3. Por entretenimento, também explorava a sua habilidade para a poesia. Diz-se que, quando se entregava a ela, compunha quinhentos versos numa noite. Neste período, passava a maior parte do tempo na sua propriedade em Túsculo e, nas cartas aos amigos, dizia que levava a vida de um Laertes – ou por brincadeira, como era seu costume, ou porque desejava muito participar na vida pública e o atormentava o estado de coisas

[122] Trata-se dos termos gregos *phantasia*, *epoche, synkatathesis, katalepsis, atomos, ameres* e *kenon* que Cícero verteu para latim respectivamente com os termos *uisum* (*Acad.* 1. 40), *retentio assensionis* (*Acad.* 2. 59), *assensio* ou *approbatio* (*Acad.* 2. 37), *comprehensio* (*Acad.* 1. 41), *indiuiduum* (corresponde tanto ao grego *atomos* como *ameres*) (*Fin.* 1. 17) e *inane* (*Fat.* 24).

de então[123]. 4. Raramente ía à cidade e apenas para prestar homenagem a César, sendo o mais destacado dos oradores que lhe queriam dar honras e competiam para dizer algo original acerca dele ou das suas acções. Exemplo disso foi o comentário que fez quando, por ordem de César, foram erigidas as estátuas de Pompeu que haviam sido derrubadas e roubadas. 5. Cícero disse que, com esta demonstração de humanidade, César levantava as estátuas de Pompeu e consolidava as suas próprias.

41.1. Tencionava, segundo se diz, tratar por escrito toda a história da sua pátria, juntando-lhe uma boa parte da da Grécia, e registar todas as narrativas e mitos lá recolhidos por si. Foi impedido de o fazer devido a muitas ocupações, particulares e públicas, alheias à sua vontade, mas também devido a sofrimentos, na maior parte dos quais parece ter caído voluntariamente. 2. Em primeiro lugar, repudiou Terência, sua esposa, alegadamente por não ter cuidado dele durante a guerra, a ponto de o deixar partir sem as provisões necessárias, e não lhe ter dado bom acolhimento no seu regresso à Itália. 3. De facto, ela não tinha ido ter com o marido a Brindes, onde ele estivera bastante tempo. Dizia ainda que certa vez que a sua filha, ainda muito jovem, fizera uma longa viagem, a esposa não lhe fornecera nem uma escolta adequada nem o dinheiro necessário. E contraíra

[123] Na *Odisseia*, Laertes, pai de Ulisses, tem de assistir, impotente, às afrontas dos Pretendentes à mão de Penélope e ao reino de Ítaca, que, na ausência de Ulisses, dilapidam os seus bens e chegam a preparar uma emboscada a Neoptólemo, o filho do herói.

tantas dívidas que até a sua casa ficara sem nada. Estes eram os pretextos mais convenientes, apontados para justificar a separação. 4. Mas para Terência, que negava as acusações, a verdadeira justificação deu-a o próprio Cícero, ao casar, não muito tempo depois, com uma jovem moça – atraído pela sua juventude e beleza, como Terência apregoava, ou, como escreveu Tirão, o liberto de Cícero, devido à riqueza que ela possuía e que lhe permitiria liquidar as dívidas. 5. Na verdade, a moça era muito rica e Cícero, como herdeiro fiduciário[124], ficara encarregado da guarda dos seus bens. Como devia muito dinheiro, os amigos e familiares convenceram-no a casar com esta jovem, apesar da diferença de idades, e a usar a sua fortuna para se libertar dos credores. 6. António, referindo-se a este casamento nos escritos de resposta às *Filípicas*, diz que Cícero rejeitou uma mulher junto da qual tinha envelhecido, gracejo com que, ao mesmo tempo, criticava a vida por ele passada sempre em casa, inactivo e inapto para as coisas da guerra. 7. Pouco tempo depois de se casar, a filha morreu de parto em casa de Lêntulo, com quem casara depois da morte de Pisão, o seu anterior marido[125]. 8. Os amigos vieram de todos os lados para o consolar. Este acontecimento foi demasiado pesado e difícil de suportar, e levou-o a mandar embora a nova esposa, que lhe pareceu ter ficado contente com a morte de Túlia.

---

[124] Trata-se do conceito jurídico romano de *fideicomissum*, presente na própria fraseologia grega.

[125] Pisão fora o primeiro marido de Túlia e morrera em 57. A morte da filha de Cícero dá-se durante o seu terceiro casamento, com Públio Cornélio Dolabela, aqui chamado Lêntulo por ter sido adoptado por um plebeu com esse nome.

42.1. Assim corria a vida familiar de Cícero. Quanto à conjura contra César, nela não participou, embora estivesse entre os melhores amigos de Bruto, e como nenhum outro, ao que parece, sentisse o peso da situação presente e desejasse o regresso da anterior ordem de coisas. 2. Mas os conjuradores recearam a timidez da sua natureza e também o facto de se encontrar numa idade em que até as naturezas mais fortes perdiam a audácia[126]. 3. Quando Bruto, Cássio e os seus seguidores executaram a acção, os amigos de César uniram-se contra eles e instalou-se o receio de que a cidade caísse de novo na guerra civil. António[127], que era então cônsul, reuniu o Senado e falou de concórdia em breves palavras; Cícero, por seu lado, discursou longamente e de forma apropriada à ocasião, persuadindo os Senadores a seguirem o exemplo dos Atenienses e votarem uma amnistia para os assassinos de César e a atribuição de províncias a Bruto, Cássio e seus cúmplices[128]. 4. Nada disto, porém, foi cumprido. Com efeito, o povo, já de si inclinado à compaixão por César, ao ver o cadáver ser levado pelo meio do Fórum e António a mostrar a veste cheia de sangue e toda furada pelas espadas, enlouquecido pela raiva, pôs-se à procura dos assassinos no Fórum e a correr para as casas deles com tochas nas mãos para lhes pegar fogo. 5.

[126] Cícero tinha, nesta altura, sessenta e três anos.

[127] Trata-se de Marco António, que era então colega de César no consulado.

[128] Cícero evocou o exemplo dos Atenienses que, em 403, restauraram a democracia, acabando com o governo dos Trinta Tiranos, e votaram uma amnistia para pacificar a cidade.

Estes, porém, escaparam, pois tinham tomado algumas precauções e, como esperavam muitos outros perigos e ainda maiores, deixaram a cidade.

43.1. Logo a seguir António consolidou o seu poder e todos temiam que ele tencionasse governar sozinho, Cícero mais que todos. Ao ver que se reforçava de novo a influência política de Cícero e sabendo-o favorável a Bruto, detestava a sua presença. 2. Certamente já antes existia entre ambos um clima de desconfiança, decorrente da divergência dos seus modos de vida. 3. Receando a hostilidade, Cícero primeiramente preparou-se para viajar para a Síria com Dolabela, na qualidade de seu legado. Mas quando Hírtio e Pansa, homens de bem e seus zelosos partidários, que estavam para substituir António no consulado, lhe pediram que não os abandonasse, prometendo que se encarregariam de neutralizar António se Cícero estivesse com eles, este, não acreditando totalmente mas também sem desconfiar em absoluto, deixou Dolabela partir e acordou com Hírtio e Pansa que passaria o Verão em Atenas e regressaria logo que eles tomassem posse da governação. E embarcou por si mesmo. 4. Mas a travessia sofreu atrasos, e os espantosos rumores que, como era habitual, vinham de Roma, fizeram-no voltar de novo para a cidade, considerando excessivos os seus receios. Dizia-se que António mudara e tomava agora as medidas políticas sempre de acordo com a vontade do Senado, e, por isso, só a sua presença faltava para que as coisas corressem melhor. 5. A princípio as suas

esperanças não foram frustradas. Uma multidão de pessoas acorreu ao seu encontro com grande alegria, desejosa de o ver, e os cumprimentos e manifestações de amizade duraram quase todo o dia, junto aos portões e à entrada da sua casa. 6. No dia seguinte, António convocou Cícero para uma reunião do Senado, mas ele não foi, ficou a repousar, dizendo estar fraco e cansado. Mas o verdadeiro motivo, ao que parece, era o medo de alguma cilada, medo proveniente de qualquer suspeita ou informação que lhe fora dada durante a viagem. 7. António, por seu lado, ficou irritado com a acusação e enviou soldados, com a ordem de trazerem Cícero ou de lhe incendiarem a casa. Mas como muitos se opuseram e lhe pediram que o não fizesse, ele desistiu e contentou-se somente com uma penalização[129]. 8. Depois disto continuaram desavindos, embora não de forma declarada, e vigiavam-se mutuamente, até ao momento em que o jovem César[130], regressado de Apolónia, veio reclamar os vinte e cinco milhões da herança deixada pelo outro César e que estava na posse de António, razão pela qual entraram em desacordo[131].

---

[129] Os cônsules podiam exigir o pagamento de uma espécie de multa quando os Senadores faltassem a uma sessão para a qual tivessem sido convocados.

[130] Trata-se de Octávio, que haverá de ser o primeiro imperador de Roma e que adoptará o nome Augusto. Plutarco chama-lhe César porque ele fora adoptado por Júlio César. Nesta altura tinha dezanove anos e estava em Apolónia, na Ilíria, a estudar.

[131] A esposa de César, Calpúrnia, confiara a Marco António a maior parte do dinheiro que tinha em casa. Octávio, na qualidade de filho herdeiro, reclamava agora esse dinheiro.

44.1. Por isso Filipe, que era casado com a mãe do jovem César[132], e Marcelo, o marido de sua irmã, foram, juntamente com ele, ter com Cícero e acordaram em que este o ajudaria com a influência que tinha no Senado e junto do povo, devido à sua eloquência e experiência política, e, em troca, aquele garantiria a Cícero a segurança que a riqueza e as armas lhe proporcionavam. É que o jovem já tinha à sua volta não poucos dos soldados que haviam estado ao serviço de César. 2. E havia uma razão ainda mais importante para Cícero aceitar com entusiasmo a sua amizade. 3. É que, ao que parece, quando eram ainda vivos Pompeu e César, Cícero sonhara que os filhos dos Senadores estavam a ser chamados ao Capitólio para que um deles fosse designado por Zeus para vir a ser o chefe de Roma; e que os cidadãos correram apressadamente e colocaram-se à volta do templo, enquanto as crianças, envergando a toga pretexta, se sentaram em silêncio. 4. Subitamente, abriram-se as portas do templo e os rapazes levantaram-se e, um a um, iam passando em círculo à volta do deus, que os observava a todos e os ia despedindo, para grande tristeza deles. Até que um se aproximou e Zeus, estendendo a mão direita, apontou-o e disse: "Romanos, quando este for o vosso chefe, terminarão as guerras civis." 5. Conta-se que, depois de ter em sonhos esta visão, Cícero conservou gravada no espírito uma imagem muito nítida do rapaz, embora não o conhecesse. E no dia seguinte, ao descer para o Campo de Marte, na hora em que os rapazes

[132] Trata-se do segundo marido de Átia, mãe de Octávio.

voltavam dos exercícios físicos, viu-o pela primeira vez tal qual era no sonho. Estupefacto, perguntou-lhe quem eram os seus pais. 6. O pai era Octávio, um homem sem grande distinção, e a mãe Átia, sobrinha de César, o qual, por não ter filhos, lhe deixara em testamento os seus bens e a sua casa. 7. Depois disto, segundo se diz, cada vez que o encontrava, Cícero conversava com ele com muito interesse, e o rapaz acolhia familiarmente as suas manifestações de amizade. É que, além do mais, quisera o destino que ele nascesse no consulado de Cícero.

45.1. Estes eram, provavelmente, os motivos expressos. Mas o que predispunha Cícero a favor de César era, em primeiro lugar, o seu ódio a António e, em segundo lugar, a sua própria natureza, incapaz de resistir às honras, pois julgava que o poder do jovem o ajudaria na política. 2. É que o jovem rapaz insinuava-se junto dele a ponto de até lhe chamar pai. Bruto, muito indignado com isto, atacava Cícero nas cartas a Ático, porque, dizia, era evidente que, ao querer agradar a César por medo de António, o que fazia não era trabalhar para trazer a liberdade à pátria, mas procurar um senhor benevolente para si próprio. 3. Apesar disso, Bruto amparou o filho de Cícero, que estava em Atenas a estudar com os filósofos, levou-o a ocupar lugares de comando e, com os seus serviços, obteve muitos sucessos. 4. Quanto a Cícero, viu a sua influência na cidade atingir o auge por esta altura e, como podia exercer o poder à sua vontade, afastou António e formou um partido de oposição a ele. Enviou os dois cônsules, Hírtio e Pansa, para o

combaterem e persuadiu o Senado a votar a atribuição a César de lictores e dos ornamentos dos pretores, dizendo que ele tinha defendido a pátria. 5. Porém, depois da derrota de António, como ambos os cônsules morreram no combate, as forças reuniram-se à volta de César. O Senado, receando um homem que, além de jovem, era muito afortunado, tentou, com honras e presentes, atrair as suas tropas e retirar-lhe a força, pois julgava não precisar de defensores, já que António tinha fugido. Por isso, César, com receio, enviou secretamente a Cícero homens para o persuadirem a concorrer ao consulado juntamente com ele, dizendo-lhe que, quando tomasse posse do cargo, poderia tomar as rédeas e agir como achasse melhor, pois o rapaz apenas desejava nome e fama. 6. O próprio César reconhece[133] ter-se aproveitado do amor de Cícero ao poder, quando o incitou a concorrer ao consulado e lhe prometeu a sua assistência e apoio, porque receava o licenciamento das tropas e corria o risco de ficar isolado.

46.1. Nesse momento Cícero, um velho, deixou-se iludir e enganar por um jovem, apoiando a sua candidatura e oferecendo-lhe o Senado, o que lhe valeu a censura imediata por parte dos seus amigos; ele próprio, mais tarde, percebeu que tinha deitado tudo a perder e tinha deixado escapar a liberdade do povo. 2. É que o rapaz, quando tomou posse do consulado e se viu com tanto poder, deixou de agraciar Cícero e tornou-se

[133] Plutarco refere-se, com certeza, ao livro de Memórias que Octávio escreveu e dedicou a Agripa e a Mecenas.

amigo de António e de Lépido. Unidas as suas forças, dividiram entre si a liderança do império[134], como se se tratasse de uma propriedade, e fizeram uma lista com os nomes dos homens que deviam morrer – para cima de duzentos. 3. Dos assuntos que discutiram, o que gerou maior polémica foi a inclusão de Cícero na lista dos proscritos, pois António recusava-se a qualquer acordo se ele não fosse o primeiro a morrer, Lépido estava do seu lado e César opunha-se a ambos. 4. Durante três dias houve reuniões secretas, perto da cidade de Bonónia, num lugar afastado dos acampamentos, à volta do qual corria um rio, e nelas estiveram apenas os três[135]. 5. Diz-se que, depois de lutar por Cícero nos dois primeiros dias, ao terceiro César abandonou-o e entregou-o. Então, acordaram as seguintes concessões: César tinha de ceder Cícero, Lépido o seu irmão Paulo e António o seu tio materno, Lúcio César. 6. Assim, por animosidade e raiva, abandonaram a razoabilidade própria dos seres humanos, ou antes, mostraram que não há fera mais selvagem do que o homem quando ele associa o poder à paixão.

47.1. Enquanto isto sucedia, Cícero encontrava-se na sua propriedade de Túsculo com o irmão. Informados das proscrições, decidiram ir até Ástura, para uma propriedade que Cícero tinha junto ao mar, e daí navegar para a Macedónia, para se juntarem a Bruto, pois corria a notícia de que ele já tinha aí tomado o poder.

---

[134] Trata-se do 2º Triunvirato, um pacto político estabelecido em 43 e em que se uniam Octávio, Marco António e Lépido.

[135] Bonónia é a actual Bolonha e o rio chama-se Reno.

2. Acabrunhados pela dor, seguiam transportados em liteiras e, ao longo do caminho, paravam, aproximavam as liteiras e lamentavam-se um ao outro. 3. Quinto era o mais desanimado: imaginava as dificuldades que iria ter, pois não conseguira trazer nada de casa e Cícero também só tinha algumas provisões para a viagem. Pareceu-lhes, por isso, melhor que Cícero seguisse à frente enquanto ele próprio correria a casa para se abastecer. 4. Abraçaram-se em lágrimas e separaram-se. Não muitos dias depois, Quinto foi entregue pelos seus servos aos que o procuravam e foi morto juntamente com o filho. Cícero, chegado a Ástura, encontrou um navio, nele embarcou e navegou ao longo da costa, com vento favorável, até Circeu. 5. Daí os pilotos queriam partir imediatamente, mas Cícero, ou porque receava o mar, ou porque ainda não abandonara completamente a confiança em César, desembarcou e foi por terra, ao longo de cem estádios, na direcção de Roma. 6. Mas de novo ficou perturbado, mudou de parecer e voltou em direcção ao mar, para Ástura. Aí passou a noite, mergulhado em pensamentos terríveis e desesperados, chegando mesmo a projectar ir até à casa de César em segredo e matar-se junto à lareira, para fazer cair sobre ele um génio vingador. 7. Mas o medo das torturas fê-lo abandonar esse pensamento e, revolvendo no espírito propósitos confusos e contraditórios, acabou por se entregar aos seus servidores, para que o levassem por mar até Caieta, pois aí tinha uma propriedade que era um lugar de refúgio agradável na estação do Verão, quando

os ventos etésios sopram mais refrescantes[136]. 8. O lugar tem também um pequeno templo de Apolo, sobranceiro ao mar. Daí bandos de corvos levantaram voo, grasnando agudamente, e aproximaram-se do barco de Cícero quando este se dirigia para terra e, colocando-se nos dois lados da verga, uns grasnavam, os outros bicavam as extremidades das cordas. E a todos isto pareceu um mau presságio. 9. Então Cícero desembarcou, entrou em casa e deitou-se para descansar. A maior parte dos corvos empoleirou-se à janela, soltando tumultuosos grasnados, mas um deles conseguiu chegar ao leito onde Cícero se encontrava coberto com um pequeno manto e, aos poucos, com o bico, destapou-lhe o rosto. Os servos, ao verem tal coisa, censuraram-se por estarem, como espectadores, à espera que o seu amo fosse morto, sem o defender, enquanto os animais vinham em seu socorro e apoiavam-no nesta desgraça imerecida. Então, pela persuasão e pela força, pegaram nele e começaram a levá-lo na liteira em direcção ao mar.

48.1. Nisto chegaram, acompanhados de servos, os assassinos, o centurião Herénio e o tribuno militar Pompílio. A este último, perseguido pela justiça, fora o próprio Cícero que o defendera de uma acusação de parricídio. 2. Ao encontrarem as portas fechadas, deitaram-nas abaixo, mas Cícero não estava, e, como os que se encontravam lá dentro, ao que se conta, asseveravam não saber do seu paradeiro, um jovem rapaz,

[136] Trata-se da casa de campo perto de Fórmias a que Cícero se refere, nas cartas, como *Formianum.*

de nome Filólogo, um liberto de seu irmão Quinto que o próprio Cícero educara nas belas letras e nas ciências, indicou ao tribuno a liteira a ser transportada para o mar pelas alamedas cobertas pelas sombras das árvores. 3. Então o tribuno correu até à saída, levando consigo alguns homens, e Herénio tomou o caminho que Cícero fazia. Quando este se apercebeu da sua aproximação, mandou os servos pararem a liteira ali mesmo. 4. E ele próprio, com a mão esquerda no queixo, como era seu costume, olhava fixamente os assassinos, coberto de pó e com o cabelo desgrenhado e o rosto consumido pela dor, de tal maneira que a maior parte dos homens escondeu a cara, enquanto Herénio o degolava. 5. Alongou o pescoço para fora da liteira e foi degolado. Tinha sessenta e quatro anos. 6. Por ordem de António, deceparam-lhe a cabeça e as mãos, pois com elas havia escrito as *Filípicas*. Com efeito, Cícero deu o título de *Filípicas* aos discursos contra António, e assim são chamados até hoje.

49.1. Quando as extremidades foram levadas para Roma, António estava a preparar as eleições, mas, ao ouvir dizer que tinham chegado e, depois, ao vê-las, gritou que as proscrições tinham atingido o termo naquele momento. 2. Mandou colocar a cabeça e as mãos sobre os *rostra*[137], por cima da tribuna – um quadro aterrorizador para os Romanos que julgavam ver, não o rosto de Cícero, mas uma imagem da alma de António.

[137] As tribunas dos oradores no fórum estava ornamentadas com os esporões – *rostra* – dos navios capturados aos inimigos.

Todavia, nessa ocasião, ele teve uma atitude razoável: entregou Filólogo a Pompónia, mulher de Quinto. 3. Esta, passando a ser a dona do rapaz, aplicou-lhe muitos castigos, e terríveis: obrigou-o a cortar as próprias carnes, pedaço a pedaço, a cozê-las e, em seguida, comê-las. 4. Isto é o que contam alguns historiadores. Porém Tirão, o liberto de Cícero, não refere absolutamente nada acerca da traição de Filólogo. 5. Contaram-me que, muito tempo depois, César foi a casa de um dos seus netos e que, tendo este nas mãos um livro de Cícero, ficou com medo e escondeu-o com um manto. César, porém, viu-o, pegou nele e, de pé, percorreu uma boa parte do livro e, ao devolvê-lo, declarou: "era um homem eloquente, meu filho, eloquente e amigo da pátria." 6. De facto, assim que César venceu António[138], escolheu para seu colega no consulado o filho de Cícero e foi durante o seu consulado que o Senado decidiu deitar abaixo as imagens de António e abolir todas as outras honras, e decretou ainda que a nenhum dos Antónios fosse dado o nome Marco. Assim a divindade concedeu à casa de Cícero realizar a punição de António.

[138] Octávio venceu Marco António e Cleópatra na batalha de Áccio, no ano 31.

Comparação entre Demóstenes e Cícero

1.1. De tudo o que os historiadores escreveram a respeito de Demóstenes e de Cícero e chegou ao nosso conhecimento, estes são os factos dignos de memória. 2. Apesar de ter renunciado a comparar a competência oratória de ambos, parece-me, no entanto, que não devo deixar de dizer o seguinte: Demóstenes dedicou à arte oratória toda a eloquência que possuía por natureza ou adquirira pelo exercício. Ultrapassou em talento e clareza os seus pares nos debates políticos e judiciais; em espessura e grandiosidade ultrapassou os oradores de aparato; e em rigor e domínio técnico os sofistas. 3. Já Cícero, que a ardorosa dedicação às letras tinha transformado num profundo conhecedor de várias matérias, deixou um número não pequeno de tratados de carácter filosófico, à maneira da Academia e, mesmo nos discursos, políticos ou judiciais, é evidente a sua vontade de mostrar sabedoria e cultura. 4. Mas é também o carácter que sobressai nas obras de cada um deles. O estilo de Demóstenes afasta-se de todo o tipo de embelezamento ou ligeireza, concentrando-se no maior rigor e gravidade; ao contrário do que dizia Píteas por troça, ele não cheira a mecha de lamparina, antes, é o estilo de um homem habituado a beber água, de um homem dado à reflexão e de modos ásperos e sombrios, como costumavam dizer. Cícero, por seu lado, deixava-se levar muitas vezes pelo gosto de zombar, chegando à

brejeirice e, nos processos judiciais, tratava com ligeireza assuntos que exigiam seriedade, numa atitude imprópria, como a que demonstra no discurso em defesa de Célio[1], ao dizer: "se o homem vive no meio da opulência e da ociosidade, não é estranho que se entregue aos prazeres; tolice é não tirar partido do que se tem à disposição, e até os mais ilustres filósofos defendem que a felicidade está no prazer". 5. Conta-se ainda que, quando cônsul, defendeu Murena, que era perseguido por Catão, e, visando atingir este último, ridicularizou a escola estóica por causa da extravagância das suas opiniões, nomeadamente, dos chamados paradoxos. Como as fortes gargalhadas iam da assistência aos juízes, Catão, com um ligeiro sorriso, disse aos que estavam a seu lado: "que bem humorado é o nosso cônsul!" 6. Parece que a tendência para a chacota era natural em Cícero e a própria expressão do seu rosto era sorridente e serena. Já a de Demóstenes era sempre séria e ele não abandonava facilmente o ar pensativo e circunspecto. Por isso os inimigos, como ele próprio diz[2], costumavam chamar-lhe abertamente mal-humorado e de trato difícil.

2.1. É ainda possível verificar nos escritos de ambos que este só aceitava fazer um auto-elogio quando isso fosse necessário com vista a algo mais importante, e fazia-o com medida, sem exagerar; de resto, ele era um homem contido e moderado. Ao contrário, a imoderação de Cícero nas palavras que proferia sobre si

---

[1] Cf. Cícero, *Cael.* 17. 41.
[2] Cf. Demóstenes, *Phil.* 2. 30.

mesmo revelava a incapacidade de conter o seu desejo de glória, por isso clamava que as armas deviam ceder à toga e o loureiro triunfal à oratória[3]. 2. Por último, não se limitava a louvar as obras e as acções mas até os discursos, quer os que proferia quer os que apenas escrevia, como alguém que ingenuamente procurasse medir-se com Isócrates ou Anaxímenes, e não como um homem que tinha de conduzir de forma digna e correcta o povo romano, "esse guerreiro de armas pesadas que arrasa os inimigos"[4]. 3. O homem de Estado precisa da eloquência para ganhar força, mas a paixão e a avidez da fama que vem das palavras são indignas. Por isso, neste aspecto, Demóstenes demonstra maior seriedade e grandeza quando afirma que a sua capacidade é fruto de exercitação e depende em muito da boa vontade dos ouvintes[5], considerando mesquinhos e vulgares – e são-no, de facto – os que se deixam inchar com isso.

3.1. Ambos possuíram igual talento oratório e político, a ponto de terem recorrido, tanto a um como a outro, chefes militares e comandantes de exércitos: a Demóstenes, Cares, Diopites e Leóstenes; a Cícero, Pompeu e o jovem César, como este mesmo escreveu nas suas Memórias, dedicadas a Agripa e a Mecenas[6]. 2. Mas aquilo que se diz e parece ser a coisa mais importante para pôr à prova e revelar o carácter de um homem, a

[3] Cf. Cícero, *Pis.* 72. 75.

[4] Verso de uma tragédia perdida de Ésquilo.

[5] Cf. Demóstenes, *De cor.* 277.

[6] Deste livro de Memórias fala também Suetónio na *Vida de Augusto*, 85.

saber, o poder e a autoridade, que fazem desencadear todas as paixões e põem a descoberto toda a maldade, disso não teve Demóstenes experiência e disso não fez prova, pois não exerceu nenhum cargo importante, nem sequer chefiou as forças por si reunidas contra Filipe. 3. Já Cícero foi enviado como questor para a Sicília e como procônsul para a Cilícia e a Capadócia. Aí – num tempo em que a paixão pelas riquezas atingira o auge e em que os pretores e governadores enviados para as províncias, julgando o roubo ignóbil, se entregavam abertamente às pilhagens, e não lhes parecia mal ocupar propriedades, sendo até apreciados os que o fizessem moderadamente – Cícero deu muitas provas do seu desprezo pelo dinheiro, mostrando um grande sentido de humanidade e de bondade. 4. E mesmo em Roma, quando, apesar do título de cônsul, tinha a possibilidade de exercer um poder autocrático e ditatorial contra os que estavam envolvidos na revolta de Catilina, confirmou a profecia de Platão, segundo a qual, as cidades só alcançariam o fim dos seus males quando, por um feliz acaso, se juntassem ao poder a sabedoria e a justiça[7]. 5. Já de Demóstenes se diz, em tom de crítica, que ganhou dinheiro à custa da sua eloquência, ao escrever em segredo discursos tanto para Formião como para Apolodoro – partes adversárias num mesmo processo; e foi acusado de aceitar dinheiro do grande rei e condenado por tê-lo recebido de Hárpalo. 6. Poder-se-á dizer que mente quem escreveu estas coisas (e não são poucos os que o fizeram). Mas o que é impossível negar é que um homem que costumava

[7] Cf. Platão, *Rep.* 473d.

emprestar a juros não seria capaz de rejeitar os presentes que, por estima, lhe ofereciam reis. 7. De Cícero, porém, se diz que resistiu a aceitar muitos presentes e até coisas de que precisava, quer da parte dos Sicilianos, quando foi seu questor, quer do rei da Capadócia, quando lá exerceu funções de procônsul, quer até dos amigos em Roma, quando foi banido da cidade.

4.1. Certo é que, para um, o exílio foi vergonhoso, pois resultou de uma condenação por roubo; para o outro, foi consequência da mais bela das acções – libertou a pátria de criminosos. 2. Por isso, sobre o de Demóstenes, caiu o silêncio, enquanto o exílio de Cícero levou o Senado a vestir-se de luto e a recusar deliberar sobre qualquer outro assunto antes de ser votado o seu regresso. Por outro lado, é verdade que Cícero nada fez de útil durante o exílio, tendo passado todo o tempo inactivo na Macedónia, enquanto para Demóstenes o próprio exílio constituiu uma parte importante da sua carreira política. 3. Na verdade, ele correu as cidades, combatendo ao lado dos Gregos, como se disse, e expulsando os embaixadores macedónios, e nisso mostrou ser muito melhor cidadão do que Temístocles e Alcibíades nas mesmas circunstâncias. E mais: quando regressou à cidade entregou-se a esta mesma política, continuando a combater Antípatro e os Macedónios. 4. Já Cícero foi insultado por Lélio no Senado por se ter mantido sentado em silêncio, enquanto César, que mal tinha ainda barba, pretendia ilegalmente o consulado. Também Bruto o acusa por escrito de ter sido o tutor

de uma tirania maior e mais pesada do que a que ele próprio havia destruído[8].

5.1. Quanto ao fim que tiveram, um deles só pode suscitar a nossa compaixão – um velho que, sem dignidade, se fez transportar pelos servos de um lado para o outro, tentando escapar à morte e escondendo-se dos que lha traziam não muito antes do que seria natural, acabando degolado. Em relação ao outro, embora se tenha rebaixado à situação de suplicante, é admirável a previdência que o levara a preparar o veneno e a mantê-lo sempre consigo, e admirável é também o tê-lo tomado, pois não tendo conseguido a protecção da parte do deus, refugiou-se como que num altar maior, escapando assim às armas dos guardas e pondo a ridículo Antípatro e a sua crueldade.

---

[8] Cf. Cícero, *Ad Brut.* 1. 16.

Bibliografia

Edições, Traduções e comentários

ABBATE, M.S.: *Plutarco. Vite Parallele. Demostene e Cicerone* (Roma, Grandi Tascabili Economici Newton, 2006).

FLACELIÈRE, R. & CHAMBRY, É.: *Plutarque. Vies XII. Démosthène – Cicéron* (Paris, Les Belles Lettres, 1976).

MOLES, J.L.: *Plutarch: Lives. Cicero* (London, Aris & Phillips, 1988).

PERRIN, B., *Plutarch's Lives. Demosthenes and Cicero, Alexander and Caesar* (Harvard, University Press, 1971).

ZIEGLER, K.: *Plutarchi Vitae Parallelae* (Leipzig, Teubner, 1959-1971).

Estudos

BECCHI, F. (2008), "Virtu e fortuna nelle *Vitae* e nei *Moralia* di Plutarco" in FERREIRA, J.R., VAN DER STOCKT, L. & FIALHO, M.C. (eds.) 39-52.

BECK, M. (2000), "Anecdote and the representation of Plutarch's *ethos*" in VAN DER STOCKT, L. (ed.) (2000) 15-32.

CARRARA, P. (2008), "I poeti tragici maestri di virtù nelle opere di Plutarco" in FERREIRA, J.R., VAN DER STOCKT, L. & FIALHO, M.C. (eds.) (2008) 65-74.

COOPER (2001), "Philosophers, politics, academics: Demosthenes' rhetorical reputation in antiquity" in WORTHINGTON, I. (ed.) (2001) 224-245.

DUFF, T.E. (1999), *Plutarch's Lives. Exploring Virtue and Vice*, Oxford, University Press.

EVERITT, A. (2004), *Cícero – uma vida*, Lisboa, Quetzal.

FERNÁNDEZ DELGADO, J.A. & PORDOMINGO PARDO, F. (eds.) (1996), *Estudios sobre Plutarco: aspectos formales*, Universidad de Salamanca, Ediciones Clasicas.

FERREIRA, J.R., VAN DER STOCKT, L. & FIALHO, M.C. (eds.) (2008), *Philosophy in Society: Virtues and Values in Plutarch*, Leuven – Coimbra , Katholieke Universiteit – Imprensa da Universidade.

FERREIRA, J.R., LEÃO, D., TRÖSTER, M. & DIAS, P.B. (eds.) (2009), Symposion *and* Philanthropia *in Plutarch*, Coimbra, CECH.

JAEGER, W. (1986), *Paideia. A formação do homem grego*, S. Paulo, Martins Fontes.

MARROU, H. (1964), *Histoire de l' éducation dans l' Antiquité*, Paris, Ed. Seuil.

PEREIRA, B.F. (2005), *Retórica e Eloquência em Portugal na época do Renascimento*, Coimbra, ed. Autor.

PINHEIRO, J.J.S. (2009), "O sentido de *philanthropia* nas biografias de Coriolano, Cícero e Catão de Útica" in FERREIRA, J.R., LEÃO, D., TRÖSTER, M. & DIAS, P.B. (eds.) (2009) 359-366.

STADTER, P. A. (1996), "Anecdotes and the thematic structure of Plutarchean biography" in FERNÁNDEZ DELGADO, J.A. & PORDOMINGO PARDO, F. (eds.) (1996) 291-303.

SWAIN, S. (1989), "Plutarch: Chance, Providence and History", *AJPh* 110 (1989) 272-301.

SWAIN, S. (1992), "Plutarchan Synkrisis", *Eranos* 90 (1992) 101-111.

VAN DER STOCKT, L. (ed.) (2000), *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarch*, Louvain-Namur, Peeters.

VÁRZEAS, M. (2009), "Tragedy and *philanthropia* in the *Lives of Demosthenes and Cicero*" in FERREIRA, J.R., LEÃO, D., TRÖSTER, M. & DIAS, P.B. (eds.) (2009) 333-340.

WORTHINGTON, I. (ed.) (2001), *Demosthenes: Statesman and Orator*, New York, Routledge.

Índice de nomes

Volumes publicados na *Colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos Gregos*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: Plutarco. *Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).

13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas Paralelas – Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

Impressão:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 - Loja 4
3000 Coimbra

Ressalta da abertura destas biografias aquilo que parece ser uma espécie de programa moral e que pode sintetizar-se na identificação da felicidade com a virtude. Defende Plutarco que não é na grandeza da pátria que se deve procurar a explicação para a felicidade dos homens, mas "no carácter e nas disposições da alma". Por isso, na análise das acções de Demóstenes e de Cícero, o biógrafo procura rastrear os traços de carácter que, em parte, determinaram os sucessos e os fracassos de cada um, destacando uma trajectória de vida que corre paralela à das respectivas cidades.





